

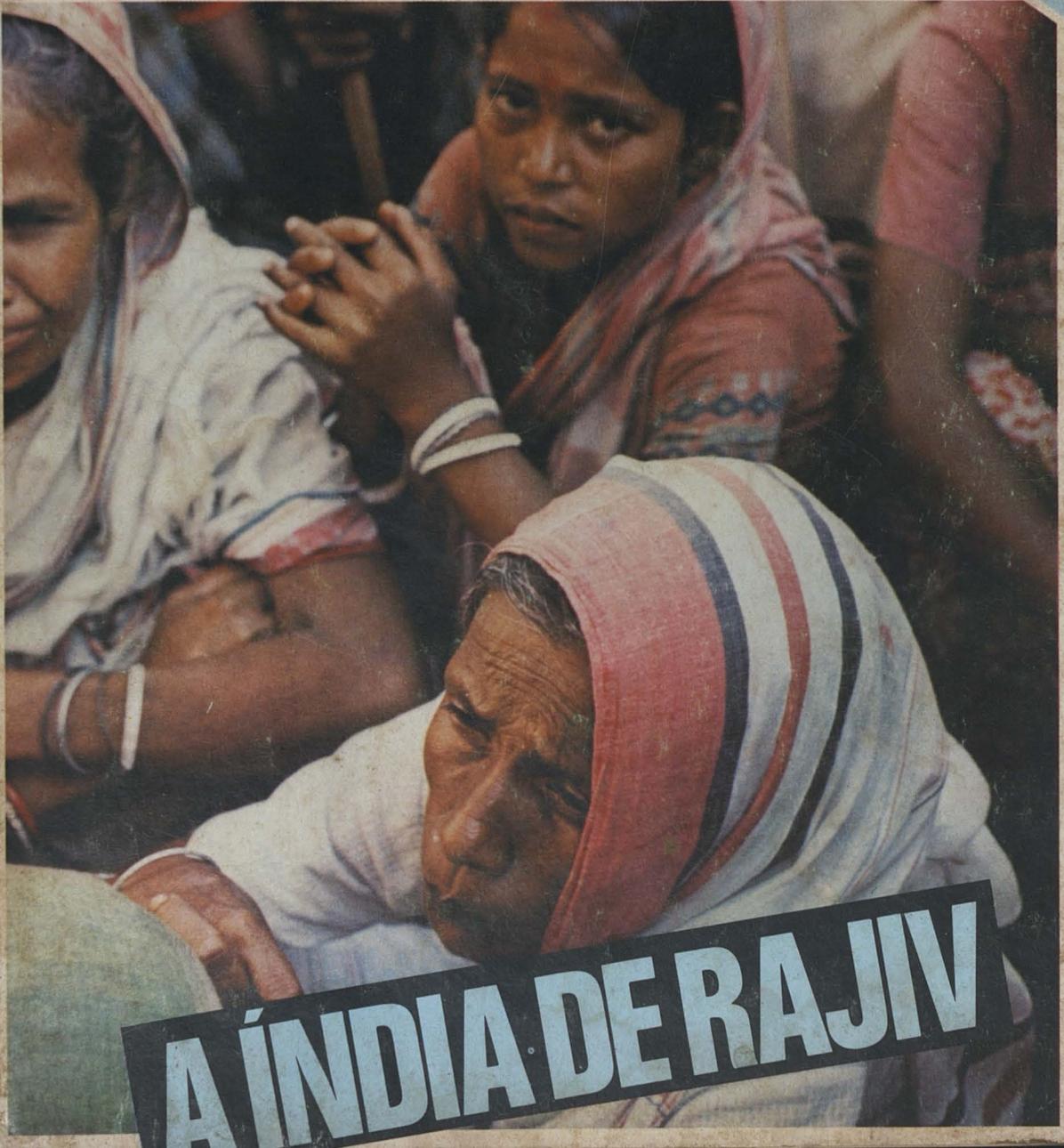
Manaus, Santarém, Rio Branco, Altamira,  
Boa Vista, Macapá, Porto Velho - Cz\$ 19,50

cadernos do

# terceiro mundo

Cz\$ 15,00 • Ano IX • Nº 90

Países de  
língua portuguesa  
unificam ortografia



**A ÍNDIA DE RAJIV**

Não existe nada mais precioso para um povo do que a sua liberdade.



**Diamantes de Angola**  
A Serviço da Reconstrução Nacional

## Os caminhos sinuosos do desenvolvimento

Convidado em nome de *cadernos* e do *Guia do Terceiro Mundo*, Roberto Remo Bissio participou de um encontro de jornalistas de publicações independentes na Índia, em abril passado. Esse encontro faz parte dos esforços para construir uma rede de intercâmbio de informações entre profissionais da comunicação que estão unidos pelo objetivo comum de criar alternativas para as fontes informativas transnacionais controladas pelos países capitalistas industrializados. De certa forma, é a continuação de um trabalho de aproximação entre os diferentes continentes que formam o Terceiro Mundo, iniciado com a reunião de Penang (Malásia), em novembro de 1984, na qual nosso projeto editorial foi representado também por Roberto Bissio.

Neste número, dedicado à Índia, *cadernos do terceiro mundo*, através de seu enviado especial — que percorreu o país de norte a sul durante um mês — mostra as facetas contraditórias que fazem da pátria de

Mahatma Gandhi um desafio permanente para a imaginação e a criatividade dos dirigentes do Terceiro Mundo e apresenta um tema para reflexão: os caminhos do desenvolvimento nem sempre coincidem, em nossos países explorados, com o caminho traçado pelo mundo industrializado.

A Índia está vivendo um desafio: conhecer-se a si mesma em toda a sua diversidade e escolher uma via de desenvolvimento que respeite e considere as suas características culturais, étnicas e religiosas, ou enquadrar-se na camisa de força de um modelo importado que pode agradar os burocratas ocidentalizados que perseguem números aceitáveis para apresentar aos organismos internacionais, mas deixam de lado as aspirações da grande maioria da população.

As opções e dificuldades da Índia são também as de outros países do Terceiro Mundo. Conhecê-las nos ajudará a conhecer-nos mais.

Publicações com informações e análises das realidades, aspirações e lutas dos países emergentes, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Informativa Internacional

**Diretor Geral:** Neiva Moreira

**Diretor Geral Adjunto:** Pablo Piacentini

**Editora:** Beatriz Bissio

**Sub-Editores:** Carlos Castilho (África)  
Roberto Remo Bissio  
(América Latina)

**Conselho Editorial Internacional**

Darcy Ribeiro  
Juan Somavía  
Henry Pease García  
Aquino de Bragança  
Wilfred Burchett (1911-1983)

Revista Mensal nº 90  
Junho - 1986  
Preço de capa: Cz\$ 15,00  
Nºs atrasados: ao preço  
do último exemplar

**Coordenador de Produção**

José Carlos Gondim

**Redação permanente**

Claudia Neira, Roberto Bordini, Horacio Castellanos Moya, Baptista da Silva, Carlos Pinto Santos, Guiomar Belo Marques, Raul Gonçalves, Cristina Canoura, Artur Poerner, Antonio Araújo

**Revisão**

Sandra Castello Branco, Célia Márcia Soares

**Departamento de Arte**

Sônia Freitas, Miguel Efe, Vanda Freitas, Pedro Toste, Reginaldo Cavas

**Centro de Documentação**

Helena Falcão, Lídia Freitas, Eunice H. Senna, Elizabeth Mesquita, Leila Maria C. Pinto, Joazira Lima (Brasil), Cristina Assis (Portugal), Sybille Flaschka (México)

**Composição**

Ronaldo Fonseca, João de Abreu, Luiz da Silva Correia

**Colaboradores:** Gregorio Selser, César Arias Quincot, Cedric Belfrage, Fernando Molina, Mark Fried, Moucir Werneck de Castro, Eduardo Molina y Vedia, Ash Narain Roy, Alberto B. Mariani, Maluza Stein, Sol Carvalho, José Monserrat Filho, Herbert de Souza, Theotônio dos Santos, Ladislau Dowbor, Luis Maira, Roger Rumrill, David Fig. A. W. Singham, Alex Mashinini, Laurine Platsky, Ana Maria Urbina, Ligia Chaves, Francesca Gargallo, Jim Cason, Sam Ramsamy, Grdvia Kuncar, Hugo Neves, Otoniel Martínez, Deborah Hittington, Alan Naim, Rodrigo Jaubert, Ezequiel Diaz, Alice Nicolau, João Melo, Mia Couto, Luis Molta, Orlando Senna, Rodolfo de Bonis, Ravindran Casinader, Phill Harris, Abdul Nafey, Francisco C. Gomes, Jorge A. Richards, Claude Alvarez, Carlos Núñez, Pablo Mariftez, Mario de Cautín, Julio Rossiello, Peter Law, Agostinho Jardim Gonçalves, Nils Castro, Octavio Tostes, Ricardo Bueno, M. Venugopala Rao, Narinder Koshla, Nilton Santos, Victor Bacchetta

**Correspondentes:**

**Argentina:** Horacio Verbitsky  
Lavalle 1282 - 1er. piso Of. 12 y 14 - Telef. 35-81-94  
Buenos Aires, Capital Federal

**Chile:** Fernando Reyes Matta  
Casilla 16637 - Correo 9 Providencia - Santiago de Chile

**Ecuador:** José Steinsinger  
Apartado 8968, suc. 7 - Torres de Almagro - Quito

**Peru:** Rafael Roncagliolo

Apartado 270031 - Lima 27

**Colômbia:** Guillermo Segovia Mora

Apartado Aéreo 10465 - Telef. 285-66-14 - Bogotá

**Nicarágua:** Arquielos Morales

Apartado 576 - Manágua

**Estados Unidos:** Gino Lofredo  
1648 Newton St. N.Y. Washington D.C. 20010

**Moçambique:** Etevaldo Hipólito

Rua de Pina 109, Sommerchield - Maputo

**Circulação em 70 países**

cadernos do terceiro mundo utiliza os serviços das seguintes agências: ANGOP (Angola), AIM (Moçambique), INA (Iraque), IPS (Inter Press Service), ALASEI (México), SALPRESS (El Salvador), SHIHATA (Tanzânia), Wafa (Palestina) e o pool de agências dos países não-alinhados. Mantém também intercâmbio editorial com as revistas Africa News (Estados Unidos), Nueva (Equador), Novembro (Angola), Tempo (Moçambique), Altercom (Illet-México-Chile) e Third World Network (Malásia).

**Capa: Abaeté Propaganda**

**Foto da capa: Roberto Remo Bissio**

**EDIÇÕES REGIONAIS**

• **Edições em Português**

**BRASIL**

**Diretor e Editor:**

Neiva Moreira

**Susumaia:**

Paulo Cannabrava Filho

Caixa Postal 60086 CEP 05033 - São Paulo

Clovis Senna - Brasília

**Circulação, Assinaturas e Promoção:**

Henrique Menezes, Inácio dos Santos e Macário Costa

**Fotolito e Impressão:**

Ébano Gráfica e Editora Ltda. - Rua Gal. Bruce, 799

Tel.: 580-7171

**Editora Terceiro Mundo Ltda.**

Rua da Glória, 122 / 105-106 - CEP 20241 Rio de Janeiro

RJ - Telef: 242-1957 - Telex: 21-33054 CTMB-BR

**ANGOLA, CABO VERDE,**

**GUINÉ-BISSAU, MOÇAMBIQUE e PORTUGAL**

**Editor:**

Artur Baptista

**Tricontinental Editora Ltda.**

Calçada do Combro, 10/19 - Lisboa - 1200 - Telef: 32-06-50

Telex: 42720 CTM-TE-P

• **Edições em Espanhol**

**MÉXICO, CARIBE, AMÉRICA-CENTRAL**

**Editor:**

Rubén Aguilar

**Correspondência:**

Apartado 20572 - 01000 México, D.F.

**Impresso em:**

Litográfica Cultural - Isabel la Católica, 922, México, D.F.

**Editorial Periodistas del Tercer Mundo**

California 98 A - Colonia Parque San Andrés, Coayacán

Telef: 689-1740 - 04040 México, D.F.

**RIO DA PRATA**

**Diretores:**

Gerónimo Cardoso, Roberto Remo Bissio

**A.C.U. S/A**

Avda. 18 de Julio 1263, 3er piso - Montevideo, Uruguay

• **Edição em Inglês (bimestral)**

**Editor:** Carlos Castilho

**Editor Adjunto:** Roberto Rappro

**Correspondência:**

Rua da Glória, 122/105-106 - CEP 20241 - Rio de Janeiro, RJ

**DISTRIBUIDORES**

**ANGOLA:** EDIL - Empresa Distribuidora Livreira UEE, Rua da Missão, 107/111 - Luanda. **BELIZE:** Cathedral Book Center, Belize City. **BÉLGICA:** SEUL, Bruxelas. **BOLÍVIA:** Tecnolibros S.R.L., Casilla de Correo 20288, La Paz. **BRASIL:** Fernando Chinaglia Distribuidora S.A., Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro. **CANADÁ:** Coop-Books Shop, Winnipeg. **COLÔMBIA:** Guillermo Segovia Mora, Bogotá. **COSTA RICA:** Centro Popular de Educación "Vecinos", San José. **EQUADOR:** DINACUR, Quito. **EL SALVADOR:** Librería Tercer Mundo, 1ra. Calle Poniente 1030, San Salvador. El Quijote, Calle Arce 708, San Salvador. **ESTADOS UNIDOS:** Praire News Agency, Chicago, Ill. Bread and Rose, San José, CA. Modern Times, San Francisco, CA. Grass Roots Events, San Diego, CA. Book Center, San Francisco, CA. Librería del Pueblo, New Orleans, LA. New World Resource Center, Chicago, Ill. Food for Thought, Amnherst, MA. Dinkytown News, Minneapolis, MN. Red and Black, Washington, DC. Bookworks, San Francisco, CA. **FRANÇA:** L'Harmattan Libraire Center, Paris. Ekinos, Biarritz. **GRÁ-BRETANHA:** Latin American Book Shop, 29, Islington Park Street, Londres. **GUINÉ-BISSAU:** Departamento de Edição-Difusão do Livro e Disco, Conselho Nacional da Cultura, Bissau. **HOLANDA:** Athenæum Boekhandel, Spui 14-16, Amsterdam. **HONDURAS:** Roberto Sosa, Tegucigalpa. **ITÁLIA:** Paesi Nuovi, Roma. **MÉXICO:** Mais de 100 livrarias em todo país. **MOÇAMBIQUE:** Instituto do Livro e do Disco, Av. Ho Chi Minh 130, Maputo. **NICARÁGUA:** Imelsa, Manágua. **PANAMÁ:** Ediciones C.C.S., Panamá. **PERU:** Distribuidora Runamarka, Camaná, 878, Lima 1. **PORTUGAL:** Dijornal, Rua Joaquim António de Aguiar, 66, Lisboa. **PORTO RICO:** Librería Paliques, Ponce. **La Tertulia, Río Piedras. REPÚBLICA DOMINICANA:** Fondo Editorial, São Domingos. **CEDEC, São Domingos. REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA:** Con-Vertrieb, Bremen. **S. TOMÉ e PRÍNCIPE:** Ministério de Informação e Cultura Popular. **SUÉCIA:** Librería Latinoamericana. Estocolmo. **URUGUAI:** Heber Berriel y Nery Martínez, Paraná, 750, Montevideo. **VENEZUELA:** Publicaciones Españolas S.A., Caracas.

cadernos do  
**terceiro mundo**

# PARA PREÇOS CONGELADOS PROMOÇÃO QUENTE. APROVEITE!

## VOCÊ CONSEGUE: E GANHA DE BRINDE:

3 assinaturas da revista

1 assinatura da revista + 1 assinatura trimestral do Semanário O País, ou os 4 livros da "Estante do Terceiro Mundo" (veja no verso desta página) + 1 assinatura trimestral do Semanário O País.

2 assinaturas da revista

1 livro da "Estante do Terceiro Mundo" + 1 assinatura trimestral do Semanário O País.

1 assinatura da revista

4 semanas do Semanário O País.

Envie-nos preenchidos os 4 cupons abaixo. Junte a eles cheque nominal ou vale postal (Ag. Central) no valor correspondente aos pedidos efetuados, em nome da Editora Terceiro Mundo Ltda. Caso deseje fazer um pedido individual utilize apenas um cupom.

Desejo uma assinatura anual de cadernos do terceiro mundo. Minha opção de pagamento é de:

- 02 parcelas de Cz\$ 90,00. A 1ª parcela juntamente com este cupom por  cheque nominal ou  vale postal - ag. central. (A 2ª parcela será cobrada por banco, para pagamento em 30 dias. Aguarde).
- À vista, com desconto, por Cz\$ 150,00, enviados juntamente com este cupom por  cheque nominal ou  vale postal-ag. central.

Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....

Desejo uma assinatura anual de cadernos do terceiro mundo. Minha opção de pagamento é de:

- 02 parcelas de Cz\$ 90,00. A 1ª parcela juntamente com este cupom por  cheque nominal ou  vale postal - ag. central. (A 2ª parcela será cobrada por banco, para pagamento em 30 dias. Aguarde).
- À vista, com desconto, por Cz\$ 150,00, enviados juntamente com este cupom por  cheque nominal ou  vale postal-ag. central.

Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....

Desejo uma assinatura anual de cadernos do terceiro mundo. Minha opção de pagamento é de:

- 02 parcelas de Cz\$ 90,00. A 1ª parcela juntamente com este cupom por  cheque nominal ou  vale postal - ag. central. (A 2ª parcela será cobrada por banco, para pagamento em 30 dias. Aguarde).
- À vista, com desconto, por Cz\$ 150,00, enviados juntamente com este cupom por  cheque nominal ou  vale postal-ag. central.

Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....

De acordo com esta promoção, estou remetendo Cz\$ ..... em ( ) cheque nominal ou ( ) vale postal - ag. central - em nome da Editora Terceiro Mundo Ltda.

Considerando a eventualidade de alguns dos pedidos serem parcelados, aguardo a remessa do brinde a que tenho direito assim que as assinaturas estiverem quitadas.

Brinde escolhido: .....  
Nome: .....  
Endereço: .....  
Bairro: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... CEP: ..... Tel: .....

Desejo receber pelo reembolso postal os livros assinalados com os descontos a que tiver direito

Código	Quantidade

Nome: .....

Profissão: ..... Idade: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... Estado: ..... CEP: .....

● Porte a cobrar sobre valor líquido, isto é, deduzido de desconto se houver.

Editora Terceiro Mundo Ltda., Rua da Glória, 122 - grupo 105/106 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20241

Data ..... / ..... / .....

"Estante" da revista nº 90, válida exclusivamente para pedidos no período de circulação da mesma.

Ass. do Comprador \_\_\_\_\_

## TABELA DE DESCONTOS

- 5% para "não-assinantes" em 2 livros.
- 10% para "não-assinantes" em 3 livros ou mais.
- 10% para "assinantes" na compra de 2 livros.
- 15% para "assinantes" em 3 livros ou mais.

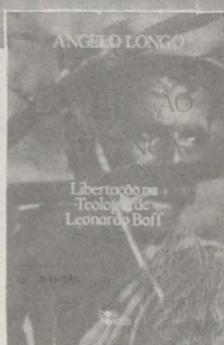


### OS LUCROS DA FOME

de Miranda Neto

O livro focaliza os principais problemas que afligem a agricultura brasileira, tais como: a modernização agrícola que esquece o homem do campo, a produção de energia em detrimento da produção de alimentos, a concentração da propriedade fundiária e a ineficiência e o abuso da comercialização de gêneros alimentícios. 180 pág.

E-67 Cz\$ 35,00



### DOMINAÇÃO & MUDANÇA

de Angelo Longo

O livro abrange duas questões, articuladas entre si, como expressão de uma perspectiva crítica. A primeira questão é - Dominação & Mudança: Processos Dialéticos Fundamentais. A segunda: O Discurso de Boff: Prédicas x Práxis. 91 pág.

E-64 Cz\$ 25,00



### INFLAÇÃO ZERO - BRASIL, ARGENTINA E ISRAEL

Persio Arida (org.)

Os três textos desta coletânea têm como objetivo comum fornecer elementos para uma avaliação da teoria e da prática das reformas monetárias. 96 pág.

E-65 Cz\$ 28,00



### A UDN E O UDENISMO

Ambiguidades do liberalismo brasileiro

Originalmente uma tese de doutoramento na USP, o presente trabalho submete a uma análise aguda e despreconceituosa a história da UDN e suas características como partido. O resultado é um quadro que enriquece a nossa compreensão da vida política brasileira em geral. 297 pág.

E-66 Cz\$ 75,00



6 **Cartas**

9 **Panorama Tricontinental**

16 **Editorial – As dramáticas lições de Tchernobyl**, *Neiva Moreira*

18 **Matéria de Capa – A Índia de Rajiv**, *Roberto Remo Bissio*

19 Na encruzilhada

33 Por um desenvolvimento sadio, *Ranachandra Guha*

36 A bomba no país da paz

37 Confiar na sabedoria do povo

**América Latina**

41 **Nicarágua: O ataque à Líbia, um sinal de alarme**, *Roberto Bardini*

45 “Estamos dispostos a morrer”

**África**

49 **Angola: A Unita em Portugal**

54 **Egito: Tempos difíceis para Mubarak**, *Baptista da Silva*

61 **Uganda: O esforço para consolidar a paz**, *Carlos Castilho*

**Ásia**

67 **Coréia do Sul: A vez do pequeno dragão**, *Carlos Pinto Santos*

74 **Filipinas: Os moros aguardam definições**, *Alberto B. Mariantoni*

**Cultura**

76 **Misquitos: o direito à educação**, *Víctor Bacchetta*

**Mulher**

80 **Uma nova forma de escravidão**, *Halinah Todd*

**Infância**

83 **Quando a infância é proibida**, *Appen Features*

**Ciência e Tecnologia**

85 **O perigo dos alimentos irradiados**

87 **Especial – O português em 1988**, *Antonio Aragão*

88 **A unificação da ortografia**

89 **As resoluções**

92 **Uma decisão de alto valor político, entrevista com o filólogo Antonio Houaiss**

94 **O português e as línguas nacionais**

96 **Humor: Michelangelo**



Líbia e Nicarágua:  
na mira da Casa Branca



Tensões sociais no Egito



Houaiss: a batalha por uma  
nova ortografia portuguesa



## Sobre a transferência dos refugiados guatemaltecos

Durante o segundo semestre de 1984 realizou-se a transferência da maior parte dos refugiados guatemaltecos que estavam na selva "Marqués de Comillas", Chiapas, para os estados mexicanos de Campeche e Quintana Roo. Essa transferência caracterizou-se pelo uso de medidas coercitivas e violentas (queima de acampamentos, pressões relacionadas com alimentos, sequestro de membros da igreja que trabalhavam na região e até casos extremos de tortura a refugiados), que foram denunciadas na ocasião.

Nesse período, não se levaram em conta os reiterados pedidos dos refugiados e de nossa diocese que os acompanha, no sentido de dialogar para encontrar soluções viáveis que assegurassem o respeito aos direitos humanos e favorecessem tanto os interesses de nosso país como os da comunidade refugiada.

Em consequência dos métodos desumanos usados com os refugiados da selva, um grupo deles, do acampamento de Chajul, negou-se a abandonar o lugar. A partir desse momento (meados de 1984), o acampamento ficou sob o controle da marinha mexicana, que o transformou em um lugar "reservado" ao qual se impedia a entrada de qualquer visitante (à exceção de duas ou três delegações), da imprensa nacional e internacional e inclusive do pessoal da igreja.

Desde então, os refugiados foram submetidos a pressões inaceitáveis para obrigá-los a concordar com a transferência da qual eram objeto: restrições alimentares, falta de atenção médica e cercos da marinha, que os impediam de trabalhar e em

certas ocasiões até de lavar roupa ou tirar água do rio. Eram também obrigados a trabalhar jornadas completas na construção de quartéis.

Depois de viver um ano e meio nesta situação, no dia 18 de dezembro do ano passado, a transferência se concretizou, mais uma vez com o uso de medidas violentas que nos vemos na obrigação de denunciar, assim como solidarizar-nos com as vítimas, compartilhando sua justa dor e denúncia.



### Os fatos

Os próprios refugiados relatam os fatos da seguinte maneira: no dia 18 de dezembro o acampamento de Chajul foi cercado, aproximadamente, por 200 elementos da marinha, que impediram o movimento dos refugiados. Chegaram funcionários da Comar e Acnur que, depois de distribuir biscoitos para as crianças e cigarros para os adultos, lhes comunicam que seriam transferidos para Quintana Roo e que tinham 15 minutos para juntar os seus pertences.

Os refugiados dizem que se mantiveram em silêncio como resposta, diante do que os soldados, como demonstração de força, tomaram os quatro representantes a quem pretendiam embarcar em lanchas. A maioria da população começa a chorar "ao ver que estavam passando por outro momento seme-

lhante aos sofrimentos da Guatemala e seu exército de Kaibiles". Assim, durante essa manhã, homens, mulheres e crianças foram maltratados e introduzidos pela força, inclusive muitos amarrados, nas lanchas que os transportaram até Pico de Oro, de onde partiram em caminhões para Palenque.

Durante a operação, segundo os refugiados, desapareceram duas pessoas: Bernabé Lucas Gregorio, de 15 anos, e Pedro Ordóñez López, de 20. Fazemos um apelo às autoridades para que se investigue e se resolvam o quanto antes estes casos.

No noticiário da imprensa informou-se que esta transferência se efetuou de forma voluntária e sem incidentes e que foi feita, entre outros motivos, "para evitar o contágio da tuberculose e da malária na população mexicana". Em honra à verdade, se a situação de saúde estivesse deplorável, seria única e exclusiva responsabilidade da Comar, que desde meados de 1984 impedia que se fizesse chegar qualquer tipo de ajuda aos refugiados, sendo só ela que os "atendia". Isso não acontece em outros campos de refugiados, onde uma união implícita de esforços conseguiu superar os problemas mais graves de alimentação, educação e saúde.

Conscientes de que situações como estas põem em perigo a boa imagem de nosso país e a mediação que com tanto esforço faz pela paz na América Central, nos vemos na obrigação evangélica de erguer a voz em defesa daqueles que, fazendo-o, não são escutados. Com isso buscamos colaborar para que se mantenham intactos os princípios de proteção que fizeram com que nossa nação fosse reconhecida na comunidade internacional.

Bispo de São Cristóbal de las Casas — Chiapas — México

10 de junho de 1978  
 Alma do Sul  
 Alma do Sul  
 Alma do Sul

## O riso do racista

Um programa humorístico saudável faz bem para os nossos espíritos. No entanto, fazer humor de forma crítica, utilizando esta arte para contribuir com as transformações que a sociedade brasileira vem sofrendo, é algo raro no Brasil. O comum dos programas de humor a que assistimos pela televisão tem um conteúdo bastante conservador. Perpetuam valores discriminatórios e se utilizam de situações de injustiças para fazer rir um público majoritariamente de pouca idade.

Qualquer sul-africano racista que assistisse ao programa dos Trapalhões no domingo 26 de janeiro de 1986 se sentiria em casa ao ver o Mussum

passar a imagem de que o negro e o macaco são "a mesma coisa". Provavelmente nenhum racista da África do Sul assistiu a este programa, mas sem dúvida muitos racistas brasileiros se divertiram com ele.

Programas como este que vi pela televisão fazem arrepiar os nervos de nós, negros. Só nos resta lutar contra este racismo deslavado.

**Aderaldo Pereira dos Santos** —  
 Rio de Janeiro — Brasil

## Cuba - hoje

A edição nº 80 de cadernos traz um interessante trabalho sobre Cuba, escrito por Beatriz Bissio. Consideramos um trabalho sério, bem feito e veraz. As matérias abrangem diferentes atividades da vida de nosso povo com clareza e objetividade jor-

nalística, tanto assim que estamos recomendando a nossos amigos no exterior que o leiam. Pensamos que para os amigos de Cuba, para as instituições de amizade, assim como para os estudiosos e outras pessoas interessadas em Cuba, é um documento extraordinário.

Desejamos que no futuro possamos estabelecer um intercâmbio entre os cadernos e o nosso Instituto, que seja de proveito comum. (...) O trabalho de nosso Instituto é justamente consolidar a amizade entre os povos irmãos e o nosso, ajudar a conhecer a verdade sobre "Cuba hoje" e estreitar os vínculos e as relações fraternais entre os povos e homens que aspiram a um futuro feliz.

**Instituto Cubano de Amizade com os Povos** — (17 NO. 301) —  
 Havana — Cuba

## Intercâmbio

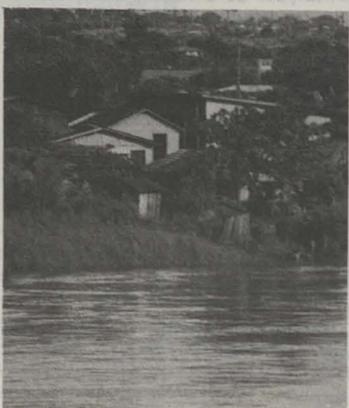
- **João da Silva Castelbranco**  
 Av. Belavista, 16C-52-2900, Setúbal, Portugal
- **Antônio Domingos da S. Agostinho**  
 Escola Nacional de Aviação Militar, C.P. 140, Negage, Uíge, Angola
- **Antônio Joaquim José**  
 Escola Nacional de Aviação Militar, C.P. 140, Negage, Uíge, Angola
- **Manuel da Conceição Custódio**  
 Escola 10 de Fevereiro, Benguela, Angola
- **Paulino Dinis Capitão Ferreira**  
 C.P. 60, a/c Dinis Ferreira Benguela, Angola
- **André Mesquita Gomes (TULY)**  
 C.P. 1184, Benguela, Angola
- **Adão João "Joãozinho"**  
 C.P. 487, Luanda, Angola
- **Rodrigues Manuel Filipe**  
 C.P. 6363, Luanda, Angola
- **José Emiliano Pinto de Andrade**  
 Baky, Boehho Mapckou Flota 21-A, Ytuluc, U.R.S.S.
- **Mário João Gomes Estina**  
 C.P. 1636, Benguela, Angola
- **Cordeiro Neto Domingos (Russo)**

Soldado da 2ª Companhia do 3º Batalhão Territorial da Kissama — Mucima, Província do Bengo, Município da Kissama, Angola

- **José Bento Evaristo**  
 C.P. 380, Benguela, Angola
- **Carlos Severino S. Filipe "Cato"**  
 a/c Man Andas, C.P. 39, Benguela, Angola
- **Madalena das Dores Luís**  
 C.P. 1164, Benguela, Angola
- **José Chilanga Samuel Filipe**  
 C.P. 3885, Luanda, Angola
- **José Manuel dos Santos**  
 C.P. 380, a/c Virgínia Paula, Benguela, Angola
- **José Zeca**  
 C.P. 1833, Benguela, Angola
- **Ernesto Victor Gonçalves**  
 a/c Agostinho Kandongo, C.P. 1298, Sumagal Dusul, Benguela, Angola
- **Luís Lopes**  
 Palytex C.P. 16299, Petrangol, Luanda, Angola
- **Alfredo José Francisco**  
 a/c Ana Maria Graça, Imprensa

- Nacional — U.E.E.  
 C.P. 1306, Luanda, Angola
- **Alberto Martinez López**  
 C/Gr'al. Jauregui, 10, 4º Dtº, 20.003 San Sebastian (Guipúzcoa), Espanha
- **Destino Pedro (GUGU)**  
 C.P. 3876, Luanda, Angola
- **João Pádua**  
 Rua Palmira, 10, r/c, 1100, Lisboa, Portugal
- **José Delgado Fróis**  
 Av. Paulo Kankhomba, 966, Maputo 4, Moçambique
- **Carlos Silva Fundo**  
 C.P. 1447, Lobito, Angola
- **Marcolino Nengo "Nenguito"**  
 Escola Comandante N'Zagi, C.P. 186, Lobito, Angola
- **Paulino Luís Fato**  
 a/c Luís Senegé Mucamba, Av. Ahmed Sekou Touré, 3256, 3º/7 Maputo, Moçambique
- **Roberto José**  
 C.P. 1468, Benguela, Angola
- **Antônio Pedro Chitata**  
 C.P. 1798, Benguela, Angola

## A Amazônia e outros assuntos



O futuro da Amazônia continua a ser um dos problemas que mais me preocupam, dadas as suas repercussões a nível de todo o planeta. **cadernos** publicou uma excelente reportagem sobre a Amazônia brasileira em agosto de 1981. Creio que já se justificaria uma nova reportagem, focalizando temas como:

— a situação em que está o projeto da(s) Transamazônica(s); — o grau de intervenção atual das transnacionais na exploração da Amazônia; — a situação de outros projetos como Carajás, Jari etc.; — as posições e projetos do governo da Nova República quanto à Amazônia; — os problemas ecológicos propriamente ditos; o grau de destruição atual da floresta (apresentando mapas, por exemplo); — os problemas dos índios, a posição do governo quanto a eles e a situação de fato.

No nº 83 de **cadernos** impressionou-me muito a reportagem sobre o Campuchea. Um dos aspectos preocupantes desta tragédia é ninguém saber o que é que Pol Pot pretendia. Também me interrogo com preocupa-

ção até onde chegaria ele, e qual o papel e objetivos da China no meio disto tudo.

Francisco José Nunes dos Santos  
— Lisboa — Portugal.

## Desinformação sobre Angola

Lendo a revista "Manchete" de 29 de março de 1986, deparei-me com uma reportagem sobre o sequestro das irmãs missionárias em Angola pela Unita. Nesta reportagem ficou mais uma vez evidenciada a falta de informação a respeito de um país que possui uma ligação histórica muito grande com o Brasil. A primeira prova de minha afirmação está na denominação da comida angolana; trata-se do *funji* e não do "fuji" (talvez erro de impressão). A segunda prova está no fato de os familiares terem pedido ao Itamarati para intercederem junto à embaixada de Angola. Talvez o Itamarati esteja procurando até hoje, porque não existe embaixada de Angola no Brasil. A terceira prova reside no fato de que a Unita sempre entrega seus reféns estrangeiros à Cruz Vermelha (com exceção de militares). Trata-se de um golpe para chamar a atenção da imprensa internacional e ao mesmo tempo desencorajar os cooperantes.

Na minha opinião, uma revista com a repercussão da "Manchete" poderia mostrar o que os "gentis" guerrilheiros da Unita fizeram em Balombo e Camabatela (duas pequenas cidades) tal como degolarem crianças e mulheres somente para saquearem. Esta é uma das razões pelas quais Jonas Savimbi foi a Washington pedir ajuda. É que a Unita (ou pelo menos seus soldados) está se transformando de movimento contra-revolucionário em grupo de bandidos, dispersos no interior de Angola. Portanto, se Jo-

nas Savimbi tivesse alguns segundos de autocrítica poderia ver que nem ao menos um inimigo de respeito ele é, pois nas duas vezes que visitei Angola pude notar que há uma forte identificação entre o MPLA-Partido do Trabalho e o povo angolano.

Gitibá Guichard Faustino — Porto Alegre — RS — Brasil.

## Repúdio à política intervencionista

No dia 15 de abril, o Congresso norte-americano votou a "ajuda" de 100 milhões de dólares aos "contras" na Nicarágua. Não podemos assistir passivamente mais esta medida da política intervencionista do governo Reagan, política esta que já causou 10 mil mortes de jovens nicaraguenses e a tentativa de destruição total da economia deste país de três milhões de habitantes, onde 60% do orçamento público estão voltados para a defesa.

Estamos solicitando a diversas pessoas e entidades representativas da sociedade brasileira que enviem telegramas para o presidente da República, o ministro das Relações Exteriores, os líderes dos partidos e o presidente da Comissão de Relações Exteriores do Congresso com o seguinte texto:

"Exigimos do governo brasileiro total repúdio à política intervencionista do governo norte-americano na Nicarágua e posicionamento firme em defesa da paz e autodeterminação dos povos da América Central com adesão e apoio decisivo à Contadora".

Certos de contar com todo o seu apoio,

Agostinho Preto — Comissão Pastoral Operária Nacional — Ana Cruz; Comissão Pastoral Operária — RJ; Arlindo Luiz Fagundes da Silva — Diocese de Volta Redonda; Carlos Alberto Steil — Brasil.

### África do Sul: dez anos de Soweto

□ No dia 16 de junho de 1976, os estudantes do bairro negro de Soweto (South West Township), perto de Joanesburgo, se rebelaram contra o ensino obrigatório da língua *afrikaaner* nas escolas destinadas à população africana. O protesto se ampliou quase que instantaneamente e se transformou num verdadeiro levante que durou vários dias e causou a morte de pelo menos 100 pessoas. Mas Soweto marcou também uma das primeiras tentativas bem-sucedidas do movimento popular de isolar uma área residencial negra, impedindo o acesso da polícia racista e estabelecendo uma espécie de autogoverno informal.

Foi o primeiro sintoma de que o *apartheid* poderia vir a ser ingovernável pela minoria branca *afrikaaner*. Dez anos depois, a experiência de Soweto deixou de ser apenas um marco histórico para servir de modelo para dezenas de outros bairros negros encravados em áreas brancas da África do Sul. Soweto foi ingovernável durante algumas semanas, mas favelas como Crossroads, perto da Cidade do Cabo, estão fora do controle das autoridades racistas desde 1984. Nos últimos 22 meses, a África do Sul assistiu a mais intensa e mais longa série de protestos contra a discriminação racial, com um saldo de 1.200 mortos, ou seja, uma média de mais de uma pessoa morta por dia.

A multiplicação de "Sowetos" em quase todas as grandes cida-

des sul-africanas teve como consequência a mais profunda divisão já registrada entre os membros da minoria branca. O conflito entre os ultra-racistas e moderados dividiu a sociedade *afrikaaner*, minou as bases do Partido Nacional e agora ameaça soterrar o governo do presidente P. W. Botha, cujas chances de sobrevivência, segundo alguns comentaristas políticos sul-africanos, não ultrapassam os seis meses.

Tanto quanto em Soweto há dez anos como agora, o governo de Pretória tem se entrincheira-

de hoje. A autogestão dos bairros pobres já é uma realidade permanente. O boicote às lojas de brancos é um recurso usado em larga escala. As greves de alunos contra escolas do governo se multiplicam e agora começa a ganhar corpo um movimento contra o pagamento de impostos e aluguéis. Os jovens de 14 anos que em 1976 atiravam pedras contra a polícia em Soweto são hoje líderes comunais, sindicais ou integrantes do movimento de resistência armada contra o *apartheid*.



Dez anos de Soweto: uma longa luta da maioria negra contra o *apartheid*

do atrás do uso da força como a grande alternativa para tentar manter a hegemonia branca no país. A intransigência cavou um fosso cada vez mais profundo. Só que em 1976, a organização dos estudantes não era tão forte como a da população negra

Ao falar há pouco nos Estados Unidos, o bispo Desmond Tutu disse que o "episódio de Soweto há dez anos foi uma explosão, enquanto que a crise atual é um incêndio de largas proporções que já não pode ser mais controlado e nem contido".

## África do Sul ataca: Zâmbia, Zimbábue e Botsuana

□ Em três ataques simultâneos, as forças armadas da África do Sul bombardearam, a 19 de maio passado, as capitais da Zâmbia (Lusaka), Zimbábue (Harare), e Botsuana (Gaberones), sob o pretexto de destruir bases do Congresso Nacional Africano (ANC). Três pessoas morreram e várias ficaram feridas.

O presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda, disse que os aviões sul-africanos atacaram um campo de refugiados da Namíbia, perto de Lusaka, causando duas mortes. Afirmou, ainda, que a ação de Pretória foi inspirada pelos bombardeios dos Estados Unidos contra a Líbia e que duas pessoas morreram e 10 ficaram feridas.

Robert Mugabe, primeiro-ministro do Zimbábue, declarou que seu país aumentará a ajuda moral, diplomática e financeira aos movimentos nacionalistas negros que lutam contra o regime sul-africano.

Após a agressão, a Organização da Unidade Africana (OUA) pediu a todos os países que pressionem o regime de Pretória, a fim de evitar futuras ações belicistas sul-africanas. A União Soviética e a Bulgária, depois de condenarem o ataque, afirmaram que ele fora "inspirado no exemplo dado pelos Estados Unidos".

O ataque recebeu também a condenação de países sul-americanos, como a Argentina, que rompeu relações diplomáticas com a África do Sul. O comunicado da chancelaria de Buenos Aires afirma que o regime de Pretória "constitui uma ameaça para a paz e a segurança interna-

cionais, como indicam os reiterados atos de agressão realizados contra as Nações Unidas e a ilegítima ocupação da Namíbia".

O texto, depois de condenar os ataques aos três países africanos, assinala que "o governo argentino está convencido de que esses fatos são consequência direta de um regime institucionalizado de discriminação racial completamente inadmissível no quadro da comunidade internacional contemporânea".

O ministro das Relações Exteriores argentino, Dante Caputo, recebeu o encarregado de negó-



Os ataques sul-africanos foram condenados pela comunidade internacional

cios sul-africano, Pieter Wolvaardt, durante cinco minutos, e depois explicou que a decisão foi tomada em protesto aos ataques militares da África do Sul ao Zimbábue, Zâmbia e Botsuana.

O Brasil, através de nota divulgada pelo Itamarati, afirmou que "os ataques realizados por forças sul-africanas contra o território de Botsuana, Zimbábue e Zâmbia merecem a condenação e o repúdio mais veemente do governo brasileiro".

Acrescenta a nota que "as repetidas violações à soberania e integridade territorial de países limítrofes da África do Sul por suas forças armadas, sob o pretexto de combate a focos terroristas, constituem motivo de profunda preocupação para o governo brasileiro que, neste momento, leva aos governos do Botsuana, Zâmbia e Zimbábue, a expressão de sua solidariedade. O persistente desrespeito a normas da Carta das Nações Unidas e de convivência internacional, por parte da África do Sul, compromete seriamente as possibilidades de se encaminhar uma solução pacífica para os problemas que afligem a parte meridional do continente africano".

A Comunidade Britânica, Commonwealth, criticou a ação de Pretória e apoiou a decretação de sanções econômicas contra a África do Sul. Rompendo a "diplomacia silenciosa" que mantém com o regime do aliado sul-africano, os Estados Unidos condenaram também o ataque e a Casa Branca enviou nota de protesto ao país agressor.

Composta por 12 países, a Comunidade Econômica Européia (CEE) condenou o ataque e também a declaração do governo de Pretória de que fará novas incursões militares sempre que "a ocasião o exigir".

## Preso no Rio torturador argentino que vendia informações

Por ordem do ministro Paulo Brossard, da Justiça, a polícia federal brasileira prendeu Claudio Vallejos, a 22 de maio passado, na redação do Rio de Janeiro da revista "Senhor". O ex-militar argentino dava nesse momento novas informações sobre a prisão e morte do pianista brasileiro Francisco Tenório Júnior, há dez anos em Buenos Aires, quando se apresentava em um espetáculo com Vinicius de Moraes e Toquinho. A revista "Senhor" tinha publicado uma longa entrevista com Claudio Vallejos no último número, sobre o mesmo tema.

A prisão de Claudio Vallejos tinha sido pedida, na véspera, em Brasília, pelo advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, como representante da família de dois brasileiros desaparecidos citados na entrevista. Nela, o ex-militar argentino afirma que Tenório Júnior foi assassinado, em Buenos Aires, com um tiro na cabeça dado pelo tenente da marinha Alfredo Astiz, depois de ter sido preso no dia 28 de março de 1976, naquela cidade. Segundo seu relato, a execução fora aprovada por agentes do Serviço Nacional de Informações (SNI) do Brasil, que se encontravam em Buenos Aires.

Claudio Vallejos afirmou, ainda, na entrevista, que os agentes brasileiros e argentinos trocavam informações. Entre os primeiros, apontou os maiores Souza Baptista, Batista Vieira e o capitão Visconti, "que participavam de torturas contra brasileiros". Cita, também, o então ministro-conselheiro da embaixada brasileira, Marcos Henrique Camilo Cortes,



Oficiais argentinos e brasileiros trocaram informações

agora embaixador na Austrália. O diplomata teria conversado com Francisco Tenório Júnior na prisão, pouco antes da sua execução.

No interrogatório a que foi submetido, durante o qual sofreu torturas por parte de oficiais argentinos e brasileiros, ficou constatado que Francisco Tenório não tinha antecedentes políticos, "mas tinha muitos amigos comunistas no Brasil". Os militares chegaram então a um impasse: sua libertação ou prisão sem culpa trariam problemas para os dois órgãos de repressão. Veio, então, a decisão de matar Tenório e enterrá-lo num cemitério clandestino, segundo conta Claudio Vallejos.

Na entrevista, Vallejos relata que militares argentinos estiveram várias vezes no Rio de Janeiro, em busca de informações sobre refugiados argentinos no Brasil e que eram recebidos pelo então chefe do SNI no Rio, o agora reformado general Newton Cruz. Conta ainda outros assas-

sinatos de brasileiros: Maria Regina Marcondes Pinto de Espinosa, Henrique Spinoza, Luís Renato do Lago Farias e Sidney Marques dos Santos.

O chefe da redação da revista "Senhor", Maurício Dias, revelou que as entrevistas dadas por Claudio Vallejos são pagas: "A 'Senhor' pagou 800 dólares, mas ele me disse que presta informações sem cobrar nada a entidades de todo o mundo que buscam esclarecer crimes e torturas". Anteriormente, a mesma entrevista tinha sido publicada pelo jornal "Tribuna da Imprensa", também do Rio de Janeiro. Claudio Vallejos foi integrante do Serviço Secreto da marinha argentina.

O "Jornal do Brasil" informa que o ex-militar vive da venda de informações à imprensa. Depois de haver tentado infrutiferamente vender essa entrevista por três mil dólares ao "Jornal do Brasil", ao jornal "O Globo" e à revista semanal "Veja", Vallejos vendeu sua história a "Senhor" pela modesta quantia de 800 dólares. Autoproclamando-se "jornalista especializado em direitos humanos", o ex-torturador iniciou sua "carreira" com uma entrevista paga publicada na revista argentina *La Semana* e posteriormente vendeu suas histórias para órgãos de imprensa da França, Itália e Estados Unidos.

Em artigo publicado na imprensa do Rio, o jornalista Moacir Werneck de Castro chama a atenção de que Vallejos "pode ser uma peça num jogo destinado a tumultuar e confundir, a armar ciladas, a lançar falsas provas, a gerar expectativas infundadas, para, afinal, dificultar a busca da verdade". Assinala que "nada é simples e linear nesse tipo de enredo de que os serviços de inteligência costumam lançar mão".

## Angola tem o seu primeiro embaixador no Brasil

□ O governo Sarney concedeu, mês passado, o "agreement" para o primeiro embaixador de Angola no Brasil, Francisco Romão de Oliveira e Silva, 44 anos, atualmente embaixador na Iugoslávia. Ao anunciar a decisão, o porta-voz do Itamarati, Fernando Barreto, afirmou que "o governo brasileiro sente-se honrado de receber o embaixador angolano e tem certeza de que será um protagonista decisivo nos esforços de aproximação entre brasileiros e angolanos. Será recebido como representante de um país irmão".

O governo de Luanda em breve instalará sua embaixada em Brasília, a primeira em um país latino-americano. O Brasil, em 1975, foi um dos primeiros países a reconhecer a independência de Angola. Desde 1976, mantém embaixadores em Luanda; atualmente é representado pelo diplomata Paulo Dirceu Ribeiro. A decisão do governo angolano de indicar um embaixador em Brasília foi saudada com entusiasmo no Itamarati.

### América Central: zona de experimentação

Os dirigentes guerrilheiros salvadorenhos Ricardo Gutiérrez e Douglas Santamaría — responsáveis político-militares da Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) no departamento de Chalatenango — manifestaram recentemente sua preocupação diante de um possível "salto de qualidade" no conflito centro-ame-

O secretário Paulo Barreto afirmou que o governo brasileiro "tem apoiado de forma enfática a luta angolana pela integridade territorial, para que seu povo exerça plenamente o direito ao desenvolvimento e à paz". A chegada do primeiro embaixador de Angola e a instalação de sua representação dependerão de futuros entendimentos com o governo de Luanda.

Francisco Romão de Oliveira e Silva ingressou no Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) em 1957, foi comissário provincial de Luanda e é deputado na Assembléia do Povo.

Segundo dados divulgados pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, o intercâmbio comercial entre Brasil e Angola é o seguinte:

*Exportação do Brasil para Angola:* 89,991 milhões de dólares (1984); 128,885 milhões de dólares (1985). *Importação de produtos angolanos para o Brasil:* 126,991 milhões de dólares (1984); 147,743 milhões de dólares (1985).

ricano, em razão das tentativas norte-americanas de fornecer novos armamentos aos contrarrevolucionários nicaraguenses.

Os "contras", que já contam com foguetes Sam-7, seriam dotados de novas armas anti-aéreas que ainda estão em fase de experiência em Israel, o que reforçaria o caráter de "zona de armamento irregular sujeito à prova" da região centro-americana.

Pequenos aviões, ainda não testados e nem sequer compra-

Na Assembléia Popular de Cabo Verde em discurso pronunciado, mês passado, quando em visita àquele país, o presidente José Sarney reafirmou "a alta prioridade atribuída pelo Brasil à preservação da soberania, da independência e da integridade territorial da República Popular de Angola".

"O governo brasileiro tem reiterado a sua inflexível condenação à continuada ocupação ilegal do território da Namíbia pelo governo de Pretória, bem como à política agressiva e desestabilizadora da África do Sul contra países vizinhos, em especial as Repúblicas Populares de Angola e de Moçambique, países aos quais estamos ligados, por vínculos inquebrantáveis de caráter histórico, linguístico e cultural", acrescentou o presidente brasileiro.

Em entrevista coletiva conjunta com Aristides Pereira, o presidente José Sarney afirmou que o Brasil fará todos os esforços para que o Atlântico Sul seja uma região de paz e criticou "todas as formas de desestabilização dos governos africanos que estão lutando tão heroicamente para consolidar a independência dos seus países".

dos pelo Departamento de Defesa norte-americano, que fotografam com precisão objetos pequenos voando à baixa altura, caíram em território salvadoreno.

Desse modo, enquanto no Oriente Médio ainda há dúvidas sobre a eficácia dessas aeronaves, na América Central já foram fotografadas, o que demonstra que a região está se transformando em área de experimentação de equipamentos bélicos.

## Contadora: intransigência com a Nicarágua

□ A reunião de delegados do Grupo de Contadora e da América Central, realizada de 16 a 18 de maio no Panamá, mostrou claramente a construtiva posição da Nicarágua no sentido de dinamizar o processo de pacificação da região diante da atitude intransigente dos demais países do istmo. Enquanto que o governo sandinista apresentou uma proposta visando a estabelecer limites máximos de armamentos ofensivos e proibir a realização de manobras militares internacionais, os governos de Honduras, El Salvador, Costa Rica e, significativamente, também da Guatemala, aderiram a uma proposta diametralmente oposta que defende os interesses estratégicos dos Estados Unidos na região.

O vice-chanceler nicaraguense Víctor Hugo Tinoco assinalou que Contadora adotou em grande parte a proposta apresentada por seu país, por considerá-la madura, séria e responsável, e adiantou que o governo sandinista apresentará na próxima reunião uma proposta concreta sobre o tipo de armas que podem ser classificadas como "ofensivas" no contexto centro-americano. Tinoco manifestou a sua esperança de que se possa estabelecer também um critério para a limitação do número de efetivos militares, como propuseram os demais países da região ao se oporem à proposta nicaraguense.

O Grupo de Tegucigalpa, um bloco formado pelos governos centro-americanos aliados incondicionais dos Estados Unidos, parte do pressuposto de que a Nicarágua é uma "ameaça" para

a América Central e que o crescimento do exército sandinista obedece a critérios de expansão revolucionária. Por isso, nas negociações do Grupo de Contadora, dirige sua ação no sentido da "desarticulação" do que considera a base do projeto estratégico da revolução na Nicarágua, com seu primeiro escalão de defesa nas milícias populares e no povo armado.

As manobras militares que esses países defendem levaram a concentrar em território hondurenho milhares de toneladas de equipamento bélico, construir



Mantém-se a capacidade militar norte-americana na região

bases, pistas de aterrissagem e estradas, assim como estabelecer instalações de radares e comunicações, que constituem um verdadeiro trampolim para qualquer operação de grande envergadura contra a Nicarágua. Mas talvez o mais importante com

relação a essas manobras é que serviram para "aclimatar" milhares de soldados norte-americanos, preparando-os física e psicologicamente para operar na América Central no caso de uma invasão.

Em círculos diplomáticos centro-americanos e caribenhos considera-se que ficou claro o verdadeiro objetivo do Grupo de Tegucigalpa no processo de negociação de Contadora: não se trata do alegado compromisso de desarmamento nem da assinatura da ata de paz, mas sim de minar a defesa sandinista, manter a capacidade militar norte-americana instalada na região e abrir espaços políticos para as forças treinadas e financiadas pela administração Reagan.

O Grupo de Contadora encontra-se uma vez mais num impasse: entre continuar representando um instrumento de paz ou servir de canal para os planos dos Estados Unidos para desencadear a guerra na América Central. ●

Jorge Armendáriz (ANN)

### **Virgilio Barco Vargas, da oposição, eleito presidente da Colômbia**

Virgilio Barco Vargas, do Partido Liberal, de oposição, foi eleito, em maio passado, presidente da Colômbia, com 4 milhões e 710 mil votos (58,6%), contra 2 milhões e 797 mil (34,8%) dados para o conservador Alvaro Gómez Hurtado, apoiado pelo atual presidente, Belisario Betancurt. Jaime Pedro Leal, da União Patriótica, formada pelo Partido Comunista e as Forças Armadas Revolucionárias (Farc), obteve 320 mil sufrágios (4%). Os outros dois concorrentes, a vidente Regina Bettancourt e o humanista Juan David Pérez, não chegaram a 3% dos votos.

Após a vitória, Barco Vargas afirmou que, em relação aos grupos guerrilheiros que atuam no país, seu governo irá assumir diretamente as conversações sem intermediários: os ministros negociarão diretamente com a guerrilha, ao contrário da administração atual, que encarregou para esse fim uma comissão de representantes de setores da sociedade. Disse, ainda, que uma de suas metas prioritárias será pôr em prática um programa econômico que "permita acabar com a pobreza absoluta, criar empregos e dar segurança e melhores condições de vida a todos os colombianos".

Vargas, 65 anos, um milionário casado com a norte-americana Carolina Isackson, formou-se em Massachusetts (Estados Unidos) em Direito e Engenharia. Em 1958 e 1974, elegeu-se senador. De 1958 a 60,

foi ministro de Obras Públicas do presidente liberal Alberto Lleras Camargo; na década de 60, embaixador em Londres e ministro da Agricultura do presidente conservador Guillermo Valencia. Já exerceu também o cargo de prefeito de Bogotá (1967-69). Entre 1977 e 1980, deixou de ser candidato pelo seu partido, derrotado nas eleições internas pelo ex-presidente Alfonso López Michelsen.

### **Militares argentinos condenados**

O ex-presidente e ex-comandante do exército, Leopoldo Galtieri; o ex-comandante da marinha, Jorge Anaya, e o ex-comandante da força aérea, Basilio Lami Dozo, foram condenados, respectivamente, a 12, 14 e 8 anos de prisão, por "omissão" e "negligência" na guerra das Malvinas, travada contra a Grã-Bretanha, de 2 de abril a 14 de junho de 1982. Nesse julgamento, considerado o mais importante da história militar da Argentina, os três réus perderam suas patentes, deixando de ser, portanto, oficiais-generais das forças armadas.

O processo, iniciado em novembro de 1983 por decisão da junta militar que assumiu o governo logo depois da guerra das Malvinas, foi realizado em segredo pelo Conselho Supremo das Forças Armadas, organismo máximo da justiça militar argentina. Após o julgamento, foram impetrados recursos à Câmara Federal de Apelações. Em último caso, a petição poderá ser apresentada ao próprio presidente Raúl Alfonsín, coman-

dante supremo das forças armadas.

### **República Dominicana: Balaguer, presidente de novo**

O ex-presidente Joaquín Balaguer, 78 anos, do Partido Reformista Social-Cristão (PRSC), venceu as eleições presidenciais da República Dominicana, a 16 de maio passado. Sua posse será no dia 16 de agosto, para um período de governo de quatro anos. Ele teve 857 mil votos contra 814 mil do candidato governista do Partido Revolucionário Dominicano (PRD), Jacobo Majluta Azar, 52 anos. Juan Bosch Gavino, 76 anos, do Partido de Libertação Dominicana (PLD), ficou em terceiro lugar.

Em 1963, Juan Bosch tinha sido eleito presidente da República, após um longo período da ditadura de Trujillo. Sete meses depois, um golpe militar de direita o derrubou do governo. Explodiu, então, em abril de 1965, uma rebelião popular, encabeçada pelo coronel Francisco Caamaño. Os Estados Unidos invadiram o país, no mesmo ano, com posterior apoio de poucos países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA), entre os quais o Brasil, já então sob a ditadura militar, presidida pelo marechal Castello Branco. Esmagada a insurreição popular, subiu ao poder um correligionário incondicional de Trujillo, Joaquín Balaguer, que abriu as portas do país à exploração das transnacionais. Agora, está de novo no poder.

## Chile: repressão brutal no 1º de Maio

□ Para impedir as comemorações do 1º de Maio, Pinochet se viu obrigado a ocupar militarmente a capital. Tropas do exército, em manobra de guerra, tomaram o centro de Santiago e investiram contra trabalhadores, estudantes, mulheres e o povo em geral, que atenderam maciçamente ao chamado do Comando Nacional de Trabalhadores (CNT).

As forças policiais reprimiram os manifestantes de forma indiscriminada, usando cassetetes, gás lacrimogêneo e carros "brucutu" (que lançam jatos d'água) e às quais se somaram as tropas, com o rosto pintado de preto, disparando e dando coronhadas nos cidadãos que permaneciam no lugar.

A fúria militar se voltou também contra os jornalistas nacionais e estrangeiros que registravam os acontecimentos. Quando o presidente do Colégio de Jornalistas, Ignacio González, lembrou aos militares e policiais que a imprensa tem o direito de exercer as suas funções, a resposta foi: "Não há diálogo, retirem-se que temos que trabalhar".

O resultado da repressão foi expressivo. Mais de 1.300 detidos em todo o país, entre eles os dirigentes do CNT Manuel Bustos (brutalmente agredido), Jorge Millán e Humberto Arcos, o dirigente bancário e ex-parlamentar Ricardo Hormazábal, além do locutor René Largo Farías (hospitalizado), o jovem Jorge Sánchez ferido a bala e o fotógrafo Juan Mellado com uma coronhada na cabeça.

Também foram invadidas as sedes do CNT, da Confederação Têxtil e da Confederação de Tra-

balhadores Metalúrgicos, onde foram detidos centenas de trabalhadores e apreendido material sindical. A Central Democrática de Trabalhadores, que decidiu comemorar o 1º de Maio em local fechado, foi cercada enquanto ocorria a repressão.

Na véspera do Dia dos Trabalhadores, as favelas de La Legua, El Pinar, Tomás Riesco, Aníbal Pinto e um setor de Las Industrias, assim como Santa Julia e Jaime Eyzaguirre foram ocupados por forças conjuntas do exército, dos Carabineiros e da Central Nacional de Informações (CNI), em gigantescas operações.

Em todos os lugares se repetiu a mesma situação: enquanto os militares cercavam a favela e a dividiam em distritos cuidadosamente vigiados, grupos de cara-

bineiros e agentes à paisana invadiram violentamente cada casa, levando detidos todos os homens maiores de 14 anos e com menos de 60 para um campo de futebol ou terreno baldio próximo.

Ali eram "checados os antecedentes criminais" de cada um dos detidos, permanecendo mais de 200 à disposição do Quartel Central de Investigações ou em recintos secretos do CNI. Entre as humilhações a que foram submetidos, os que eram liberados após a revista eram marcados com um selo vermelho sobre a pele.

A Comissão de Direitos Humanos advertiu que fará uma "denúncia internacional" do ocorrido nas zonas sul e oeste de Santiago, qualificando-o como "um procedimento próprio de uma guerra, que transgredir as normas internacionais de direitos humanos e a própria Constituição do regime".



As forças policiais reprimiram os manifestantes de forma indiscriminada

## As dramáticas lições de Tchernobyl

O mundo ainda não se refez do pesadelo e do pavor provocados pelo acidente na central nuclear de Tchernobyl. E a discussão sobre os efeitos da tragédia apenas se inicia.

Governos e meios de comunicação do Ocidente aproveitaram-se do episódio para o exercício do anti-sovietismo, embora, por burocratismo ou discutível conceito de segurança, Moscou tenha dado, nesse caso, a munição que os outros necessitavam.

O sueco Hans Blix, diretor da Agência Internacional de Energia Atômica, acusou a imprensa ocidental de converter seu noticiário sobre Tchernobyl em "uma forma de espetáculo macabro". O editor de assuntos europeus da agência norte-americana UPI foi enviado a Moscou para apurar como teria sido induzido a uma gafe monumental: haver dado dois mil mortos como sendo o número de vítimas do acidente. É evidente que a imprensa ocidental não vai mudar o seu diapasão nem o editor Barry Jones precisaria sair de Washington para saber como a agência chegou àquele número.

Nada disso, no entanto, reduz as responsabilidades das autoridades soviéticas pelo atraso da informação. É possível ocultar um desastre de avião e suas causas e vítimas. Outras notícias de menos impacto que os soviéticos considerassem que deviam ser negadas ou minimizadas segundo sua interpretação do conceito de "segurança nacional" poderiam ficar, sem maiores problemas, sepultadas no desconhecimento. Mas isso jamais poderia acontecer com um acidente nuclear das proporções do que ocorreu na usina da Ucrânia. Nem mesmo se pudesse haver uma hipotética convivência das nuvens e dos ventos que confinasse os efeitos da radioatividade à área onde se produziu o acidente.

Talvez esteja aí a mais dramática consequência do acidente. Espalhada a radioatividade à metade do mundo, através de ventos e nuvens que fogem ao controle humano, ficou exemplarmente demonstrado que a energia nuclear não pode ser

tratada como problema de um só país e que os avanços técnicos e científicos deverão, inevitavelmente, ser compartilhados por todos os países como condição de segurança de cada um. O caso de Tchernobyl foi o mais espetacular mas não o único. Antes dele, mesmo depois do acidente de Three Miles Island, outras usinas norte-americanas estiveram a ponto de sofrer iguais desastres. Não muito longe, a 31 de março, menos de um mês da explosão na usina soviética, ocorreu outro acidente na Inglaterra, em Dungenesse, no condado de Kent. O governo da senhora Thatcher não procedeu muito diferente das autoridades da URSS. Ocultou o assunto, dizendo que se tratava de "um pequeno acidente sem importância". Segundo pesquisa de opinião pública da BBC de Londres, mais da metade do povo não acredita nas notícias oficiais sobre o tema nuclear.

Na maior usina de reprocessamento de lixo nuclear do mundo, em La Hage, a noroeste de Paris, um acidente também considerado de "pequenas proporções" pela Comissão de Energia Atômica da França, feriu cinco trabalhadores, dos quais não se divulgaram mais notícias.

Tantos acidentes em tão pouco tempo demonstram que a segurança das usinas nucleares — do Oriente e Ocidente — é bastante mais precária do que fazem crer os respectivos governos e que, com maior ou menor rigor e censura, a política de informação não difere muito em cada país. Tais práticas são suficientes para, mais do que advertir, preocupar a Comissão Internacional de Energia Atômica (Ciea), com sede em Viena.

A Ciea já se prepara para rever, numa reunião em agosto próximo, todos os seus códigos de segurança e os sistemas de alarme internacionalmente adotados.

No primeiro momento, os porta-vozes oficiais norte-americanos fizeram crer que um acidente como o que ocorreu na União Soviética jamais poderia verificar-se nos Estados Unidos. Estudos técnicos revelam que não é tanto assim. O nível de

segurança das usinas norte-americanas e européias não é muito diferente do da central nuclear de Tchernobyl.

O fato é que a humanidade tomou conhecimento do que lhe espera se a corrida nuclear não for reorientada sob estritos controles internacionais. Um acidente isolado numa usina na URSS provocou no país efeitos terríveis: mais de 90 mil pessoas deslocadas de seus lares, 100 mil estudantes expostos à radiação transferidos para regiões distantes, centenas de vítimas e uma nuvem vagabunda contaminada que baila sobre nossas cabeças se deslocando pelo mundo.

O que não aconteceria com uma guerra atômica? Sobrevivência? Que ilusão. O fato de que o acidente de Tchernobyl não tenha atingido com consequências piores um maior número de países pouco significa. A poeira atômica espalhada pela explosão de uma bomba atômica teria efeitos bem diferentes, cuja magnitude não pode ser medida tomando como referência o acidente da Ucrânia. O clamor internacional contra o uso desse tipo de energia — mesmo para fins pacíficos — já levou alguns governos a cancelarem seus programas ou a reduzirem o ritmo de construção de novas usinas e pode converter-se num poderoso instrumento de força para derrotar os enormes interesses que estão por trás dos projetos nucleares.

Não há dúvida de que as próximas eleições na Europa serão marcadas por essas preocupações, e hoje ou amanhã, chegará o momento dos Estados Unidos. Muitos cidadãos já concordam com a colocação de um dirigente dos movimentos ecologistas que, diante da tragédia de Tchernobyl, dizia: "Gostaria de não termos tido tanta razão nas nossas denúncias sobre o perigo nuclear".

E o que se passa no Terceiro Mundo? O fato de que, por sorte nossa, desta vez os ventos sopraram para os lados de lá, não significa que a nossa vez não possa chegar. As experiências nucleares francesas na Polinésia — condenadas pelos países subdesenvolvidos — já repercutiram na quantidade de isótopos na atmosfera brasileira, a milhares de quilômetros. Técnicos em energia nuclear de países emergentes que, muitas vezes desnecessariamente, se lançaram à aventura atômica, têm chamado a atenção para os graves perigos de programas que se põem em prática sem as necessárias condições de segurança. Essas advertências têm sido feitas na

Índia, no Paquistão, no Egito, na Argentina e em muitos outros países. Mas, em geral, é como se as vezes ecoassem no deserto.

Aqui mesmo no Brasil, não tem sido diferente. O nosso governo, no período Geisel, se lançou a um faraônico programa nuclear, cuja necessidade foi muito questionada entre os técnicos responsáveis. Esse programa já foi reduzido e a meta das oito usinas nucleares parece utópica. "O que se conclui em todos os estudos realizados pela comunidade científica independente e responsável é que o Brasil não necessitará, pelo menos nas próximas décadas, dessa forma de energia", escreveu o físico e professor José Zatz.

No Terceiro Mundo não temos os progressos científicos e tecnológicos, nem os recursos dos países do Norte industrializado. Se na União Soviética ocorre uma tragédia como a de Tchernobyl, e nos Estados Unidos um acidente como o de Three Miles Island, o que não poderia passar no Brasil com uma usina similar na usina de Angra dos Reis, ou na Índia com uma fusão do núcleo de um dos reatores de seu esquema de autosuficiência nuclear? No caso do Brasil, José Zatz já chamou a atenção para o fato de que ocorresse um acidente nuclear semelhante ao de Tchernobyl na usina de Angra dos Reis, o que é totalmente factível dadas as semelhanças entre ambas: a nuvem radioativa atingiria um raio mínimo de 500km, ou seja, chegaria às duas maiores cidades do país, São Paulo e Rio de Janeiro. Como deslocar para longe da zona contaminada, e às pressas, uma população superior aos 20 milhões de habitantes?

É até melhor nem pensar, embora seja urgente que os técnicos do Terceiro Mundo aproveitem a lição de Tchernobyl para uma avaliação corajosa e firme dos programas nucleares em curso, informando corretamente às populações dos riscos que estão correndo.

Tchernobyl não pode ficar apenas como uma discussão acadêmica ou um argumento para a guerra ideológica entre o Leste e o Oeste. Deve ser um fator de reflexão e de mobilização a níveis ainda não atingidos, para que sejam revistos os programas nucleares e freada a corrida armamentista que nos quer lançar em uma Guerra nas Estrelas. Esta é uma tarefa que não se pode deixar para amanhã.

**Matéria  
de capa**

# ÍNDIA NA ENCruzILHADA



*O Terceiro Mundo também tem os seus gigantes. A Índia é um deles. Tem um pé no século 21 por desenvolver sofisticados projetos espaciais, mas, com exceção de uma elite privilegiada, o resto da nação nem sequer conhece os avanços que representou para a humanidade a revolução tecnológica do século 20, como a televisão, as telecomunicações, ou, simplesmente, a água potável e a luz elétrica. É sobre essa nação enigmática e apaixonante que trata essa reportagem exclusiva do nosso enviado especial, Roberto Remo Bissio.*

Quando se divorciou, a senhora Sha Bao Begum dificilmente teria imaginado que o fracasso de seu casamento poria em crise toda a complexa arquitetura constitucional e jurídica da Índia. Como o casal era muçulmano, o divórcio foi resolvido de acordo com a lei islâmica. Mas quando seu marido deixou de lhe dar a pensão mensal, a senhora Begum recorreu à justiça civil.

O marido argumentou que a Sharia (lei islâmica) estabelece que a sua obrigação econômica com relação à ex-esposa termina um ano depois de dissolvido o matrimônio. A partir dessa data, a comunidade muçulmana tem instituições que se incumbem das viúvas, divorciadas ou solteiras que não têm recursos ou família. O caso chegou até a Suprema Corte da Índia, que no início do ano decidiu em favor da mulher. A lei deve ser igual para todos.

Mas as leis indianas, pelo menos com relação ao direito familiar, não são iguais para todos. Os constituintes de 1947 retomaram a velha política britânica de aplicar leis diferentes para as distintas comunidades e assim, embora a Índia independente tenha um único Código Penal, de Comércio ou de Trabalho, nos assuntos da família são aplicadas leis diferentes, derivadas da religião, para hindus, muçulmanos, católicos ou budistas.

O Estado indiano fez da laicidade um dos seus princípios básicos. A idéia dos constituintes era



Claude Sauvageot

conseguir uma aproximação gradual das leis comunitárias sobre casamentos, divórcios e heranças para estabelecer uma lei comum.

Mas importantes setores da comunidade islâmica indiana reclamaram contra a decisão da Suprema Corte, considerada como discriminatória com relação à sua comunidade e tradições. O Estado indiano estaria se revelando uma vez mais como um Estado da maioria hindu, intolerante para com as minorias religiosas, étnicas ou linguísticas.

Não está claro se este é o sentimento da maioria dos 80 milhões de muçulmanos indianos com relação ao "caso Sha Bao" (sobretudo considerando que a metade deles são mulheres), mas o primeiro-ministro interveio rapidamente a favor dos dirigentes islâmicos e a 21 de fevereiro passado apresentou na Lok Sabah (parlamento) um projeto de lei com caráter urgente que devolve à Sharia a decisão sobre futuros casos de manutenção de pensão a mulheres muçulmanas divorciadas.

Se a intenção era evitar um novo problema com a comunidade islâmica, a atitude do primeiro-ministro Rajiv Gandhi só conseguiu

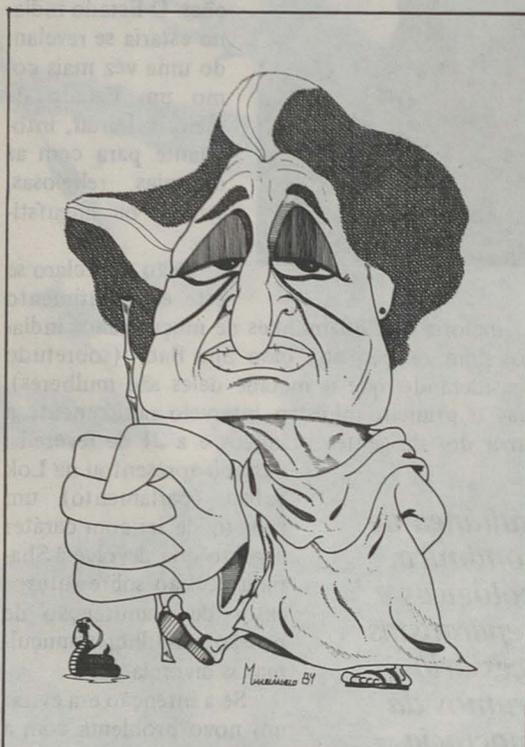
reacender a discussão, já que além da oposição previsível dos feministas, seu projeto provocou críticas da parte dos intelectuais e da maioria da imprensa hindu.

Ainda está muito presente a lembrança da "partilha", o trauma do parto da Índia, que nasceu

*A eclosão simultânea de uma crise econômica, catástrofes ecológicas e movimentos separatistas tornam necessário redefinir os rumos da "maior democracia do mundo"*



A violência no estado do Punjab constitui a maior crise da história da Índia: os sikhs lutam por sua identidade



Indira Gandhi: controlar o desafio *sikh* custou-lhe a vida

para a vida independente com ideais de não-violência em meio a terríveis conflitos entre hindus e muçulmanos, com um saldo de milhões de mortos. Essas rivalidades estimularam o projeto de criar o Paquistão como Estado islâmico separado da antiga Índia britânica e, indiretamente, levaram ao assassinato de Mahatma Gandhi, o pai da pátria, por

20 — terceiro mundo

parte de um hinduísta fanático que o considerava demasiadamente brando para com os muçulmanos.

Os mesmos ingredientes estão agitando a Índia hoje.

#### A guerra contra o Calistão

Existem cerca de 15 milhões de sikhs (“discípulos”) na Índia, seguidores dos ensinamentos do guru (mestre) Nanak, que há 500 anos fundou uma religião monoteísta que condena o sistema de castas, como o islamismo, mas acredita na reencarnação como o hinduísmo. Os sikhs lutaram arduamente para preservar a sua identidade diante de hindus e muçulmanos e, em 1845, contra os ingleses, que acabaram por incorporar o Punjab à Índia.

Provavelmente só uma pequena parte deles dava ouvidos à pregação extremista de criar um Estado *sikh* independente (Calistão) na fronteira entre a Índia e o Paquistão. Mas os erros cometidos na condução do “problema *sikh*” transformaram o caso na maior crise da história da Índia independente.

Os fatos são conhecidos: a 5 de junho de 1984 a primeira-ministra Indira Gandhi ordenou ao exército que tomasse de assalto o Templo Dourado de Amritsar, convertido no último “santuário” dos rebeldes em um Punjab já submetido à lei marcial. O combate, com artilharia de ambos os lados, deixou um saldo de 325 mortos.

Não se pode dizer que Indira tivesse preconceito contra os sikhs. A operação não foi dirigida contra uma comunidade, mas contra grupos político-militares que, com o consentimento ou a tole-

rância de dirigentes religiosos, desafiavam a autoridade do Estado.

Mas muitos sikhs não entenderam assim. Consideraram exagerada a violência e sacrílega a irrupção no seu templo mais sagrado. Entre eles Beant Singh e Satwant Singh, os dois guarda-costas sikhs da chefe de governo, que a assassinaram na manhã de 31 de outubro de 1984.

“Eu fiz o que tinha que fazer. Agora vocês façam o que tiverem que fazer”, disse Beant ao entregar-se à guarda de segurança da primeira-ministra. Poucos minutos depois foi assassinado. E nas noites seguintes pelo menos dois mil sikhs foram assassinados nas ruas de Déli, seus táxis ou lojas incendiados, suas filhas e viúvas violentadas diante das piras em que seus cadáveres eram incinerados.

Não foi uma reação espontânea de ódio. Duas comissões investigadoras independentes coincidiram em apontar o governante Partido do Congresso como organizador da violência nas ruas. Uma comissão oficial continua investigando os crimes. Ainda não foi preso nenhum acusado.

Enquanto as multidões percorriam as ruas em busca de qualquer indivíduo com o turbante característico dos sikhs para linchá-lo, Rajiv Gandhi, filho único de Indira (seu irmão Sanjay morreu em um acidente de avião em 1980), era promovido de deputado a primeiro-ministro sem sequer passar antes pela formalidade de ser eleito líder do partido do governo.

Com o país ainda comovido com o assassinato de Indira, em menos de dois meses foram convocadas eleições extraordinárias e o Partido do Congresso obteve 401 das 527 cadeiras em disputa, uma maioria esmagadora, jamais vista antes na Índia.

“Odiávamos Indira e não acreditávamos que houvesse uma ‘mão de fora’ em seu assassinato”, me comentou uma jornalista em Bombaim. “Mas o que está acontecendo no Punjab nos fez sentir que a unidade nacional está ameaçada”.

A classe média — “esses 20% do país que contam”, segundo a mesma colega (outros cálculos a situam em apenas 100 dos 780 milhões de indianos) — não perdoava Indira pelo autoritarismo com que governou nos anos do estado de emergência (uma espécie de estado de sítio), nem a tolerância com os métodos corruptos, demagógicos e violentos com que seu filho Sanjay se preparava para continuar a “dinastia” iniciada por Jawaharlal



Rajiv, filho de Indira, eleito primeiro-ministro logo após sua morte

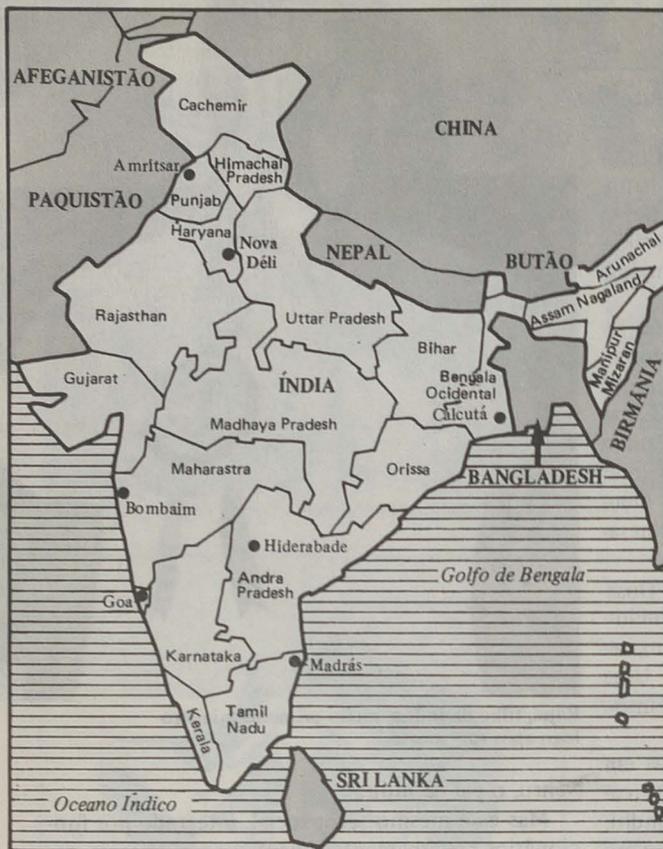
Nehru, o pai de Indira.

Mas esse mesmo setor social, integrado por funcionários governamentais, profissionais liberais, comerciantes, pequenos industriais, oficiais das forças armadas, professores e estudantes universitários, tem consciência de que sua existência se deve direta ou indiretamente ao Estado e, portanto, à unidade da Índia. Rajiv Gandhi representava ao mesmo tempo a continuidade — sua mãe e seu avô governaram o país durante 36 dos 39 anos de vida independente — e a esperança de mudança. Com os computadores como lança e a juventude como escudo, Rajiv Gandhi convocava para uma cruzada contra o “atraso”, apoiado nas palavras mágicas modernização, eficiência, liberalização, tecnologia e abertura.

### O país estava encantado

“Era lindo demais para ser verdade. O sonho acabou”. Assim a influente revista *The Illustrated Weekly of India* começa seu balanço dos primeiros 20 meses do governo de Rajiv Gandhi.

Há um ano e meio a imprensa destacava com entusiasmo as virtudes que fariam de Rajiv o homem apropriado para conduzir a Índia ao século 21: além de jovem (41 anos), é moderno (pilotava



A Índia é um país com mais de três milhões de quilômetros quadrados (3.053.597 km<sup>2</sup>) e com quase 700 milhões de habitantes (683.810.051, em 1981). A população é formada por um grande número de raças e culturas. A maioria tem origem nos povos indo-arianos, criadores da civilização védica e de um sistema de castas tão forte que sobrevive ainda hoje. Oitenta e três por cento da população é hinduísta, 11% muçulmana, 2,5% cristã e 2% sikh.

O idioma oficial é o hindi falando-se também o inglês. Existem 16 línguas regionais e uma infinidade de dialetos locais.

(Dados: Guia do Terceiro Mundo)

um avião comercial da Air India antes de se candidatar a deputado), não está comprometido com a política tradicional, não tem opiniões preconcebidas, está aberto a sugestões e não é autoritário como sua mãe. Hoje essas mesmas características se transformaram em defeitos e o primeiro-ministro seria inexperiente, desconhecedor dos valores tradicionais do país, sem capacidade política, imprevisível, dependente demais de seus assessores e sem autoridade.

O desgaste começou no Punjab, onde a violência política está custando uma média de duas ou três vidas por dia, entre terroristas, policiais e vítimas civis inocentes.

No Punjab, Rajiv negociou um acordo com o partido sikh "moderado", Akali Dal, que permitiu pôr fim à intervenção federal no estado e realizar eleições que deram a maioria a esta organização. Mas em vez de isolar os extremistas, o estratagema lhes deu nova força, pois eles o interpretaram como fraqueza de Nova Déli. O Templo Dourado está hoje de novo em suas mãos e não é segredo para ninguém que dali se dirigem as operações cotidianas contra a polícia.

22 - terceiro mundo

A força policial local, composta na sua maioria por sikhs, é a encarregada agora de manter a ordem no estado e não o exército. Para chefia-la foi designado J. F. Ribeiro, um chefe policial de origem católica com fama de "duro" e incorruptível adquirido em grande parte durante as operações que comandou em Bombaim arrasando com *bulldozers* os bairros ilegais. Ribeiro aplica uma política de "olho por olho" e reconhece ter dado a seus homens instruções precisas: "Se você tem que dar a sua vida, por favor assegure-se de levar consigo quatro deles".

A influente revista de esquerda independente *E & P Weekly* de Bombaim comenta: "As autoridades enfrentam um caso típico do que na teoria das decisões se chama 'dilema do prisioneiro' (um jogo em que a melhor estratégia conduz inexoravelmente à derrota): aplicar métodos duros só vai provocar mais simpatia pelos extremistas. Não fazê-lo, fortalecerá o argumento dos extremistas de que Nova Déli está na defensiva e, portanto, a batalha pelo Calistão já está quase ganha".

O editorialista afirma que é "óbvio" que o governo militar paquistanês do general Zia ul-Haq



A autonomia do Punjab não seria possível sem reivindicações similares noutras regiões do país

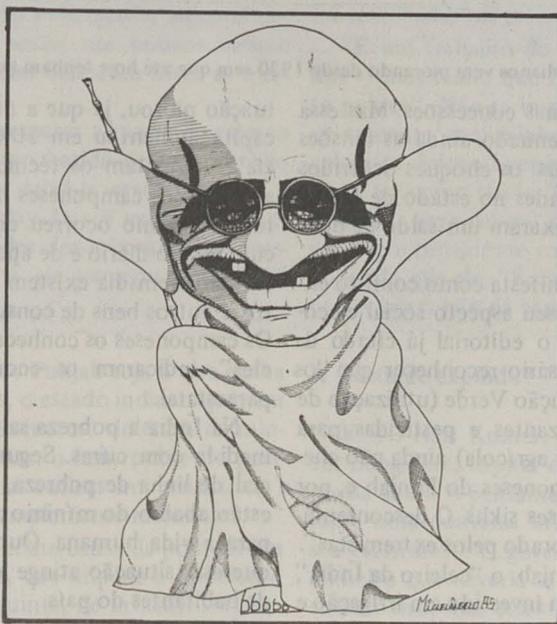
oferece algum tipo de assistência aos independentistas, com o argumento de que "o inimigo de meu inimigo é meu amigo". Mas não acredita que esta intervenção seja a origem do problema.

Sem soluções a curto prazo, o governo de Nova Déli deveria contentar-se com um tratamento semelhante ao que se dá na Espanha ao problema basco: ação policial para reduzir ao mínimo a atividade das organizações armadas, enquanto se espera que a longo prazo

as medidas de autonomia de longo alcance dêem resultados.

A autonomia administrativa, legislativa e financeira do Punjab, porém, não poderia existir sem provocar, de imediato, reivindicações semelhantes por parte de outros grupos étnicos ou religiosos. "Quando matam milhares de pessoas em Sri Lanka, que é um país estrangeiro, sinto que estão matando meus irmãos", explicou-me um jornalista desempregado de Tamil Nadu, estado situado ao sul da Índia, com maioria tamil. "No entanto, quando matam muçulmanos em Assam, minha

1986 - Junho - n.º 90



Mahatma Gandhi: o unificador da luta antibrítânica

Michelangelo

solidariedade é 'internacionalista', embora sejam meus compatriotas. Falam outra língua, têm outra religião e outros costumes. Posso ser solidário e até lutar por eles, mas não posso sentir-me identificado".

## Forças centrífugas

O próprio conceito de Índia é uma criação artificial dos britânicos, afirmam alguns, recordando que o império islâmico dos mongóis nunca conseguiu dominar o sul da península.

Esta interpretação, porém, esquece o formidável papel unificador da luta nacional antibrítânica, conduzida pelo Partido do Congresso e catalizada pela extraordinária figura de Mahatma Gandhi.

De qualquer modo, o certo é que essa unidade não apagou as diferenças de casta, classe, religião e língua, e que estas tensões podem transformar-se em forças centrífugas. Nesse contexto, a lei que propõe a jurisdição da justiça islâmica sobre a situação das mulheres divorciadas indica uma clara disposição do governo no sentido de acalmar os

terceiro mundo - 23



A situação dos camponeses indianos vem piorando desde 1930 sem que a até hoje tenham aumentado as suas receitas

ânimos por meio de algumas concessões. Mas essa atitude não parece ter atenuado ainda as tensões entre muçulmanos e hindus: os choques ocorridos entre essas duas comunidades no estado de Maharashtra, a 11 de maio, deixaram um saldo de nove mortos.

O fenômeno que se manifesta como conflito entre religiões tem também seu aspecto social e econômico. Como destaca o editorial já citado da *E & P Weekly*, seria necessário reconhecer que “os frutos da chamada Revolução Verde (utilização de sementes híbridas, fertilizantes e pesticidas para aumentar a produtividade agrícola) ainda não chegaram à maioria dos camponeses do Punjab e, por isso mesmo, aos camponeses sikhs. O descontentamento resultante foi explorado pelos extremistas”.

Se isso acontece no Punjab, o “celeiro da Índia”, o estado onde mais se tem investido em irrigação e técnicas modernas de cultivo e que apresenta uma produção de dez toneladas anuais de cereais por habitante, até que ponto chegará o descontentamento dos demais camponeses da Índia, mergulhados na mais extrema pobreza?

#### Cada vez mais pobres

Economistas do Madras Institute for Development Studies anteciparam para nós as conclusões de uma pesquisa que está sendo terminada, segundo a qual desde 1930 até agora a receita real das aldeias indianas não cresceu.

“Isto significa, em termos relativos, que sua si-

tuação piorou, já que a nível nacional a renda per capita aumentou em 50% depois da independência”, comentam os técnicos. Em algumas regiões, a renda dos camponeses baixou em termos absolutos. O mesmo ocorreu com a mulher do campo, cujo salário diário é de apenas quatro rúpias.

“Hoje em dia existem cinema, TV a cores, carros e outros bens de consumo produzidos na Índia. Os camponeses os conhecem, mas não têm acesso a eles”, indicaram os economistas desse instituto paraestatal.

Na Índia a pobreza salta aos olhos, mas é difícil medi-la com cifras. Segundo a nova definição oficial de linha de pobreza, 250 milhões de indianos estão abaixo do mínimo considerado indispensável para a vida humana. Outros cálculos demonstram que essa situação atinge a metade dos 750 milhões de habitantes do país.

Um estudo do National Council for Applied Economic Research, divulgado em Nova Déli a 5 de abril passado, concluiu que, nos próximos anos, “mesmo que a sorte dos pobres possa melhorar, muitos dos que não o são se tornarão pobres”. Tal conclusão está baseada num levantamento da década 1971-1981, que constatou uma melhora na situação das camadas inferiores, ao mesmo tempo que muitos daqueles que estavam acima da linha de pobreza, hoje estão abaixo dela. Apesar das “deficiências operacionais” dos programas antipobreza, estes teriam sido eficazes para melhorar o destino dos mais pobres entre os pobres, embora incapazes de conter o empobrecimento geral.

## O homem mais pobre do mundo?

□ O senhor Balay Das trabalha numa ponte sobre o canal leste de Calcutá, em cujas margens se amontoam milhares de refugiados procedentes de Bangladesh. Fabrica “bolos” de *gobor* (bosta de vaca), que deixa secando ao sol sobre os pilares da ponte. É um trabalho duro, pois ele tem que ocupar-se de todas as etapas da produção. Juntar a matéria-prima não é fácil, já que não há muitas vacas na cidade. Felizmente, algumas delas são levadas para pastar nos poucos metros quadrados que as favelas deixaram livres às margens do canal.

Depois, é preciso preparar a massa de esterco e encontrar algum muro batido de sol (no chão nunca há lugar) para deixá-la secar. Quando o *gobor* fica pronto, Balay Das o vende nas casas próximas. Cem unidades desse combustível custam 3 rúpias. Com sorte, ele consegue vender 300 por dia.

Embora a violência do Punjab seja a que ganha as manchetes dos jornais, o estado indiano que tem o maior número de assassinatos, violência de massas e banditismo é o Bihar, o mais pobre do país. Nele não existem minorias étnicas em conflito e o Partido do Congresso é amplamente majoritário.

Os técnicos indicam como causa da pobreza em Bihar a própria pobreza, que impede a população de poupar e, por conseguinte, de investir. Os líderes locais se queixam de uma certa “insensibilidade” por parte do governo central na distribuição de recursos. Os críticos de esquerda atribuem a miséria da região à sua situação feudal (ou semi-feudal), à corrupção, ao nepotismo e ao sistema de castas.

As quantias destinadas a Bihar pelo governo desaparecem no caminho e não chegam ao seu destino. Não existem registros de propriedade da terra (sendo, portanto, impossível cumprir a legislação sobre extensões máximas) nem de volume das colheitas dos arrendatários, o que os torna impotentes frente aos fazendeiros no momento de discutir o quanto lhes devem.



Roberto Remo

Produzir “bolos” de *gobor* é um trabalho duro

“É um trabalho de mulher — lamenta Balay Das — mas tenho que fazê-lo porque somos muito pobres”. Não se importa em ser fotografado e eu comento com minha guia e tradutora, a ginecologista Ariane Loening, que o retrato dele poderia ter como título “O homem mais pobre do mundo”. Para dar-me uma lição, Ariane lhe pergunta em bengalês se conhece algum vizinho mais pobre do que ele. “É claro”, responde prontamente. “A bosta não dá para todos”.

### A ponto de explodir?

K. N. Hari Kumar, influente diretor de jornais em Bangalore, capital do estado de Karnataka, expressa assim o pensamento das classes médias, durante uma conversa informal que mantivemos em seu escritório: “O governo desvia para a caridade o dinheiro que deveria ser capitalizado. É impopular criticar isso, mas esses projetos não são viáveis. Estão hipotecando o futuro em troca de benefícios políticos imediatos. Precisamos de investimentos e não de programas assistenciais”.

Somente 5% dos 38 milhões de habitantes de Karnataka lêem inglês. Para eles, Kumar edita o *Deccan Herald*, com 140 mil exemplares diários. A mesma empresa publica um jornal em língua local (*Kanaada*), com tiragem de 180 mil exemplares, para os 95% restantes. A diferença de qualidade entre as duas publicações é evidente. O jornal em inglês é impresso em *off-set* sobre papel branco e tem 32 páginas. O diário *Kanaada* é amarelado, mal impresso com tipografia de chumbo e poucas fotografias. A razão disso? “Os anunciantes prefe-

terceiro mundo — 25

rem o leitor que tem dinheiro e publicam no *Herald*", explica Kumar.

"Talvez devêssemos escrever mais sobre os pobres", reconhece. Mas essa concessão não poderia ir muito longe: "A população é tão ignorante que não se chega a formar opinião pública".

Do ponto de vista das camadas médias e altas, a Índia é um país de 70 milhões de habitantes com uma renda média e um nível de consumo equivalentes aos de uma "potência pobre", como Portugal ou a Grécia. Os 700 milhões restantes simplesmente sobram, não contam, não lêem jornais, não têm opinião nem participação.

"A Índia dos governantes, a Índia que existe, é totalmente diferente da Índia dos governados", escreveu Jan Myrdal em 1961. "A Índia dos governantes está cheia de *slogans*, luxo, abundância e frases sobre o amor à paz e seu original socialismo. A Índia dos governados é privação, fome e morte".

O visitante que chega hoje a Calcutá e sofre o impacto das condições de vida da maioria, se sente tentado a repetir essas mesmas palavras, um quarto de século depois, e a prognosticar uma iminente explosão social. Mas em 1952 Tibor Mende já escrevia que "cada vez resta menos tempo para ultrapassar o fosso que separa os ideais constitucionais das intoleráveis condições sociais". Ele já previa que "se aproxima cada vez mais a hora em que a Índia deverá tomar uma decisão".

Tal "decisão", se for entendida como uma mudança radical da política, não parece iminente. O sistema constitucional do qual o país tanto se orgulha — "somos a maior democracia do mundo" — mostrou ser surpreendentemente estável. O período de emergência ocorrido entre 1975 e 1977, quando Indira Gandhi adiou as eleições e governou com poderes extraordinários, teve sobre a intelectualidade radical um efeito catártico. É verdade

Roberto Riano



Em Calcutá existem sete mil "acampamentos ilegais"

## Os esquecidos

□ "Precisamos da ajuda de intelectuais e jornalistas. Somos fracos e não nos expressamos bem. Precisamos de apoio."

Fala um dos organizadores da primeira marcha dos favelados de Calcutá, ocorrida a 9 de abril passado. Cerca de cinco mil moradores de assentamentos ilegais desfilaram pelas ruas da cidade para entregar uma petição às autoridades municipais recentemente eleitas.

"Eles têm sorte porque agora há um governo comunista", comenta um jornalista. "Em Bombaim já teriam mandado os *bulldozers* derrubar as casas deles". As esperanças de que seus pedidos serão atendidos, contudo, são pequenas.

Existem sete mil "assentamentos precários" em Calcutá. Três mil deles são ilegais. A maioria surgiu junto com a industrialização, antes da independência. A luta dos comunistas conseguiu que fosse reconhecido o direito dos favelados às terras que ocupam, há 20 ou 25 anos. Seus votos contribuíram para que os comunistas conquistassem o governo do estado de Bengala Ocidental ("mas não o poder", como eles esclarecem insistentemente) em 1977.

que a formalidade democrática não é suficiente para libertar a maioria da população da escravidão da fome, mas lhes dá, pelo menos, a possibilidade de organizar-se e protestar contra os abusos. Nenhum partido político questiona hoje a democracia em si, embora todos debatam seu futuro.

Índira Gandhi foi castigada nas urnas em 1977, e o Partido do Congresso teve reduzida de 350 para 153 deputados a sua representação parlamentar. O Partido Janata, que o substituiu no governo, logo mostrou ser uma coalizão heterogênea unida apenas pela oposição a Índira. Desmoronou por absoluta falta de propostas e coerência interna e, em 1980, o Congresso recuperou a maioria. Sob o impacto emocional do assassinato da primeira-ministra, a maioria aumentou em 1984, mas em poucos meses o partido de Rajiv Gandhi perdeu os governos estaduais de Karnataka e Andhra, os municípios de Bombaim e Calcutá (as maiores cidades

do país) e teve reduzida a sua representação nas assembleias legislativas de Uttar Pradesh e Bihar.

Rajiv está capitalizando o prestígio de sua família e a falta de líderes alternativos de porte nacional, tanto dentro de seu partido quanto na oposição. Mas ele sabe que essa garantia não é permanente. Deve agir e rápido.

## Um equilíbrio difícil

Pouco depois da independência, a Índia optou por um modelo de planejamento econômico chamado de "economia mista", que pretendia "combinar o melhor do capitalismo e do socialismo".

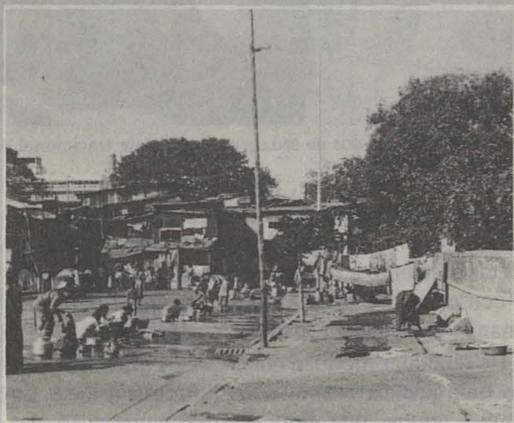
O colonialismo britânico havia impedido por completo o desenvolvimento da indústria local, particularmente a têxtil, que competia com as fábricas inglesas. Hoje se discute se a atual industrialização indiana deve ser atribuída à visão de Jawar-

Decididos a atacar o problema pela raiz, os comunistas deram toda prioridade à aplicação da reforma agrária no interior de Bengala, para diminuir a migração do campo para a cidade. Entretanto, a guerra da independência de Bangladesh, em 1971, despejou sobre Calcutá quase três milhões de refugiados. A maioria vive em condições subumanas.

Os assentamentos reconhecidos oficialmente são chamados *bustees* e recebem atenção das autoridades. Mais de meio milhão de pessoas, no entanto, mora em assentamentos "ilegais", localizados às margens dos canais, ao lado das linhas férreas, debaixo de viadutos ou simplesmente nas calçadas e ruas. Dois postes de iluminação pública são suficientes para amarrar uma esteira, que funciona como um "teto" sob o qual se instala uma família. Os moradores protestam, porque enfeiam os bairros e desvalorizam suas propriedades.

A prefeitura usa um misto de repressão e persuasão para desalojar as pessoas que moram nas ruas, construindo muros em volta dos jardins para evitar que outra família se instale no local.

Os investimentos na cidade (metrô, água, saneamento) aumentam o preço dos terrenos e agravam ainda mais o problema, porque os proprietários aumentam a sua pressão para que os "invasores" sejam expulsos.



Mais de meio milhão de pessoas vive nas ruas

O arquiteto Ajoy Chanduri encabeça uma organização voluntária denominada Service Center que apóia as reivindicações dos favelados: "Os habitantes dos *shums* (favelas) ilegais não têm domicílio", explica. "Por isso mesmo não votam e não existem. Há uma discriminação sistemática contra os pobres não-organizados, que não têm partido nem sindicato. Contudo, não são marginais ou lúmpens. Simplesmente não existem na teoria, como também não têm espaço na cidade".

Para organizar a marcha de abril foram necessários dois anos de trabalho tenaz. Representantes de 80 favelas participaram da marcha.



A produção de tecidos de seda para saris, traje tradicional das mulheres, está reservada ao setor artesanal

harlal Nehru ou se ele, simplesmente, continuou com uma política de substituição de importações iniciada pelos britânicos durante a segunda guerra mundial, quando a maior colônia da Coroa não podia contar com o abastecimento europeu para sua demanda de produtos manufaturados.

De qualquer modo, é claro que os primeiros planos quinquenais estimularam a indústria local, ao mesmo tempo que limitavam a penetração das transnacionais na economia. Os grandes bancos foram nacionalizados e as indústrias estratégicas foram reservadas ao Estado. O investimento estrangeiro está estritamente limitado e a indústria privada nacional deve solicitar licenças especiais para importar tecnologia, além de demonstrar que isso é necessário e que não existe similar na Índia. A pequena indústria está protegida, existindo inclusive produtos vetados para a grande indústria e outros reservados para o setor artesanal.

A execução destas disposições exige uma enorme burocracia, que completa o quadro da base social do modelo econômico, constituída por camadas médias e altas, que formam o mercado interno e representam 10% da população consumidora.

28 — terceiro mundo

Sobre essa dinâmica estão baseadas as conquistas da Índia: o país é hoje quase auto-suficiente em petróleo, caminha em direção do auto-abastecimento de alimentos e não depende do comércio exterior, o qual representa apenas 10% do total de sua atividade econômica. Esta é a base econômica de uma política externa independente e não-alinhada.

O outro lado dessa moeda é o fato de não ser preciso importar mais petróleo, porque 60% da população se auto-abastece de energia para usos domésticos, secando bosta de vaca ou recolhendo lenha. Os alimentos sobram porque a maioria da população não tem acesso a eles e o país só não exporta mais porque os produtos de sua indústria protegida são caros e não têm condições de competir no mercado internacional.

A recente decisão do governo reservando a produção dos tecidos de seda para os saris — a vestimenta tradicional das mulheres — exclusivamente ao setor artesanal é um exemplo típico do modelo indiano de intervenção estatal na economia e da controvérsia que isto suscita. Esta resolução causou protestos nas fábricas de Karnataka por elas afetadas, que tentam ganhar a classe média para

sua posição, alegando que essa classe terá de pagar mais caro por esses tecidos. Na opinião do governo, esse maior preço por um artigo de luxo se justifica plenamente pela necessidade social de não arruinar dezenas de milhares de tecelões artesanais nas aldeias.

Dentro da mesma orientação, o governo limita o capital máximo das empresas de artesanato, impedindo que elas cresçam e se automatizem. Com isso, as pequenas unidades produtivas podem garantir a criação de muito mais empregos do que as grandes empresas. O Sétimo Plano prevê que a pequena empresa aumentará o número de empregos de 31 milhões para 40 milhões. Existem 1.200.000 indústrias de pequena escala registradas, as quais produzem 50% dos bens industriais da Índia.

Estes critérios esbarram no pensamento econômico ortodoxo que defende, por exemplo, o *Business Standard*, de Calcutá: "A única solução lógica é deixar que o mercado determine as dimensões da empresa. Apesar da liberalização anunciada, o governo deve mudar de atitude quanto à política



Roberto Remo

## Existem mais de um milhão de pequenas indústrias

industrial. Deve-se abandonar a idéia de fixar tamanhos máximos e mínimos, taxas e técnicas. Hoje, quando os planejadores pensam em liberalização, o fazem em termos de novos estatutos e mais comissões".

O manifesto lançado em abril pelos liberais que estão organizando um partido em Bombaim, a capital industrial do país, se enquadra na mesma linha de pensamento:

"Não pode haver liberdade se o Estado domina a economia e não deixa margem para a iniciativa privada". Menos burocracia e menos assistência social é a palavra-de-ordem. O manifesto acusa a intervenção estatal na economia, nas últimas três décadas, de ser responsável pelo "lento crescimento, pela corrupção e pelo aumento do mercado negro".

Dentro de um sistema democrático, porém, o governo não pode ser insensível a situações como a da indústria da juta, a mais antiga do país e sua principal fonte de divisas, afetada pela concorrência de sacos sintéticos nos mercados interno e internacional. Duzentos mil trabalhadores de Bengala Ocidental e quatro milhões de camponeses dependem da juta. O Partido Comunista-Marxista (CPI-M), independente quanto à política externa (ao contrário do CPI pró-soviético e do CPI-ML pró-chinês), que governa Bengala, reivindica a nacionalização da indústria e que todo o setor público, particularmente as empresas produtoras de fertilizantes, use sacos de juta e não de plástico.

O governo anunciou que exigiria licenças especiais para o estabelecimento de indústrias produto-



Roberto Remo

O Partido Comunista-Marxista (CPI-M) que governa Bengala reclama a nacionalização da indústria

ras de sacos.

Assim, caso por caso, o governo de Rajiv Gandhi vai tentando um difícil equilíbrio entre a prometida liberalização para a grande indústria privada (referente a importações, aquisição de tecnologia e controle fiscal) e as necessidades dos setores afetados por essa liberalização, composto de eleitores seus.

### Entram os computadores, fogem os cérebros

Para cortar o nó górdio representado por essa difícil conciliação de interesses, Rajiv Gandhi acredita ter encontrado uma fórmula: saltar rapidamente para o século 21. Assim, a 10 de abril, o primeiro-ministro anunciou um plano de desenvolvimento científico e tecnológico, com maiores verbas para a pesquisa pura e aplicada e uma maior descentralização na manipulação dos recursos. "O uso cotidiano da tecnologia é a diferença entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento", disse. Em sua opinião, as áreas rurais são atrasadas porque "a revolução industrial ainda não chegou lá"

e disse que "quem pensa de outra maneira tem interesse em que os pobres continuem pobres, por razões políticas ou ideológicas".

O medo do desemprego é uma das razões para se resistir à modernização, explicou Rajiv Gandhi. Lembrou que houve uma resistência parecida durante a revolução industrial na Europa, no século passado, mas que a industrialização aumentou a riqueza e o nível de emprego, em vez de reduzi-lo.

Shivraj Patil, ministro da Ciência e Tecnologia, acrescentou que a política oficial está transferindo a prioridade da tecnologia "adequada" para a tecnologia sofisticada, com ênfase, ao mesmo tempo, no desenvolvimento da tecnologia nacional.

Sobre esse ponto de vista, o *Deccan Herald* comenta em editorial que "trata-se de uma mudança importante, que pode ter consequências adver-

30 - terceiro mundo

sas, em vista da tendência dos que têm instrução média ou superior para imitar o Ocidente. O mais novo não é necessariamente o melhor, nem o mais sofisticado é o mais benéfico".

Em frente ao edifício onde funciona esse jornal, em Bangalore, se pode ler numa parede, em grandes letras pintadas com piche: "Stop job-killers computers" ("Abaixo os computadores assassinos de empregos").

Até há pouco tempo só se autorizavam investimentos em computadores ligados à produção, mas não a automatização do trabalho de escritório. O orçamento de 1986-87 elimina essa distinção. A importação de sistemas de computação aumentou de 14 milhões de dólares em 1983-84 para 120 milhões em 1985-86.



Segundo o Banco Mundial a distribuição do rendimento na Índia é uma das mais equitativas do Terceiro Mundo

Enquanto esperávamos pelo início de um ato em solidariedade à Nicarágua, em Madras, conversamos com um estudante adiantado de engenharia eletrônica. Dos 33 alunos de sua turma, ele é o único que não pretende emigrar para os Estados Unidos, Canadá, ou Europa Ocidental.

Pelo menos 386 importantes cientistas indianos tra-

balham no exterior. Levá-los de volta ou evitar que continue a fuga de cérebros é indispensável para que se possa estabelecer uma política científica séria. Rajiv Gandhi tem interesse pessoal na questão e já traçou as linhas de sua política: reduzir o ingresso nas universidades "até o nível da demanda real" e assegurar uma política de estímulos aos cientistas e técnicos, equivalente à dos países desenvolvidos. Essa superelite teria sua receita média atual multiplicada por 10 ou 20.

Com um estímulo semelhante para os industriais e comerciantes prósperos, é inevitável que se produza uma maior concentração da renda. De acordo com o Banco Mundial, a distribuição da riqueza na Índia é uma das mais equitativas do Terceiro Mundo. De cada rúpia produzida no país, 33 centavos vão para os 10% mais ricos, enquanto que

00 9n - ornil - 000

## Defesa da vida...de quem?

□ “Se for preciso, pegaremos em armas para enfrentar essas ameaças”, declaram os camponeses de Sunderbans, em Bengala Ocidental, ao enviado especial do jornal *The Statesman*, de Calcutá.

Luta armada camponesa contra o governo ou contra os latifundiários? Nada disso: contra os tigres de uma reserva da região, que só nos três primeiros meses de 1986 mataram sete pessoas e feriram dezenas delas. No Parque Nacional de Dudhwa, em Uttar Pradesh, as vítimas dos temíveis felinos foram 25 no ano passado.

O último incidente de que se tem notícia ocorreu a 3 de abril, quando Gour Haldar e vários amigos seus entraram na reserva para procurar mel. Quando o grupo fez uma parada a fim de procurar lenha e esquentar o almoço, Haldar foi atacado por um tigre. Salvo pelos amigos, ele morreu em um posto médico, que não tinha equipamento para fazer transfusões de sangue.

Sabendo que os tigres alimentados com carne humana voltam ao local de seus “crimes”, os amigos de Haldar provavelmente voltarão à reserva com armas ou carne de cabra envenenada, para evitar novas proezas. Essa “vendetta”, no entanto, pode terminar em cadeia para os camponeses, pois os tigres estão protegidos por lei.

“A pobreza obriga os camponeses a aventurar-se pelas zonas dos tigres, apesar do perigo”, declarou um aldeão ao repórter do *The Statesman*. Nas proximidades de suas aldeias já quase não se

encontra lenha, a pesca escasseia e não há mel de abelhas silvestres, que proliferam nos parques nacionais.

A água dos parques, no entanto, não está livre da contaminação que atinge todos os rios indianos. Em busca de águas menos insalubres para beber, os tigres estão se aproximando cada vez mais das aldeias. Um funcionário do Departamento de Bosques quase foi linchado em Satjelia, em março último, porque disse que os tigres deviam ser protegidos a qualquer preço. Poucas semanas antes, um tigre tinha devorado uma mulher e seu filho nessa mesma aldeia, enquanto dormiam, em sua própria casa.

Os aldeões reivindicam dez mil rúpias (cerca de 800 dólares) de indenização por cada vítima dos tigres, além de guardas armados permanentes e cercas eletrificadas em torno das aldeias.

Os defensores dos parques se queixam da animosidade dos camponeses contra os tigres (42 tigres mortos em Dudhwa em 1985) e da crescente fixação de população em volta das reservas. Desde 1978, o número de aldeias que circundam Dudhwa aumentou de 21 para 80.

“Os tigres não votam”, afirmam, e por isso os políticos estariam mais inclinados a tomar partido dos camponeses. Os aldeões, por sua vez, vêm a situação de outra maneira: a cidade está contra eles e a favor dos tigres, que são defendidos por associações mundiais de conservação das espécies. Ambos são, sem dúvida, vítimas da catástrofe ecológica que se aproxima. Poderia-se argumentar que há “interesses objetivos comuns” de ambas as partes contra o modelo de desenvolvimento que os ameaça de extinção. Mas uma “frente comum” de camponeses e tigres não parece viável.

Esta anciã foi ferida gravemente por um tigre ...



... e outro matou o marido desta jovem



os 40% mais pobres recebem 16 centavos. O contraste com os países que abriram suas portas às transnacionais é notável: no Brasil, por exemplo, os 10% mais ricos da população recebem mais da metade da renda nacional e os 40% mais pobres recebem apenas 7%.

A fatia do bolo que os pobres da Índia recebem é comparativamente maior que a do Brasil. O problema é que o bolo indiano é de apenas 260 dólares per cápita por ano e o do Brasil é de 1.880. No entanto, se para fazer crescer o bolo for imprescindível que os ricos recebam mais, é possível que os pobres fiquem sem sequer as migalhas.

Em resumo, as coisas vão mal para o povo mas vão bem para a economia. Entre 1980 e 1985 o Produto Nacional Bruto cresceu a um ritmo de 5,2% ao ano.

O economista C. T. Kurien explica desta forma a situação: "O crescimento da última década foi satisfatório e o aumento da poupança nacional foi bastante importante. O compromisso 'socialista' (no sentido de criar um Estado assistencialista e não no seu sentido lato, o da propriedade social dos meios de produção) do governo exige um aumento dos gastos públicos. As empresas do setor público, porém, são incapazes de gerar lucros e, por isso mesmo, os recursos do governo estão se reduzindo. Pela primeira vez depois da independência verificou-se um déficit fiscal. Diante dessa situação, o governo está resistindo à idéia de aumentar os impostos diretos pagos pela minoria beneficiária do crescimento econômico, que tem capacidade de acumular. Pelo contrário, seguindo o exemplo da política fiscal de Ronald Reagan e de Margaret Thatcher, o imposto de renda foi diminuído, como forma de incentivo à acumulação e ao investimento".

"Por meio do aumento dos impostos indiretos, o governo transfere o custo de suas dificuldades fiscais ao setor mais pobre do país, cujos encargos aumentam devido à subida dos preços, ocasionada em parte pelos próprios déficits do governo. Ao mesmo tempo, cresce a dívida pública interna. O dinheiro economizado por meio do não-pagamento de impostos é emprestado ao governo pelos setores mais abastados, sobre o qual cobram juros para permitir a continuidade dos programas 'socialistas' de apoio aos pobres".

O persistente déficit na balança de comércio exterior, por sua vez, aumenta a dívida externa. O ministro das Finanças, Vishwanath Pratap Singh,

afirma que "qualquer pessoa que se limita a viver com seus próprios recursos sofre de falta de imaginação" e não se preocupa pelo aumento das dívidas externa e interna.

"Não vamos repetir a experiência da América Latina", garantem os técnicos de Nova Déli, já que o mercado externo não é importante para a economia indiana. O serviço da dívida, porém, já chega a pelo menos 10% das exportações e a metade dos novos empréstimos é destinada a pagar a dívida, aumentando assim a espiral. O economista hindu-ugandês, Iqbal Asaria, que passou de técnico do Banco Mundial a militante da luta do Terceiro Mundo contra o colonialismo financeiro, escreveu na revista *Inquiry*, publicada por ele em Londres, que "a Índia está começando a sentir os efeitos da 'latino-americanização' de sua economia".

Narayan Choubey, parlamentar do PCI, denunciou a 9 de abril que o Banco Mundial está pressionando a Índia para desvalorizar a rúpia, com o clássico argumento de que é necessário estimular as exportações. Dois dias antes, porém, o governo norte-americano tinha estabelecido limites para a importação de têxteis indianos pelos Estados Unidos, fechando assim o círculo de exigir por um lado o que proíbe pelo outro.

Asaria ilustra sua posição com uma história do folclore indiano: um velho procurava cuidadosamente, no mercado, a chave de sua casa. As pessoas presentes se ofereceram para ajudá-lo e perguntaram onde, exatamente, a tinha perdido. "Em frente à minha porta", respondeu. "Mas então por que está procurando aqui?". "Porque aqui há luz", concluiu.

A Índia estaria hoje na mesma situação, procurando saídas onde está toda a luz do assessoramento "desinteressado" do Banco Mundial, do FMI e da tecnocracia internacional. Só que aí se corre o risco de hipotecar a auto-suficiência, o não-alinhamento, a independência e a própria integridade do país.

Procurar no escuro é mais difícil. Mas somente revirando a própria casa, a sua história e os recursos inexplorados da sabedoria nacional, com a enorme capacidade de esforço e sacrifício de seu povo, existe a esperança de encontrar a chave. ●

**Roberto Remo Bissio\***

\* O autor percorreu a Índia entre 2 e 19 de abril passado, participando de um programa de encontro entre jornalistas e editores do país com seus colegas estrangeiros organizado pela Rede do Terceiro Mundo.



## Por um desenvolvimento sadio

setor mineiro e na geração de energia elétrica também se dirige para a área industrial, pública ou privada. Esses subsídios ocultos não são os únicos custos que o povo paga: os dejetos sólidos, líquidos ou gasosos da indústria são lançados no ambiente, levando muito pouco em consideração as populações vizinhas.

Quando o Estado se preocupa com o campo, seu interesse é com a agricultura comercial. A estratégia da Revolução Verde subsidiou os métodos de irrigação modernos e a utilização de produtos químicos (fertilizantes e

Quando a Índia traçou o seu Segundo Plano Quinquenal, em 1954, o subdesenvolvimento era considerado "essencialmente, uma consequência da falta de progresso tecnológico". A rápida industrialização do país, segundo o modelo ocidental, era vista como a chave para o progresso. O objetivo do planejamento e da política econômica deveria ser "fazer com que o ritmo da atividade econômica em geral e do desenvolvimento industrial em particular fosse acelerado o máximo possível".

Essa estratégia, em vigor até hoje, é criticada por diversas organizações ecológicas na Índia. Um ambicioso estudo sobre todos os aspectos da ecologia do desenvolvimento acaba de ser publicado com o título de "O estado do meio ambiente da Índia 1984/85".<sup>1</sup>

O estudo aponta as implicações desta estratégia sobre a utilização dos recursos naturais. Os planejadores tinham esquecido que os recursos naturais são limitados e, além disso, utilizaram-nos em benefício da grande indústria.

Assim, por exemplo, as políticas florestais adotadas promoveram o plantio de espécies de árvores que têm valor comercial, como o eucalipto, mas que são ecologicamente inapropriadas. Pior ainda, essas árvores não beneficiam as aldeias onde são plantadas e vendidas a preços ridículos para a indústria que as processa.

Os investimentos maciços em infra-estrutura no

pesticidas), o que aumenta a dependência da agricultura em relação à indústria, estimula a desigualdade social e extingue as unidades familiares de produção.

Do ponto de vista ecológico, a consequência mais grave foi a ruptura das instituições comunitárias que regulam a utilização das águas, das pastagens e das florestas. Ao seguir o modelo clássico do capitalismo agrário, esta privatização dos recursos de uso comunitário tirou dos pobres importantes meios de subsistência.

O objetivo da Revolução Verde era conseguir a auto-suficiência alimentar do campo, mas cada vez se torna mais evidente que o seu resultado prático foi o fornecimento de grãos à crescente população urbana, sem melhorar a injusta distribuição de recursos alimentícios no interior das aldeias.

A cidade também se apropria de outros recur-

*Os ecologistas criticam o modelo que imita a industrialização ocidental e propõem alternativas. Mas quem as tornará possíveis?*

sos do campo, como o solo (calcula-se que um milhão e meio de hectares de terras férteis foram ocupados pelas cidades nas últimas três décadas) e a lenha. Milhões de toneladas de madeira são queimadas a cada ano nas cidades. Esta lenha procede, sobretudo, de terras privadas e não de florestas comunitárias ou estatais. Mas o fato de que este comércio exista estimula o desmatamento. E se a madeira não fosse tão escassa, o comércio de lenha não seria tão atraente.

O desmatamento está ligado à proliferação de assentamentos marginais nas cidades, onde a lenha é usada para cozinhar, e é um dos sintomas da crise do meio ambiente urbano, paralela à do campo.

O relatório lança a idéia inovadora de que a migração rural-urbana "seria uma estratégia por parte das famílias camponesas para trazer para a aldeia um pouco da riqueza da cidade". A cidade favorece os "refugiados ecológicos" — expulsos da terra pela deterioração dos solos e a baixa produtividade — com trabalhos menos pesados e salários maiores, mas não lhes dá um lugar decente para viver, apesar da abundância de terrenos municipais.

### Pobres e ricos

Enfoques provocativos como este representam um ponto de vista pouco ortodoxo ao questionar a industrialização como um fim em si mesmo. No entanto, o relatório não se afasta da interpretação usual da esquerda ao tomar como eixo a divisão entre pobres e ricos. Os custos ecológicos da industrialização recaem exclusivamente sobre os pobres. Por um lado, lhes é negado o acesso aos recursos naturais controlados pelo Estado (a água ou os bosques na aldeia; a terra para construir sua casa nas cidades). Por outro lado, trabalham em condições subumanas e sofrem as consequências da contaminação da água e da atmosfera.

Os ecologistas também se preocupam com a questão da dicotomia homem-mulher. Os programas de desenvolvimento raramente levam em conta as mulheres. Apenas alguns estudiosos, e só recentemente, prestaram atenção a temas como o impacto da escassez de combustível e das más condições de moradia sobre a saúde da mulher.

Em geral, pode-se afirmar que o mercado em expansão discrimina as mulheres, que estão estreitamente vinculadas à economia não-monetária e

34 — terceiro mundo



Ecologistas: resgatar a tecnologia tradicional

que dependem muito de recursos naturais, cada vez mais escassos. A transição de uma economia de subsistência para a produção voltada para o mercado enfraquece a posição da mulher no lar. Sua resposta em algumas regiões, como nas encostas do Himalaia, foi a de assumir a liderança de movimentos de proteção às florestas ameaçadas.

Em geral, todo processo de industrialização sacrifica a conservação da natureza em prol da produção. Está implícito na estratégia de industrialização que copia o modelo dos países desenvolvidos, que o consumo de recursos renováveis e não-renováveis deve aumentar constantemente. Na lógica do "desenvolvimento", o progresso de um país é medido em termos de seu consumo de madeira, aço, cimento, eletricidade etc. Assim, dá-se prioridade ao consumo de combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás) às custas das fontes renováveis de energia.

Quando se faz algum esforço de conservação da natureza, ele se volta mais para a defesa de umas poucas espécies — em particular, os animais raros — do que para a preservação da diversidade biológica geral (vegetal e animal). Assim, o Projeto Tigre (considerado mundialmente como o mais bem-sucedido exemplo de preservacionismo) se dirige sobretudo a tranquilizar a consciência da elite urbana, sem levar em consideração a população que vive em torno das reservas (*ver Quadro*). Ao mesmo tempo, os esforços de preservação da diversidade genética de muitas variedades de plantas e animais recebem pouca atenção.

## A alternativa ecológica

O citado relatório não centraliza suas críticas na denúncia ao "imperialismo". O capitalismo indiano pode ser "dependente", mas em todo caso é óbvio que tem vontade própria e a capacidade de pôr em prática essa vontade através dos instrumentos do Estado. Não se ignora que há estratégias para montar no Terceiro Mundo fábricas poluidoras que a população nos países desenvolvidos já não aceita mais, porém a principal responsabilidade pela deterioração do meio ambiente recai sobre a indústria indiana.

A catástrofe de Bhopal foi, claramente, culpa de uma transnacional. Mas a presença da Union Carbide em Bhopal havia sido estimulada pela própria política adotada pelo governo. Também houve escapamentos perigosos nas fábricas da Rashtriya Chemical Fertilizers, de Bombaim, e da Shri Ram Foods, de Nova Déli (a primeira é estatal e a segunda, privada de capital indiano).

Da mesma forma, embora seja verdade que o Banco Mundial é um dos principais financiadores dos questionados projetos de reflorestamento com eucaliptos, não é menos certo que seus principais beneficiários são as fábricas indianas de papel e fibras.

Tampouco se pode apresentar uma visão idealizada dos pobres rurais como se todas as suas atitudes fossem ecológica e corretas. Muitas comunidades são obrigadas a degradar seu próprio meio ambiente para sobreviver, por exemplo no caso dos camponeses sem terra que cortam a madeira das florestas para vender lenha nas cidades. A escassez de recursos leva, inclusive, ao surgimento de conflitos dentro da população rural, como por exemplo, os choques entre pastores nômades e agricultores sedentários.

Inúmeros movimentos populares surgiram na Índia a partir de problemas ecológicos. Luta-se contra a privatização das pastagens, protesta-se pela substituição das florestas nativas por plantações industriais, há mobilizações de pescadores, de agricultores e de camponeses sem terra. Em geral, esses movimentos têm em comum a oposição entre formas comuns de controle dos recursos naturais contra a propriedade privada ou estatal. Mas se pode falar de uma alternativa ecológica?

O relatório mostra, ainda, com cálculos financeiros minuciosos, que muitos projetos mineiros ou hidrelétricos não trazem mais benefícios do que

teriam gerado a agricultura por eles substituída. Mas o enfoque não se limita à questão da viabilidade econômica e argumenta que uma tecnologia ecologicamente saudável é em geral socialmente justa.

Fontes renováveis de energia e sistemas não-mecanizados de irrigação são oferecidos como alternativas. Em alguns casos se procura resgatar a tecnologia tradicional; em outros as soluções são inovadoras: camponeses sem terra poderiam "transformar o reflorestamento das terras estatais gastas pela erosão, da Índia, no núcleo de grandes programas de reforma agrária e de geração de empregos".

## A decisão política

Tudo isso necessita de leis para ser colocado em prática. Em outras palavras, de atividade política. Os autores do estudo defendem que os "agentes da transformação" são as entidades que integram o chamado "setor voluntário". Sem dúvida, muitas dessas organizações têm desempenhado um papel valioso ao enfatizar o impacto ecológico dos projetos de desenvolvimento e mostrar, na prática, métodos alternativos de utilização dos recursos.

As organizações tradicionais de esquerda e de direita (sindicatos e câmaras industriais) não têm dedicado muita atenção aos problemas ecológicos. Ao mesmo tempo, os mais afetados pela degradação do meio ambiente são os setores marginais e não-organizados: mulheres, crianças, grupos étnicos "tribais", camponeses pobres e trabalhadores do setor informal da economia. É nessa área que o "setor voluntário" se mostra ativo.

O relatório afirma que esse setor voluntário pode desempenhar um papel crucial na reestruturação da sociedade, levando adiante as estratégias de desenvolvimento.

A visão da Índia ecologicamente saudável e socialmente justa que o estudo apresenta é estimulante. Mas se queremos acalentar alguma esperança realista de que esse desejo se realize, devemos pensar em uma solução que é, essencialmente, política. A ignorância dos partidos políticos quanto às questões ecológicas não é motivo suficiente para abandonarmos a política. ●

**Ramachandra Guha**  
(Extraído de E & P Weekly)

<sup>1</sup> "The state of India's environment 1984/85: the second citizen's report", editado por Anil Agarwal e Sunnita Narain; Center for Social Science and Environment, Nova Déli, 1985.

# A bomba no país da paz



**S**erá que Rajiv Gandhi, um dos seis signatários da Declaração de Nova Déli pela paz e contra a corrida armamentista<sup>1</sup> assumirá a responsabilidade de equipar a Índia com armamento nuclear?

Oficialmente, o governo de Nova Déli continua a afirmar que “não quer” iniciar um programa de fabricação de armas nucleares. Mas tal opção deverá ser “seriamente repensada”, segundo Rajiv Gandhi, se o Paquistão obtiver a bomba atômica. E o próprio primeiro-ministro insistiu perante o Parlamento, em abril, que “todas as evidências e informações” indicam que o vizinho rival caminha nesse sentido.

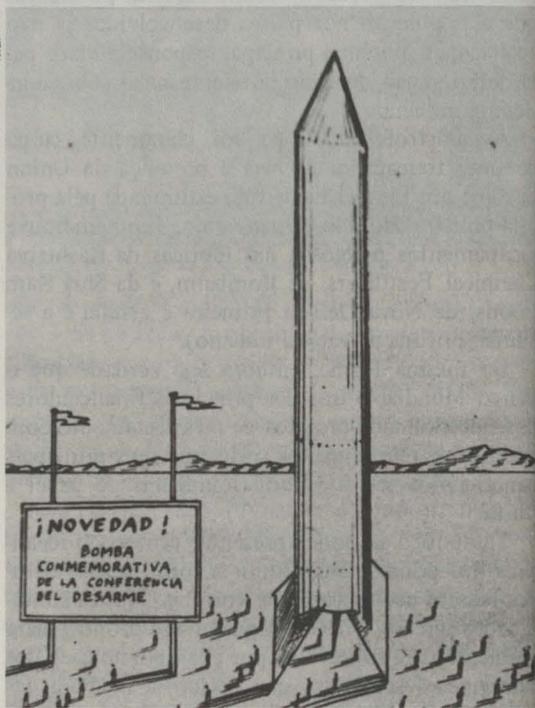
A Índia já é considerada por muitos observadores como um membro do seletto “clube nuclear” que dispõe de armas atômicas (junto com os Estados Unidos, União Soviética, China, Grã-Bretanha, França e, secretamente, Israel e África do Sul), já que em 1974 realizou uma explosão nuclear atmosférica. No entanto, essa explosão, de potência mínima, foi explicada como fazendo parte de um programa de pesquisa com fins pacíficos. Não haviam sido construídos, desde então, outros equipamentos e a bomba perde a sua eficácia militar se não puder ser transportada até o seu alvo por aviões ou mísseis apropriados.

A bomba que foi detonada em 1974 estava fixa na extremidade de uma torre, mas hoje a Índia já conta com foguetes capazes de pôr os seus satélites de comunicações em órbita e de se auto-abastecer de combustível nuclear, água-pesada e de reatores. Para dispor de armamento nuclear faltaria apenas a decisão política, já que os meios técnicos existem.

A perspectiva de que a corrida armamentista já desencadeada no sul da Ásia em termos de armas

<sup>1</sup> Os outros cinco foram Raúl Alfonsín, da Argentina, Benjedid Chadli, da Argélia, Miguel de la Madrid, do México, Julius Nyerere, da Tanzânia, e Olof Palme, da Suécia.

convencionais seja seguida por uma corrida nuclear começa a preocupar a opinião pública na região. Em abril começou a circular um pré-documento nos meios científicos da Índia e do Paquistão onde cidadãos de ambos os países exortam os seus governos a “evitar os custos e os perigos de uma corrida armamentista nuclear” e os seus cientistas a “discutir e a propor medidas de inspeção mútua que assegurem a cada um dos países que o outro não está construindo armamento nuclear”.



Segundo o Comitê por uma Política Nuclear Saudável (Cosnup), não seria válido argumentar que “o maior Estado do subcontinente está sendo forçado pelo Paquistão a possuir armamento nuclear”, já que “é a Índia, pela sua situação sociopolítica, quem marca o ritmo no sul da Ásia. Sobre nós recai a responsabilidade de decidir se a região será ou não nuclearizada”.

A Índia conta com um sofisticado sistema de defesa convencional ao longo dos seus 3.500km de fronteira com o Paquistão, desde o alto do Himalaia até o mar Arábico, equipado com mísseis ar-ar, terra-ar e ar-terra capazes de detectar, interceptar e destruir qualquer avião inimigo procedente do oeste. Além disso — argumenta o Cosnup —, a presença dos soviéticos no Afeganistão com o seu sofisticado sistema de detecção por satélites cons-

titui uma vantagem adicional para a Índia, que ficaria a par de qualquer movimentação agressora procedente do Paquistão com tempo suficiente para responder e inclusive destruir qualquer artefato nuclear antes que ele penetrasse no seu espaço aéreo.

### O papel das forças convencionais

Por outro lado, segundo o Comitê, não é verdade que o desenvolvimento de armas nucleares reduziria o orçamento com a defesa. A Índia enfrenta conflitos regionais e problemas fronteiriços que requerem forças convencionais. Um grande exército (com mais de um milhão de efetivos, o exército indiano é o maior do mundo) ajuda a manter a ordem interna e pode atuar em situações de emergência como inundações e epidemias.

“Não se pode conceber a bomba atômica em termos de se custa menos do que um Mig ou um Mirage”, escreveu Dharendra Sharma no influente *Indian Express*. O armamento nuclear exigiria uma infra-estrutura complexa e cara; milhares de engenheiros e de cientistas teriam que deixar os setores produtivos normais; uma seção especial da força aérea teria que ser instalada; médicos e pessoal de enfermagem teriam que ser treinados para uma tarefa que não está nos manuais. Pior ainda, toda essa estrutura teria que ser mantida secreta e isolada da sociedade. Nos Estados Unidos, dos 150 mil efetivos militares que trabalham com armamento nuclear, cinco mil recebem, anualmente, baixa por problemas psicológicos como alcoolismo, consumo de drogas e instabilidade emocional.

Na Índia, como em outros países, as taxas de suicídio e de doenças mentais do pessoal ligado à energia nuclear para fins pacíficos são maiores do que a taxa média. E serão ainda mais expressivas entre aqueles que se dedicarem às armas nucleares, submetidos a um *stress* ainda maior.

Os que insistem no armamento nuclear, afirma o Cosnup, concebem a guerra atômica em termos convencionais. Esquecem, no entanto, que as chovas radioativas não distinguem entre indianos e paquistaneses, hindus ou muçulmanos, ricos e pobres, brancos ou negros, vivos ou aqueles que ainda estão por nascer.

Cada explosão (ainda que experimental) de bombas nucleares aumenta o nível de radioatividade e põe em perigo a vida. “Não é, portanto, anticientífico nem antipatriótico opor-se à bomba atômica”.

●  
R. R. B.

# Confiar na sabedoria do povo



Os habitantes da aldeia de Handigudahkavalu decidiram jogar fora todos os seus bens de plástico e voltar a usar as cestas de fibras vegetais e vasilhas de cerâmica que eles mesmos fabricam.

A notícia não foi divulgada por nenhum jornal, mas pode ser o símbolo de uma profunda revolução no meio rural indiano, como a decisão de Mahatma Gandhi de queimar suas roupas ocidentais e vestir-se com os tecidos fiados por ele mesmo foi o símbolo do movimento nacional pela independência.

Assim como o conceito de *satyagraha* (desobediência civil não-violenta) sintetiza a proposta de Gandhi, a palavra-chave do novo movimento nas aldeias do sul da Índia é *sangam*, que significa a união de dois rios. Por extensão se aplica à confluência de idéias, à associação dos pobres.

“Em 400 aldeias de Tamil Nadu e Karnataka existe *sangam*”, nos explica S. X. James Melchior, diretor-executivo do Indian Cultural Development Center, porta-voz deste movimento de difícil definição, que não se interessa por publicidade.

### Resgatar as tradições

O instituto que Melchior dirige é uma organização modesta, com um *staff* de apenas 15 pessoas que ficam nas aldeias e uma, além dele mesmo, em Madrás, a capital de Tamil Nadu. A única diferença com os milhares de “grupos voluntários” ou “organizações não-governamentais” que se propõem a promover o desenvolvimento das 700 mil aldeias da Índia é seu enfoque: não se trata de trabalhar com os pobres e, menos ainda, para os pobres, mas sim de apoiar as idéias e projetos que eles mesmos decidem e executam.

O movimento tem por objetivo resgatar o passado indiano, dá ênfase às práticas tradicionais de saúde, lei e utilização dos recursos naturais, registra a tradição oral, as inscrições nos templos e estimula os cantos e festividades tradicionais.

“Desenvolvemos programas de pesquisa e treinamento em, por exemplo, medicina”, explica Melchior. Em cada aldeia existe pelo menos quatro pessoas dedicadas à saúde, com experiência em fazer partos, cuidar de crianças, clínica geral e doenças mentais, respectivamente. Todo este trabalho é registrado, ao mesmo tempo que se estimula a sua continuação. “Uma dessas parteiras assistiu 750 nascimentos sem um fracasso; um recorde difícil de ser igualado pela medicina ocidental”.

Ao começar a trabalhar com os mais pobres, os intocáveis das aldeias, os quadros do instituto viram que na maioria das vezes o que eles queriam começar a fazer, quando recebiam algum apoio, era limpar, pintar ou reconstruir o templo local, quando eles pensavam que seus problemas objetivos eram de alimentação, saúde ou moradia.

Na maioria dos casos, o *sangam* começa com a renovação do templo. Quando esta tarefa termina organizam-se festivais, fala-se muito e sobretudo se ri. O riso é fundamental para vencer o medo.

A imagem de que os pobres das áreas rurais são atrasados, supersticiosos, ignorantes, foi introjetada por eles mesmos, que passaram a acreditar nisso. Se surpreendem quando pessoas da cidade se interessam por sua sabedoria. A primeira coisa a fazer é, então, reverter esses preconceitos, usando sua própria criatividade e convencendo-os de que o que sempre fizeram é correto.

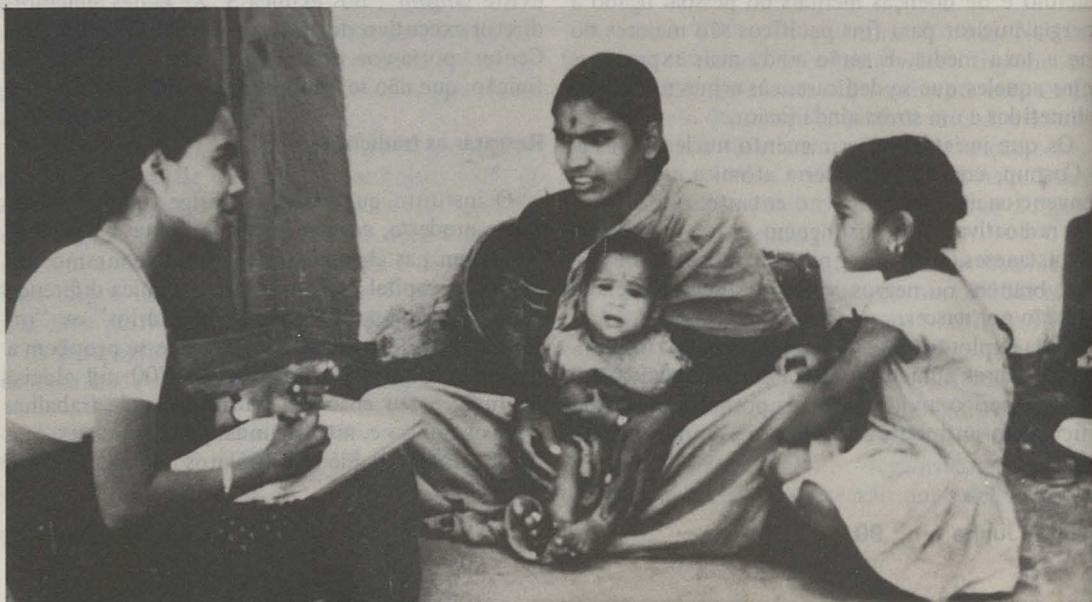
Em cada aldeia há especialistas em clínica geral e pediatria e se desenvolvem programas de treinamento



O movimento registra a tradição oral

Depois o grupo enfrenta outras tarefas: cavam-se novos poços, constroem-se casas à maneira tradicional, fazem-se instrumentos musicais e cantam-se, renovam-se os depósitos de água, criam-se oficinas de artesanato. “O importante é que se capacitem para o autogoverno, praticando-o”, explica Melchior. “O dinheiro proveniente de ajuda humanitária de fora está em suas mãos. São eles e não nós quem decidem em quê e como vai ser utilizado”.

Em uma segunda etapa, eles conseguem expressar o que sentem, instintivamente. Por exemplo, numa reunião um camponês se levanta e diz: “Eu



cultivo pimentão. Me dizem que me dão grátis fertilizantes e pesticidas. Eu não aceitei, mas meu vizinho sim. E agora já não pode aguentar os crescentes preços desses produtos, que se tornaram essenciais para ele, e está mais pobre do que antes". Se discute por quê. O camponês entende o sistema e pode explicá-lo ao vizinho.

"Procuramos trazer o carpinteiro, que deixou a aldeia, para que volte a trabalhar nela. O artesano é estimulado. Se há um excedente, ele vai ao mercado, mas principalmente para trocar por outros produtos e não por dinheiro".

Em Karnataka existe um programa de desenvolvimento da agricultura indiana feito pela própria comunidade. Em outros lugares se tenta resgatar a tradição institucional e legal, como por exemplo o sistema democrático de eleição de juízes na aldeia. "Cada aldeia é um mundo", explica Melchior.

Em alguns casos o *sangam* organiza toda a aldeia, mas há áreas onde a distribuição de recursos é muito desigual, com clara distinção de classes dentro da aldeia. Trinta anos de programas de "desenvolvimento" introduziram distinções profundas entre aldeias irrigadas, com utilização de sementes híbridas, fertilizantes e pesticidas, onde as áreas comuns desapareceram, e zonas marginais onde esta diferença não é tão acentuada.



O camponês que entende o sistema o explica ao seu vizinho

### Um esforço cultural

Nas aldeias "modernizadas", o *sangam* dos intocáveis passa despercebido, inclusive por parte dos camponeses ricos. "Talvez tenham visto que eles organizaram uma festa, ou que se reúnem, porém não se importam com o que os pobres possam fazer", explica Melchior. "Não percebem as intenções. Não é um esforço convencional. O que está acontecendo não é óbvio para olhos estranhos".

Mas, o que exatamente está acontecendo? Aonde vai o movimento?

Em essência, o que acontece é que os pobres assumem tarefas que lhes interessam diretamente e depois compartilham essas experiências em "oficinas" com outros pobres, nas mesmas aldeias. Não é um movimento subversivo. Não é um movimento político, mas sim, sobretudo, um esforço cultural.

"Nossos aliados urbanos estão na pesquisa ou no jornalismo, não na política", acrescenta Melchior. "O Estado se alia com os 'focos' ocidentalizados contra os esforços autóctones. Nós não entramos em choque com eles, simplesmente os marginalizamos. As elites urbanas não se interessam pelo que fazemos. Em 15 anos não apareceu um quadro de esquerda nas aldeias onde trabalhamos. Não se relacionam (estes quadros) com a cultura local".

"Ainda não temos idéia das implicações políticas a longo prazo. Não temos uma meta. O próprio processo é a meta. Os que estavam prostrados se põem de joelhos. Amanhã poderão erguer-se. Porém, quando e como dependerá de sua própria decisão".

Editora Tecnica Mundo Livro Ltda. Rua Rio de Janeiro - RJ - CEP:

Os pobres assumem as tarefas que mais lhes interessam



*O tempo e os problemas  
do nosso povo não param  
de crescer. Impõe-se que,  
cada vez mais, um maior  
número de pessoas*

*desperte este país,  
discuta o Brasil, mas  
em alto e bom tom,  
com os pés no chão.  
Comece por você, já!*

# TERRA FIRME

REVISTA TRIMESTRAL

<p>Junte ao(s) pedido(s) cheque nominal ou vale postal (ag. central) no valor correspondente.</p>	<b>SE VOCÊ CONSEGUIR</b>	<b>GANHA DE BRINDE:</b>
	3 assinaturas de Terra Firme	1 LP de "Radamés Gnattali"
	2 assinaturas de Terra Firme	1 assinatura trimestral de Nas Bancas
	1 assinatura de Terra Firme	04 semanas de Nas Bancas

OBS.: assinatura p/ exterior: US\$ 25.

**Cupom de Brinde**

<p><b>Desejo uma assinatura anual de Terra Firme.</b>                  Opção de pagamento:  <input type="checkbox"/> 02 parcelas de Cz\$ 40,00. A 1ª parcela juntamente com este cupom.                  (a 2ª parcela será cobrada por banco, para pagamento em 30 dias. Aguarde).  <input type="checkbox"/> 01 pagamento de Cz\$ 70,00 juntamente com este cupom.</p> <p>Data:        /        /</p> <p style="text-align: center;"><b>Assinatura do comprador</b></p> <p>Nome: .....                  Endereço: .....                  Bairro: ..... Cidade: ..... Tel.: .....                  Estado: ..... Cep: ..... Profissão: .....</p> <p><b>Desejo uma assinatura anual de Terra Firme.</b>                  Opção de pagamento:  <input type="checkbox"/> 02 parcelas de Cz\$ 40,00. A 1ª parcela juntamente com este cupom.                  (a 2ª parcela será cobrada por banco, para pagamento em 30 dias. Aguarde).  <input type="checkbox"/> 01 pagamento de Cz\$ 70,00 juntamente com este cupom.</p> <p>Data:        /        /</p> <p style="text-align: center;"><b>Assinatura do comprador</b></p> <p>Nome: .....                  Endereço: .....                  Bairro: ..... Cidade: ..... Tel.: .....                  Estado: ..... Cep: ..... Profissão: .....</p> <p><b>Desejo uma assinatura anual de Terra Firme.</b>                  Opção de pagamento:  <input type="checkbox"/> 02 parcelas de Cz\$ 40,00. A 1ª parcela juntamente com este cupom.                  (a 2ª parcela será cobrada por banco, para pagamento em 30 dias. Aguarde).  <input type="checkbox"/> 01 pagamento de Cz\$ 70,00 juntamente com este cupom.</p> <p>Data:        /        /</p> <p style="text-align: center;"><b>Assinatura do comprador</b></p> <p>Nome: .....                  Endereço: .....                  Bairro: ..... Cidade: ..... Tel.: .....                  Estado: ..... Cep: ..... Profissão: .....</p>	<p>De acordo com esta promoção, estou remetendo Cz\$ ..... em ( ) cheque nominal ou ( ) vale postal — em nome da Editora Terceiro Mundo Ltda.</p> <p>Considerando a eventualidade de alguns dos pedidos serem parcelados, aguardo a remessa do brinde a que tenho direito assim que os mesmos estiverem totalmente quitados.</p> <p>Nome: .....                  Endereço: .....                  Bairro: ..... Cidade: .....                  Estado: ..... Cep: ..... Profissão: .....</p>
--	--

Editora Terceiro Mundo Ltda., Rua da Glória, 122 — grupos 104/105/106  
 Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20241 — Tel.: (021) 242-1957

# O ataque à Líbia, um sinal de alarme

Os nicaraguenses sabem que a agressão a Trípoli e Bengazi faz parte da campanha belicista de Ronald Reagan, da qual a revolução sandinista seria o outro objetivo

Nos anos 20, os norte-americanos dançavam o *charleston* e diziam que eram “os anos loucos”, enquanto nas ruas de Chicago *gangsters* italianos e irlandeses se enfrentavam à bala.

Na Líbia, o guerrilheiro Omar al-Mukhtar, o “leão do deserto”, lutava contra o fascismo italiano e na Nicarágua Augusto C. Sandino, o “general dos homens livres”, combatia os *marines* do capitão Frederick Hatfield. Mukhtar foi enforcado em 1931 e Sandino fuzilado em 1934.

Mais de meio século depois, Líbia e Nicarágua foram associadas por algo mais do que aquelas gestas antiimperialistas, quase simultâneas. O artífice dessa ligação foi o presidente Ronald Reagan, para quem — segundo definição sua — o coronel Muammar Kadhafi é o “cão raivoso do Oriente Médio” e o comandante Daniel Ortega

“um capanga com óculos de figurinista”.

Na noite de 14 de abril foi realizado um ataque aéreo norte-americano a Trípoli, Bengazi e a três outras cidades por 18 bom-

bardeiros F-111, que levantaram vôo de bases na Grã-Bretanha, e 15 caças A-6 e A-7 estacionados nos porta-aviões “Coral Sea” e “America” pertencentes à 6ª Frota dos Estados Unidos no mar Mediterrâneo.

Segundo a Casa Branca, a operação foi uma represália ao atentado de 5 de abril na discoteca “La Belle”, em Berlim Ocidental, onde morreram quatro pessoas — entre elas, o sargento Kenneth Fogd, do exército norte-americano — e 200 ficaram feridas. Na época,



Tal como fuzilaram Sandino (na foto acima), os Estados Unidos pretendem agora destruir a Líbia.

Nas fotos, os restos da embaixada da França e uma equipe de resgate retirando vítimas do bombardeio em Trípoli



Os caças-bombardeiros A-6 e F-111 levantaram vôo dos porta-aviões da 6ª Frota e de bases dos EUA na Grã-Bretanha

Washington assegurou que possuía “provas irrefutáveis” da participação de terroristas líbios no atentado, ainda que nunca tivesse apresentado nenhuma.

Posteriormente, os Estados Unidos colocaram em “estado de alerta” todas as suas embaixadas e centros militares espalhados pelo mundo porque, diziam, existiam “sólidas evidências” — sem que no entanto explicitassem quais — de que comandos árabes planejavam atacar 30 representações diplomáticas norte-americanas.

No dia seguinte ao bombardeio da Líbia, soube-se que agentes da CIA, Interpol e da polícia de Honduras montaram um poderoso sistema de controle em portos, aeroportos e postos fronteiriços do país prevenindo ataques que “terroristas” líbios realizariam contra instalações diplomáticas, militares e comerciais norte-americanas. As medidas foram particularmente importantes na base aérea de Palmerola, na região central de Honduras, sede permanente de tropas e de aviões dos Estados Unidos desde 1982, e em Durzuma, na Mosquitia hondurenha, a apenas 17 quilômetros da fron-

teira com a Nicarágua, onde se encontram 400 engenheiros militares norte-americanos.

Cinco dias antes, a rádio HNR de Tegucigalpa havia informado que “os serviços de espionagem dos Estados Unidos interceptaram uma mensagem de Trípoli dirigida aos líbios na Nicarágua”. Pouco tempo antes, os jornais norte-americanos *The Philadel-*

*phia Enquirer* e *The Boston Globe* noticiaram que comandos árabes realizariam ações terroristas em território hondurenho.

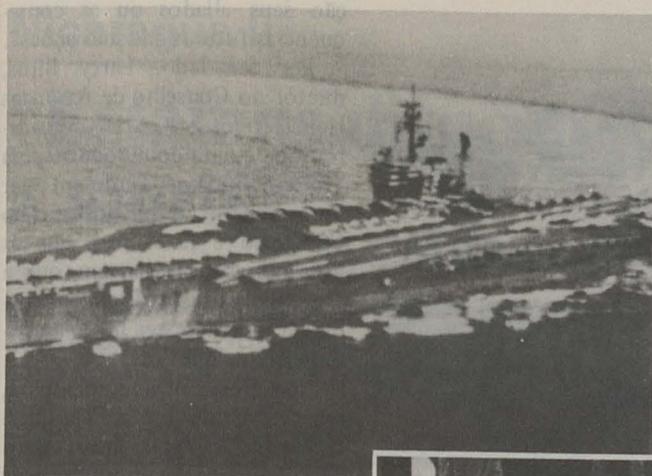
#### Uma demonstração de força

Ao tomarem conhecimento da alarmista campanha de imprensa e da adoção de fortes e ostensivas medidas de segurança em Honduras, alguns observadores calcularam que tudo não passava de uma operação psicológica que poderia ser o preâmbulo de um sangrento autogolpe da CIA para alcançar quatro objetivos: justificar represálias militares contra a Líbia, demonstrar que a Nicarágua empresta o seu território para “exportar” o terrorismo na região, provar uma suposta “conexão Trípoli-Manágua” e, principalmente, para conseguir a aprovação dos 100 milhões de dólares destinados aos “contras”, proposta que devia ser discutida na Câmara dos Representantes norte-americana no dia seguinte.

A 24 de março, a 6ª Frota norte-americana, dirigida pelo porta-aviões “Coral Sea”, “America” e “Saratoga” e composta ainda por 26 navios de guerra e equipa do



Manifestantes líbios junto a uma das vítimas do ataque



Reuters

Reuters



A 6ª Frota encontrava-se de prontidão no Mediterrâneo aguardando a ordem de ataque do presidente Reagan

com caças-bombardeiros e de interceptação, destruiu três embarcações líbias no golfo de Sidra. Na ocasião, o semanário *Newsweek* afirmou que o ataque foi “uma demonstração de força” para respaldar a proposta republicana de 100 milhões de dólares de ajuda aos “contras” da Nicarágua. A publicação mencionou, ainda, que o presidente Ronald Reagan “atenuou o impacto da morte de 240 *marines* no Líbano invadindo em seguida Granada, em outubro de 1983”.



O desenvolvimento de medidas de segurança em Honduras levantou a possibilidade de que o atentado na discoteca “La Belle” em Berlim Ocidental tenha sido uma “operação suja” da CIA para justificar uma posterior reação militar contra a Líbia e, indiretamente, contra a Nicarágua. Os observadores não descartaram a hipótese de um possível ataque-relâmpago contra instalações sandinistas no golfo de Fonseca (cujas águas são também compartilhadas por Honduras e El Salvador), nas imediações de Puerto Cabezas (na costa atlântica, no nordeste do país) ou em Punta Huete (no sudeste da Nicarágua, na costa do Pacífico).

Foi lembrado na Nicarágua, por exemplo, que quando, em junho de 1985, um grupo integrante da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) causou a morte de 13 pessoas — seis delas *marines* — em um restaurante de San Salvador, a Casa Branca ameaçou realizar uma “operação cirúrgica” contra a Nicarágua.

### Costa Rica, um cenário para a provocação ?

Existem indícios de que a CIA planejou, em 1985, um ataque — que acabou não executando — contra a embaixada dos Estados Unidos na Costa

Rica para depois acusar a Nicarágua. O senador John Kerry, democrata por Massachusetts, investiga atualmente a participação do mercenário Steven Carr — preso em San José juntamente com outros quatro “soldados da fortuna” acusados de violar a neutralidade costarriquenha com atividades de apoio aos “contras” — em um frustrado ataque à representação norte-americana, onde deixaria armamento soviético para culpar os sandinistas.

Por outro lado, os jornalistas Brian Barger e Robert Parry, da *Associated Press*, informaram em meados de abril que um ex-dirigente do grupo privado “Assistência Civil Militar”, ligado aos grupos contra-revolucionários nicaraguenses, lhes disse ter sido interrogado pelo Birô Federal de Investigações (FBI) “acerca de uma conspiração para assassinar o embaixador dos Estados Uni-



O ataque norte-americano à Líbia tem um segundo destinatário: a Nicarágua

dos na Costa Rica”, Lewis Tams.

E mais: o advogado John Matthes, um defensor de “contras” em Miami, declarou em 11 de abril ao *The Washington Post* que “instrutores da Força Democrática Nicaraguense (FDN) lhe informaram acerca de um complot para dinamitar a embaixada dos Estados Unidos na Costa Rica”.

As nove da noite de quinta-feira, 17 de abril, uma granada de fragmentação explodiu em frente à representação diplomática norte-americana em San José, tendo ferido levemente cinco pessoas que se encontravam em um estacionamento próximo. O embaixador Lewis Tams compareceu ao local e não hesitou em qualificar o incidente de “ato terrorista” em resposta ao ataque aéreo norte-americano contra a Líbia.

### O “paredón” e o patíbulo

Segundo o coronel reformado John Buchanan, ex-oficial dos *marines* e atual membro do Centro de Informação para a Defesa, com sede em Washington, “a mensagem da administração Reagan é muito clara: ela diz (através do bombardeio à Líbia) que está disposta a recorrer à força a qualquer momento sem levar em considera-



As agressões dos Estados Unidos aumentam o sentimento ant imperialista dos povos latino-americanos

ção seus aliados ou as consequências futuras das suas ações”.

Por seu lado, Larry Birns, diretor do Conselho de Assuntos Hemisféricos (COAH), considerou que a data do ataque à Líbia “foi escolhida pensando em criar um ambiente de patriotismo no Congresso e fazer com que os legisladores acreditassem que a Casa Branca está disposta a defender os interesses norte-americanos a qualquer custo”.

Buchanan e Birns coincidiram, separadamente, em indicar que a represália ao país árabe tinha por objetivo enviar um sinal de alarme ao pequeno Estado centro-americano. Também coincidiram, no entanto, em destacar o erro da manobra.

“O governo sabia que a ação na Líbia seria popular entre os norte-americanos, assim como sabe que a sua política em relação à Nicarágua não tem apoio. Reagan engana-se se pensa que um ataque parecido contra a Nicarágua seria apoiado pela opinião pública norte-americana”, disse o diretor do COAH.

O coronel Buchanan, por sua vez, declarou que Ronald Reagan “não conseguiu convencer o povo norte-americano de que a Nicarágua é um “santuário” de terroristas porque enquanto a Líbia está demasiado longe, a Nicarágua está suficientemente perto para que milhares de norte-americanos a visitem e voltem de lá com opiniões diferentes das do presidente”.

Por isso alguns observadores destacam que o objetivo perseguido por Washington é o inverso das mortes de Omar al-Mukhtar e Augusto C. Sandino nos anos 30: em 1986 a Casa Branca fuzilou Trípoli e espera enforçar Manágua.

Roberto Bardini

## Nicarágua II

# “Estamos dispostos a morrer”

O testemunho de uma camponesa que se dirige ao comandante Ortega para oferecer a sua vida em defesa da pátria e para expor as suas reclamações

A colheita do café termina na Unidade de Produção Estatal Peñas Blancas, no interior do departamento de Matagalpa, 180km ao norte de Manágua. É dia de festa e também de assembleia. O presidente Daniel Ortega, o vice-presidente Sergio Ramírez, as autoridades regionais, assessores do governo e comandantes sandinistas sobem em um estrado improvisado sobre a carroceria de um caminhão para realizar um encontro da série “De cara al pueblo”.

Sob o sol forte de uma manhã de fevereiro, expõem seus problemas, sugestões, reclamações, queixas ou opiniões, os camponeses sem terra e os donos de fazendas, os trabalhadores das plantações estatais (as terras que pertenciam a Somoza e à sua família), os pequenos proprietários cooperativistas e inclusive os estudantes do secundário que como voluntários ajudam na colheita, já que muitos dos homens mais fortes e experientes empunham armas para defender o país

dos “contras”.

Tanques de fabricação soviética protegem a reunião (estamos em uma área de frequentes incursões contra-revolucionárias) e a televisão filma cada uma das intervenções e as respostas que serão transmitidas dois dias depois para todo o país. Alguns problemas são resolvidos na hora. O presidente recrimina e ordena punições para as autoridades locais, que só começaram a distribuir dois dias antes da reunião víveres que estavam há várias semanas nos armazéns.

Outros problemas são analisados e explicados. Será preciso concentrar esforços e investimentos no campo e não dar tantos recursos para a cidade, o que estimula a emigração. Os camponeses sem terra deverão abster-se de ocupar propriedades que estejam em produção, mas serão apoiados e receberão a terra se denunciarem produtores ineficientes ou ausentes. Há interven-



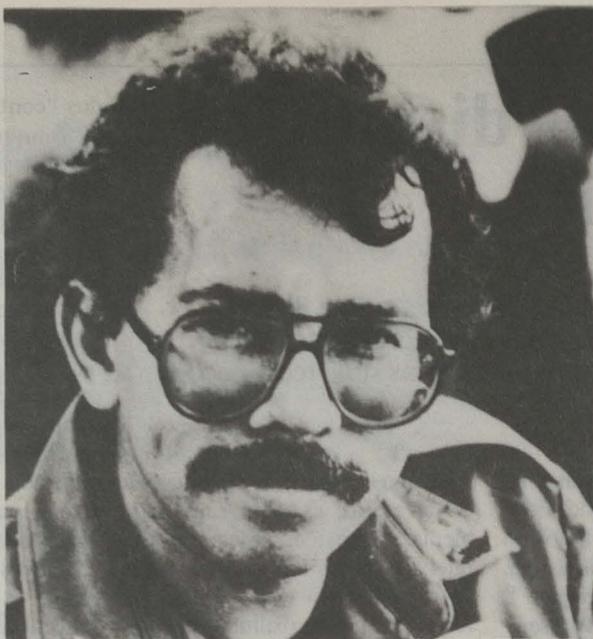
Membros do governo sandinista se reúnem periodicamente com o povo para analisar a situação

ções com uma certa dose de humor, como a do camponês que informa sobre uma fazenda em que "o *companheiro* proprietário abandonou a terra e foi para Miami trabalhar com os 'contras'".

Outras refletem com ironia as peculiaridades do modelo nicaraguense de economia mista, como por exemplo, a um proprietário médio, que agradeceu ao "honorável presidente" o envio de voluntários "para salvar minha colheita". Colheita de café que, graças à subida do preço internacional, trará um importante ingresso de divisas para a Nicarágua. Tão importante que o governo, monopolizador do comércio externo, para estimular os produtores lhes paga parte da produção em dólares.

A senhora Arado, procedente de uma Unidade de Produção Estatal (UPE) vizinha, foi a última a fazer o uso da palavra antes do discurso final do comandante Ortega. Transcrevemos a seguir sua intervenção, que fez brotarem lágrimas em muitos rostos curtidos pela luta e pelo trabalho.

"Companheiro presidente, uma saudação revolucionária desta mãe de dois filhos mortos na revolução popular sandinista. Quero que saibam que eu, como mãe de filhos mortos, digo ao presidente Ortega e a seus acompanhantes que nós, as mães, estamos dispostas a dar até o último filho se assim for necessá-



O presidente Daniel Ortega: escutando as reivindicações

rio. Mas também lhes pedimos que a ajuda que nos dão (3.150 córdobas) seja mais consciente. Nós pedimos e a revolução que nos peça nossos filhos. Nós vamos dá-los até o último que for necessário. Porque este país é nosso e vamos defendê-lo até o último momento.

"Também digo ao presidente e aos que o cercam, que muitos

***"Sabemos que a situação é dura. Sabemos que não podemos pedir muito, até que haja paz na Nicarágua"***

de nós, parentes dos que morreram pela Revolução, estão perambulando e vivendo em uma UPE. Por isso, muitas vezes, nos falta um mínimo de conforto. Dormimos no chão, não temos onde nos recostar, não temos dinheiro para comprar uma cama. Mas também queremos que nos dêem um pedacinho de terra para produzir feijão, milho, mandio-

ca, batata, tudo o que dá neste país, e que é necessário para ajudar a produção do café, porque se não há alimentos não podemos trabalhar.

"Aqui nós precisamos da força de todos os que nos cercam na revolução popular. Acredito que todas as mães são como eu: não chorei a morte dos meus filhos e nem os choro. Sinto-me orgulhosa porque antes, *companheiros*, nunca na minha vida, em meus 52 anos, eu jamais vi o rosto de Somoza e de seus acompanhantes.

"Hoje os estudantes se juntam a nós, convivem conosco, comem a mesma comida. Bem, mas sabemos que aqui a situação é dura. Sabemos que não podemos pedir muito, até que haja paz na Nicarágua. Mas acontece que muitas vezes temos que pedir um pouquinho, porque não estamos mais suportando as dificuldades. Eu fui antes no mercado e este vestido custa 4.500 córdobas e o sapato também. Pelo menos entre os parentes dos mortos, há às vezes famílias com até cinco crian-

ças que dependiam deles: seus irmãos, a quem davam seus salários. Mas nós, as mães, trabalhamos cortando café para comprar-lhes sapatos para irem à aula. Um filho tem um par, mas o outro não tem, porque não temos dinheiro para comprar para todos. Então o que vamos fazer com um par onde há cinco crianças que vão à escola? Nesta revolu-

ção nos envergonha mandar as crianças com seus pezinhos descalços, machucados, porque a professora pergunta: 'Por que não põe sapatos nas suas crianças?' 'Não foi porque não fomos comprar, mas porque o meu dinheiro não dá'. 'Está certo, companheira, então mande-os assim mesmo'. Mas o menino me diz: 'Mamãe, por que você me manda descalço? Não, mamãe, não me mande porque me dá vergonha, já que os meninos vão bem vestidos. Eles me bateram na canela. Eu não vou'.

"Não digo isso para que o comandante pense que o povo não o quer. O povo está ao seu lado e continuamos apoiando a Frente. Ninguém virá mandar em nós, porque somos nós, os nicaraguenses, que mandamos aqui.

"Também lhes digo que esta é a UPE Asunción Lóitiga, que era de Pallais Debayle (parente de Somoza). Agora é dos trabalhadores. Companheiros, aqui se encontram todos os que ali trabalham, a metade deles, na verdade, porque não há veículos para trazer todos aqui, porque a empresa não tem condições de realizar tudo o que desejamos e necessitamos. Mas nós, companheiros, nos encontramos com o comandante Ortega porque é ele que sabe realmente de nossas necessidades, porque nós e ele somos a revolução. Nós, a mães dos mortos, vamos fazer das tripas, coração.

"Eu lhes disse que na UPE onde vivo formamos um batalhão de mulheres. Para quê? Para ir a Waslala, pois o povo de Waslala me conhece, sabe quem sou. Uma mãe camponesa, velha, mas ainda posso lutar por meus filhos e pela pátria, porque aqui somos nicaraguenses. Aqui o ianque *go home*. Veio tropeçar nas pedras



A população rural: um dos alicerces do processo



Para a senhora Arado, "camponeses e operários chegarão juntos até o final"

daqui, porque aqui vamos quebrar-lhes os dentes a bastonadas.

"Porque isso aqui nos custou nosso sangue e nossos mártires, e nós, camponeses e operários chegaremos ao final. E digo isso ao comandante para que ele se sinta com o moral alto, porque há camponeses aqui que estão dispostos a morrer. Nossos filhos morreram, mas para nós, em nossa pátria, não morreram, continuam vivendo. Por quê? Porque seus irmãos continuam lutando. Continuam lutando na pátria alguns companheiros que são de outro país, que também aqui estão muitos em pé de igualdade conosco.

"Antigamente não podíamos vir aqui a Matagalpa para dizer que tínhamos um problema, por-

que a Guarda nos agarrava e nos batia. Faz sete, oito, dez anos, que morreu Ignacio Arado, meu marido. Um guarda atravessou seu braço com uma baioneta e quebrou sua mão porque Somoza dizia que nós sabíamos de um grupo de Sandino que andava em uma montanha. Sim, companheiros, não nego, meus filhos foram guerrilheiros e se por isso eu morrer não importa.

"Não nos deixam trabalhar em paz. Por isso mandaram os homens, companheiros. Muitas vezes me perguntam: 'Companheira, por que você se sente tranquila?', já que às vezes passamos necessidades.

"Porque, companheiros, vocês não sabem a situação que vive o país. Um país que tem muitos problemas, aos quais o governo ainda não pode dar resposta. Mas hoje, reunidos aqui com todos eles, nossos irmãos, nossa juventude sandinista, a ATC (Associação de Trabalhadores do Campo) e todos os que hoje aqui estamos, companheiros, dou ao comandante uma saudação e quero que saiba que sou a mesma que se reuniu com ele em Quebrada Honda, que nunca desani-meí, continuo sempre sandinista. Obrigada, companheiros, pela atenção."

R.R.B.

# Está aí a Europa que não nos deixa mentir



*"Habitados a conhecer as realidades do Terceiro Mundo através das análises de especialistas europeus e norte-americanos, não há como não se regozijar com o lançamento em língua portuguesa do Guia do Terceiro Mundo,..."*

*"Seu mérito é ter confrontado números, que lhes pareciam às vezes incompletos, com aqueles que puderam recolher graças à pesquisa de intelectuais e cientistas independentes, notadamente da América Latina."*

*"O livro tem outra particularidade: ele propõe uma classificação nova das diferentes regiões do mundo. Além dos países em desenvolvimento propriamente ditos (África, Ásia e América Latina), que formam o conjunto do Terceiro Mundo, os autores quiseram dar sua própria visão do Norte e do Leste."*

*"... este Guia é uma ferramenta de trabalho necessária para todos aqueles que pretendem conhecer as realidades contemporâneas através do prisma do Terceiro Mundo."*

(LE MONDE DIPLOMATIQUE, agosto de 1985)

**GUIA DO  
TERCEIRO  
MUNDO**

Uma publicação que não vê o mundo  
com olhos dos países ricos

*A edição de 1986 será lançada brevemente. Anote na sua agenda*

# A Unita em Portugal

Em entrevista a *cadernos do terceiro mundo* o embaixador Mawete João Baptista fala das relações do seu país com o governo de Lisboa e denuncia o apoio dos EUA à contra-revolução angolana

Nos últimos meses, o governo português tem reiterado à opinião pública, aos governantes angolanos, moçambicanos e de outros países africanos a sua intenção de impedir que Portugal seja utilizado pelas organizações contra-revolucionárias que combatem os governos legítimos dos países africanos de expressão oficial portuguesa.

Recentemente, durante a visita do presidente brasileiro, José Sarney, Mário Soares voltou a afirmar que Portugal não será

“santuário” da Unita e Renamo, sublinhando ser do interesse nacional desenvolver boas relações

políticas com os regimes angolano e moçambicano.

No entanto, não passou despercebida para jornalistas portugueses e brasileiros a diferença do tom empregado pelo presidente brasileiro e por Mário Soares ou Cavaco Silva. Enquanto Sarney, em várias oportunidades, insistiu na condenação veemente às “agressões externas ao país irmão” (Angola), repeliu “o desrespeito à sua soberania” e repudiou “as forças irregulares que operam no país”, Soares e



Soares e Cavaco Silva: omissão diante da atuação da Unita e Renamo em Portugal



Luiz Carvalho

Cavaco Silva utilizaram um discurso muito mais brando. O primeiro-ministro português foi mais longe, preferindo não abordar temas africanos nas respostas aos discursos do presidente brasileiro.

A diferença de posições foi de tal modo perceptível que a imprensa portuguesa apurou que Sarney não quis ir mais longe na defesa dos interesses africanos durante a sua visita a Lisboa, quando verificou as posições mais cautelosas dos governantes portugueses. Deixou para a sua estadia em Cabo Verde o pronunciamento com uma posição mais firme sobre esta questão internacional.

Massacre realizado pelos bandos armados de Jonas Savimbi (na foto ao lado)



Maurício Makemba

“O Diário”, a Unita mantém em Portugal quatro elementos do seu “comitê central”: Fernando Trigo, Paulo Tjipilica (funcionário da Secretaria de Estado da Cultura de Portugal), Miranda Dias e Carlos Fontoura, estes dois últimos de nacionalidade portuguesa.

Estes e outros dirigentes contra-revolucionários recorrem normalmente a passaportes marroquinos, como é o caso do atual “representante da

oficial de “reunião de angolanos”, esse encontro teria servido para que um dos principais dirigentes da Unita, Fernando Wilson dos Santos (recém-chegado de Washington onde acompanhara Savimbi na visita que este realizou a convite das autoridades

norte-americanas) expusesse os resultados da viagem e traçasse as novas orientações da organização.

Por outro lado, é agora frequente em Portugal chegarem às redações dos jornais comunicados da Unita e Renamo, muitas vezes entregues

pessoalmente, enquanto os seus boletins são distribuídos quase normalmente nas bancas de jornais. Começam também a tornar-se frequentes a colocação de cartazes próximo às embaixadas de Angola e Moçambique, as tentativas de recrutamento junto às comunidades dos dois países, sobretudo no meio estudantil e, mais recentemente, as ameaças contra instalações de empresas angolanas em Portugal e até contra a própria vida do embaixador de Angola.

### Reunião da Unita em Lisboa

Verifica-se facilmente, no entanto, que as declarações de condenação suavizadas à Unita e Renamo dos dirigentes portugueses têm pouca ou nenhuma aplicação na prática. Nunca os membros destas organizações dispuseram em Portugal de maior campo de manobra nem se sentiram tão seguros na sua ação como hoje.

Segundo revelou o jornal

“Unita em Lisboa”, Alcides Sakala Simões que, em 1984, recebeu ordem de expulsão da Alemanha Federal no mesmo dia em que o embaixador angolano, Luís de Almeida, apresentou as suas credenciais em Bonn.

O matutino português publicou também informações pormenorizadas sobre um encontro de 57 membros da Unita realizado num hotel de Lisboa, em 16 de março último. Sob a cobertura

### Passividade do governo português

Toda esta atividade se desenrola na mais completa impunidade. Não há notícia de que algum elemento da Unita e da Renamo, com ou sem carteira de identidade portuguesa, tenha sido incomodado pelas autoridades de Lisboa ou recebido ordem de expulsão do país; nem que a distribuição dos seus comunica-

dos e boletins tenha sido impedida; ou que a polícia tenha realizado investigações e reforçado a proteção às empresas e embaixada angolanas quando são feitas as ameaças. A imprensa tem publicado os nomes e os endereços dos homens da Unita e Renamo, das gráficas onde imprimem a sua propaganda, dos locais onde estão instalados os seus serviços de apoio. Mas nada se fez para limitar a sua ação.

A passividade das autoridades portuguesas nesta questão contrasta frontalmente, inclusive, com as atitudes tomadas pela maior parte dos governos da Europa Ocidental que têm cercado a presença da Unita e Renamo nos seus países.

O que se assiste em Portugal é o oposto das promessas feitas aos regimes de Luanda e Maputo pelo governo português.

A televisão dedica maior tempo a Savimbi do que a todos os dirigentes juntos dos cinco países africanos de expressão portuguesa. Uma editora (por coincidência, propriedade do filho do atual presidente da República) descobre a veia poética do chefe da Unita e publica sua obra, acompanhando a apresentação do livro com rasgados elogios públicos à sua personalidade de "combatente da liberdade".

As sabotagens em Angola e Moçambique são muitas vezes comentadas na rádio ao vivo pelos representantes em Lisboa das organizações contra-revo-

Arlindo Ferreira



Mawete João Baptista: "Vamos diretamente a quem está interessado em estar conosco"

lucionárias, imediatamente após serem cometidas, sem que seja concedido o direito de réplica às autoridades legítimas de Luanda e Maputo.

#### "Nós tomamos nota"

"Cabe a Portugal, ao povo português e ao seu governo compreender quais são os seus interesses fundamentais. Nós podemos apenas denunciar, informar, tentar convencer". Mawete João Baptista, embaixador da República Popular de Angola em Portugal, comenta com linguagem diplomática essa situação.

O embaixador prefere relembra as declarações de Mário Soares durante a sua tomada de posse como presidente da República, em março último, quando este afirmou ser sua intenção cuidar das relações privilegiadas de Portugal com os países irmãos de língua oficial portu-

sa. "Isso é importante. E nós tomamos nota. Também temos acompanhado as posições tomadas pelo governo atual, quando diz pretender manter o diálogo permanente com as autoridades angolanas".

Mawete João Baptista lembra a ação pragmática do falecido primeiro-ministro Sá Carneiro nos contatos com os governos dos "Cinco" e o empenho de Ramalho Eanes ao longo dos dez anos dos seus dois mandatos presidenciais para melhorar esse relacionamento. "Levou para lá muitos homens de negócio

e esforçou-se pessoalmente. Compreendeu que era necessário ultrapassar as contradições que nenhum benefício trazem aos dois lados".

O progressivo desenvolvimento das relações econômicas de Angola com a Espanha e o Brasil tem contrastado, nos últimos anos, com a estagnação das relações com Portugal, apesar dele ser ainda um dos primeiros parceiros econômicos de Angola.

"Nós vamos diretamente a quem está interessado em estar conosco", diz Mawete João Baptista. "O governo espanhol compreendeu o que era oportuno e evitou o que não era. Não temos qualquer razão de queixa. As relações econômicas se desenvolvem quando encontram uma base política segura. Quanto ao Brasil, é sabido que este país reconheceu a nossa independência desde o primeiro minuto e a

partir daí estabeleceu-se um ótimo relacionamento econômico. O governo brasileiro também não perdeu tempo com questões inoportunas. Quanto a Portugal, os problemas que impedem um melhor nível nas trocas econômicas são conhecidos: as feridas da descolonização, a instabilidade política vivida em Portugal nestes 12 anos, as pressões exercidas por norte-americanos e sul-africanos sobre o relacionamento entre Lisboa e Luanda e a tolerância permitida na utilização do território português para ações de desestabilização contra o nosso país”.

Em abril foi noticiado que a embaixada de Angola em Lisboa havia entregue ao governo português um dossiê com números, dados e provas sobre as atividades da Unita em Portugal. Foi o suficiente para que alguns jornais levantassem a suspeita de

membros dos serviços de informação estarem operando em território nacional, o que violaria o estatuto diplomático.

“Os elementos que obtivemos foram recolhidos por portugueses que os fizeram chegar às nossas mãos”, assinala o embaixador angolano. “Recebemos muitas cartas denunciando atividades contra Angola em território português porque a esmagadora maioria do povo está a favor do bom relacionamento com o nosso país. Alguns órgãos da imprensa nos acusam sem ter provas e isso é muito grave porque só se pretende criar dificuldades entre os dois governos. O dossiê não tem nada a ver com serviço secreto”.

“Entregamos a documentação ao governo português e já recebemos uma nota do primeiro-ministro informando-nos ter encaminhado esses dados para os

serviços competentes. Sobre este assunto só nos resta agora esperar.”

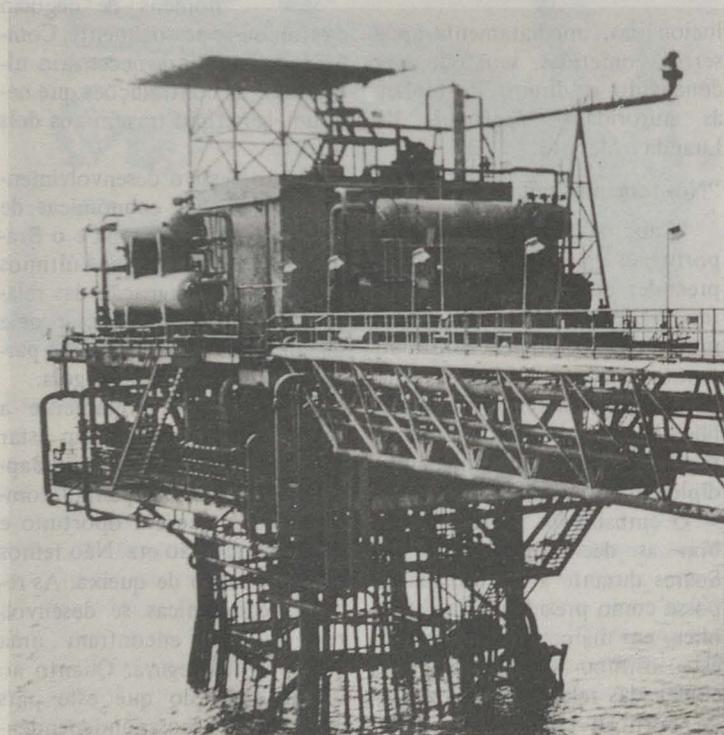
### Renovação da linha de crédito

“Nós temos todo o interesse em estabelecer um bom relacionamento econômico com Portugal, que dispõe de uma tecnologia intermediária que se adapta às condições de subdesenvolvimento em que Angola se encontra. Um passo positivo foi dado agora: a renovação da linha de crédito que havia chegado ao fim. Ela foi aumentada de 40 milhões para 65 milhões de dólares. Porém, não se tratou de ‘mendigar’, como alguns órgãos da imprensa portuguesa tendenciosamente sugeriram. Tratou-se de criar uma plataforma de relacionamento comercial e financeiro estável, tendo em vista a difícil conjuntura internacional provocada pela queda dos preços do petróleo.

“Angola honra os seus compromissos, como disse o próprio secretário de Estado português do Tesouro na época da assinatura do convênio da linha de crédito.

“Até a queda do preço do petróleo, o nosso Estado pagava pontualmente, no máximo em até três meses. Depois disso, demos a conhecer aos nossos parceiros as dificuldades com que nos defrontamos, derivadas não só da queda do preço do petróleo, responsável por cerca de 90% das nossas exportações, mas também do fato de enfrentarmos uma guerra não-declarada. E num momento em que a administração norte-americana intensifica o seu fornecimento de armamento não só à África do Sul como aos bandos armados.

“Sentimos muito o golpe



A queda do preço do petróleo levou Angola a rever o seu plano econômico  
52 — terceiro mundo

da queda do preço do petróleo, que nos obrigou a revisar todos os nossos planos econômicos e sociais. Tomamos medidas drásticas: redução das transferências e de algumas atividades não-essenciais, redução das importações, revitalização de outros setores exportadores ou com potencialidades de exportação.

“É bom não esquecer que os dez anos de guerra não-declarada causaram ao Estado angolano estragos materiais avaliados em 11 bilhões de dólares. Um balanço que não é só nosso, mas também das diferentes comissões especializadas da ONU que fazem permanentes inquéritos em Angola.”

#### “A política de Reagan é o terrorismo de Estado”

A promoção da Unita verificada nos últimos meses em Portugal coincidiu e intensificou-se com a instalação em Lisboa do atual embaixador norte-americano, Frank Shakespeare, e é particularmente notória desde que Savimbi foi recebido em Washington por Reagan e pelo Congresso, com grande pompa.

“O embaixador norte-americano segue os nossos passos”, diz Mawete João Baptista. “Quando nós pretendemos esclarecer a situação vivida em Angola, ele vem atrás e estraga tudo. Estivemos em Coimbra e ele foi logo para lá. Tivemos um encontro com a imprensa estrangeira acreditada em Lisboa e ele promoveu no dia seguinte uma reunião com os mesmos jornalistas. São evidentes as suas intenções de confundir a opinião pública portuguesa e internacional, lançando boatos sobre a situação vivida na África Austral e particularmente em Angola”.

“Isso não nos surpreende. O governo norte-americano deixou cair a máscara quando eliminou os efeitos da emenda Clark”, acrescenta o embaixador. “Desafiando toda a comunidade internacional que reconhece Angola como membro das Nações Uni-



Frank Shakespeare, embaixador dos Estados Unidos em Portugal

das, da OUA e do Movimento dos Países Não-Alinhados, os Estados Unidos convidam e recebem com honras normalmente concedidas a chefes de Estado um bandido responsável por massacres, que se aliou aos piores inimigos da humanidade. Recebem-no na Casa Branca, dão-lhe ajuda militar e econômica para ele poder prolongar a dor do povo angolano. Essa é a vontade de Reagan: prolongar a dor do povo de Angola. A política que ele pratica tem um nome. É terrorismo de Estado! Mas não são os mísseis Stinger que lhe farão ganhar a guerra em Angola: os EUA tinham centenas de B-52 no Vietnã e foram derrotados.

“Depois da recepção a esse

bandido e das promessas que lhe foram garantidas, dos 15 milhões de dólares oferecidos pela CIA, George Bush veio a Portugal. Aproveitando a tomada de posse do presidente Soares, ele foi à televisão portuguesa qualificar Savimbi de ‘democrata’. Mais tarde foi a vez do Frank Wisner tentar comprometer, sem êxito, o governo português no apadriñamento de uma eventual reunião em Lisboa entre norte-americanos e representantes sul-africanos. São claras tentativas por parte do governo norte-americano de utilizar o território português nas suas manobras de desestabilização na África Austral e também no sentido de limitar Portugal na sua soberania.

“Mas a entrada mais descarada dos Estados Unidos no teatro de operações em Angola veio reforçar ainda mais a nossa determinação. Os bandidos são cada vez mais um complemento da ação belicista dos Estados Unidos e da África do Sul”, afirma Mawete João Baptista. E acrescenta: “E não são só as destruições provocadas pela guerra que sofre o meu país. Os sul-africanos pilham as riquezas da Namíbia mas também as do sul da República Popular de Angola. Roubam-nos madeiras preciosas, marfim, peles de animais. Massacram elefantes e rinocerontes”.

Dias depois desta entrevista, o *Observer* de Londres noticiou que Savimbi já vendeu milhares de toneladas de madeira, principalmente teca, a uma empresa comercial de Joanesburgo. Cortadas por elementos da Unita, as árvores descem pelo rio Cuan-do e são recolhidas perto de Kongola, na faixa de Caprivi, na Namíbia, onde estão estacionados dois batalhões de mercenários sul-africanos. ●

C.P.S.

## Tempos difíceis para Mubarak

O presidente é pressionado para aplicar o receituário do FMI, mas sabe que essa medida pode lhe custar caro no plano político



Agentes rebeldes da polícia rendem-se às forças militares

A recente revolta dos oito mil policiais da Força Central de Segurança<sup>1</sup> estacionados no bucólico oásis de Gizé, junto às pirâmides, mostra até que ponto é aparente a estabilidade do regime egípcio e do seu líder, Hosni Mubarak. A rebelião dos po-

liciais durou três dias e a ordem só foi restabelecida graças à intervenção do exército, não sem que antes se espalhasse como uma mancha de óleo às cidades de Ismailia, Port-Said, Assiut e à própria capital, Cairo. Balanço da rebelião: 150 milhões de

dólares de prejuízos (segundo as autoridades), 300 mortos, mais de 700 feridos (segundo alguns correspondentes) e mais de dois mil policiais presos.

Aparentemente, a revolta se deveu a pretensos rumores de que o tempo de serviço na polícia iria aumentar de três para quatro anos. Esses rumores teriam despertado o ódio dos malpagos milicianos estacionados em Gizé. Mas embora essa tenha sido a causa mais direta da revolta, os alvos preferenciais dos amotinados — hotéis, restaurantes, cassinos de luxo — parecem dar razão aos que vêm por detrás dos acontecimentos a influência dos integristas islâmicos, a mais poderosa força de oposição ao regime.

De fato, a influência dos grupos mais ou menos radicais, do integrismo islâmico tem crescido desde o tempo de Sadat. A paz com Israel empreendida pelo presidente anterior; a aproximação com os Estados Unidos e os acordos de Campo David, de março de 1979; o isolamento total no Mundo Árabe provocado por essas opções e, mais recentemente, o agravamento da crise econômica tornaram o terreno fértil para a disseminação do discurso radical, sobretudo entre as amplas camadas de pobres, de desempregados (calculados em 30% da população ativa) e estudantes egípcios.

A atitude do regime para com esses grupos e seus líderes tem variado entre a repressão e a posição conciliadora. A influência que alguns desses grupos ganharam nas forças militares e militarizadas é também conhecida, muito embora o presidente Hos-

ni Mubarak tenha empreendido uma dura perseguição aos integristas nas forças armadas.

O atentado de 6 de outubro de 1981 contra Sadat e toda a cúpula dirigente do seu regime, e do qual o atual presidente (na época vice) escapou milagrosamente, foi atribuído a simpatizantes dentro do exército do grupo integrista *Al Jihad* ("Guerra Santa"). Como consequência disso, 30 oficiais teriam sido fuzilados pela sua responsabilidade no atentado. De lá para cá, os oficiais julgados simpatizantes ou próximos das correntes integristas islâmicas têm sido passados à reserva compulsoriamente, enquanto que o governo tem aumentado os privilégios da oficialidade, não só através de melhores remunerações, como da concessão de apartamentos e veículos.

#### 1985/1986: anos difíceis

O ano de 1985 e os primeiros meses deste ano não têm sido favoráveis ao regime de Mubarak. A crise econômica tem se agravado substancialmente em virtude da queda acentuada das receitas provenientes dos quatro sustentáculos da economia egípcia: o petróleo (70% das exportações nacionais), as remessas de emigrantes, o Canal de Suez e o turismo (*ver matéria p. 59*). E os integristas aproveitaram os acontecimentos que têm atingido a imagem do regime. Lembremos apenas alguns deles:

1) A 4 de maio de 1985, após uma tumultuada campanha de rua e nos órgãos de comunicação — onde os integristas contam com forte influência — o Parlamento recusa por esmagadora maioria a aplicação imediata da *sharia*<sup>2</sup> islâmica, ao contrário do que pretendiam os grupos inte-

gristas mais radicais (popularmente chamados de "maximalistas").

Apenas nove dos 458 deputados votaram pela aplicação da *sharia*. Mas os integristas têm plena consciência de que não é no Parlamento que se travam as atuais batalhas políticas, mas nas mesquitas e nas ruas onde encontram uma massa importante de seguidores. Vários intelectuais aplaudiram a decisão tomada pelo Parlamento, escrevendo em alguns jornais do Cairo que "o país tinha estado à beira de voltar à Idade Média"<sup>3</sup>.

Porém, nesse mesmo dia — e em aparente contradição com aquela decisão — o Supremo Tribunal Constitucional proclamava a inconstitucionalidade do decreto-lei promulgado em 1979

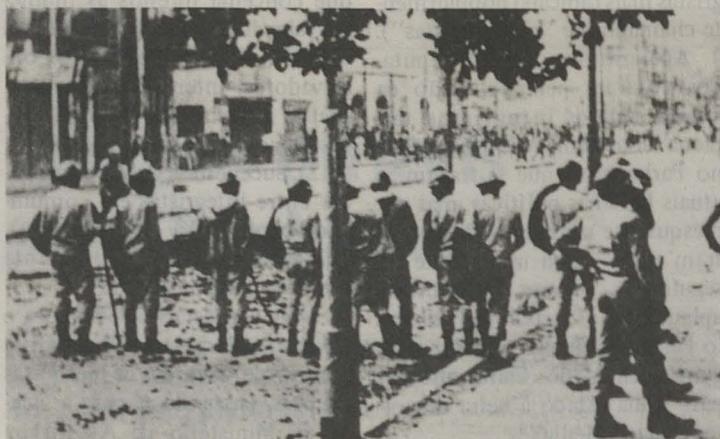
que concedia direitos às mulheres julgados "contrários à ordem divina". A maior parte dos observadores internacionais interpretou a decisão como uma concessão ao integrismo.

2) Sucedem-se graves confrontos entre integristas e a comunidade copta (10% da população), que atingem o seu auge durante o mês de junho de 1985.

3) A contestação social leva o governo a decretar, a 3 de julho, o controle de todas as mesquitas do país, passando-as para a alçada do Ministério de Assuntos Religiosos. Até então, o Ministério detinha apenas o controle sobre cerca de sete mil das 60 mil mesquitas do Egito. Do controle ao afastamento político de alguns líderes religiosos que ha-



Desde Sadat a influência dos integristas islâmicos tem crescido



A contestação social levou o governo a decretar o controle das mesquitas

viam se destacado na agitação é apenas um passo — decisões que são acompanhadas, geralmente, por grandes manifestações de protesto.

4) Em outubro, um policial mata a tiros sete turistas israelenses (quatro das vítimas eram crianças). O policial é preso e o grave incidente envolto em certo sigilo.

O pedido de explicações exigido por Israel leva os fundamentalistas a agitar as massas em defesa do policial detido e transformado em herói popular. O governo, enquanto isso, esclarecia que a questão era de fundo psiquiátrico: o isolamento no deserto teria levado o jovem policial a tão absurdo ato.

5) A 10 de outubro um boeing da *Egypt Air* que levava a bordo alguns dos responsáveis pelo sequestro do navio "Achille Lauro" foi desviado por caças norte-americanos para a Itália. O ato abalou as relações entre o regime egípcio e Washington e foi aproveitado pelos fundamentalistas para inflamar o ódio aos Estados Unidos — o "grande Satã" ocidental.

6) A 24 de novembro, num assalto relâmpago ao boeing 737

da *Egypt Air* desviado por piratas-do-ar e estacionado no aeroporto da La Valetta (Malta), as tropas de elite egípcias provocam a morte de 50 pessoas. Mubarak e o seu governo viveram um dramático e traumatizante momento da sua vida política.

Em janeiro de 1986, os fundamentalistas saíram de novo às ruas em memória ao policial que havia assassinado os turistas israelenses no Sinai, agora transformado em mártir já que fora encontrado morto na sua cela, no dia 7 de janeiro, em circunstâncias misteriosas.

A revolta dos policiais de Gizé no mês de fevereiro passado constituiu apenas o último dos acontecimentos que têm marcado a vida do Egito.

#### Um terreno escorregadio

Como pano de fundo desses acontecimentos polí-

ticos está uma realidade econômica e social complexa, cujas perspectivas de evolução a curto e médio prazo não são nada animadoras. Os credores do país e as organizações financeiras mundiais — como o Banco Mundial e o FMI — consideram a situação econômica do Egito "preocupante".

Em termos populacionais, o fator de maior preocupação é a explosão demográfica. A população atual é de 50 milhões de pessoas, mas a cada dez meses há mais um milhão de crianças. A agricultura tem se mostrado incapaz de alimentar esta população em crescimento acelerado (2,7% ao ano), registrando um aumento de produção que beira a estagnação: 1,5% ao ano.

A reforma agrária desencadeada por Gamal Abdel Nasser nos anos 50 não teve continuidade e as obras de expansão da área agrícola e de irrigação no vale do Nilo não tiveram prosseguimento através de uma ação conjunta. O crescimento desme-



Os integristas condenam fortemente as relações do Egito com os Estados Unidos

dido das grandes cidades, como o Cairo (12 milhões de pessoas, um quarto da população do país) tem ocorrido às custas da ocupação de terras férteis, fato grave já que elas correspondem a apenas 3,5% do território.

Metade das importações são constituídas hoje por produtos alimentares (em 1984, já custavam o dobro da receita do principal produto de exportação, o petróleo).

Alguns estudos econômicos recentes mostram que, em 1985, 37% dos egípcios viviam abaixo do limite de pobreza, enquanto que apenas 5% das famílias eram detentores de um quarto da renda nacional. Esse dado evidencia as

disparidades existentes e explica, em grande medida, o terreno em que cai o discurso radical dos fundamentalistas.

### “Infithah”: portas abertas à especulação

Mais do que a explosão demográfica, é a *infithah* (que quer dizer de “portas abertas” ao exterior), isto é, a política ultraliberal implantada por Sadat em 1974 e seguida pelo seu sucessor, que a maioria dos analistas econômicos aponta como fator cau-



O Cairo (12 milhões de pessoas): crescimento desmesurado

sador de maiores disparidades sociais durante os últimos anos. O objetivo principal dessa política era atrair capitais estrangeiros ao Egito, de forma a que investissem, quer criando empresas próprias, quer associando-se aos empresários nacionais. Os críticos da *infithah* sustentam que mais do que ter aumentado o investimento<sup>4</sup>, essa política levou o consumo a disparar, com os consequentes efeitos negativos na balança comercial e nas transações com o exterior.

Esses críticos do modelo eco-

nômico do pós-nasserismo, implantado por Sadat e seguido em suas linhas gerais por Mubarak, defendem ainda que em vez de ter “atraído” dinheiro do exterior, na verdade ele permitiu que se “escoasse” para bancos no estrangeiro uma hemorragia de capitais egípcios, avaliada hoje em 45 bilhões de dólares. O Egito tem uma dívida externa de 33 bilhões de dólares, dos quais 25 derivam da dívida “civil” ao estrangeiro e oito bilhões são consequência de dívidas de caráter “militar”, cujos principais credores são os Estados Unidos e a França. (O Egito é o sétimo devedor mundial, depois do Brasil, México, Coréia

do Sul, Argentina, Indonésia e Venezuela.)

O setor privado gera 60% do Produto Nacional Bruto (PNB) e um-terço da produção industrial. Mas em vez de uma classe empresarial dinâmica e disposta a investir em projetos que produzem riqueza, o regime egípcio pós-Nasser, para os seus críticos, criou exclusivamente uma classe rica que prefere pôr o seu dinheiro no estrangeiro. Uma das consequências da *infithah* e do modelo escolhido por Sadat em 1974 e seguido pelo seu sucessor — ain-

da que mais moralizado — foi, em grande medida, a criação de um “capitalismo parasitário”, que vive da especulação imobiliária, das exportações-importações, do tráfico de divisas e do mercado negro.

### Crescimento em espiral

Ao longo dos anos o Egito tem registrado constantes déficits na sua balança comercial. Esse déficit teria chegado no ano passado a seis bilhões de dólares, enquanto que em 1984 e 1983 ele foi, respectivamente, de 7,3 e 7,1 bilhões de dólares.

As receitas de divisas originadas das remessas dos imigrantes, do Canal de Suez e do turismo, durante um certo período, ajudaram a equilibrar as finanças egípcias, mas mostraram-se insuficientes nos últimos anos. O país acumula ainda sucessivos déficits na sua Balança de Transações correntes (mercadorias mais serviços). Por outro lado, o Estado

gasta muito acima das suas disponibilidades. Entre 1983 e 1984, por exemplo, o déficit do orçamento do Estado duplicou, correspondendo a aproximadamente um-quarto do Produto Nacional do país.

Consequência desses sucessivos déficits: o recurso à ajuda externa (que é particularmente importante, sobretudo a concedida pelos Estados Unidos) e ao endividamento externo. A dívida externa, que em 1970 era de 2,4 bilhões de dólares, sobe hoje a 33 bilhões de dólares. O ministro do Planejamento, Kamal el Gauri, afirmou que durante 1985 o serviço da dívida (juros + amortizações) custou 3,1 bilhões de dólares ao país.

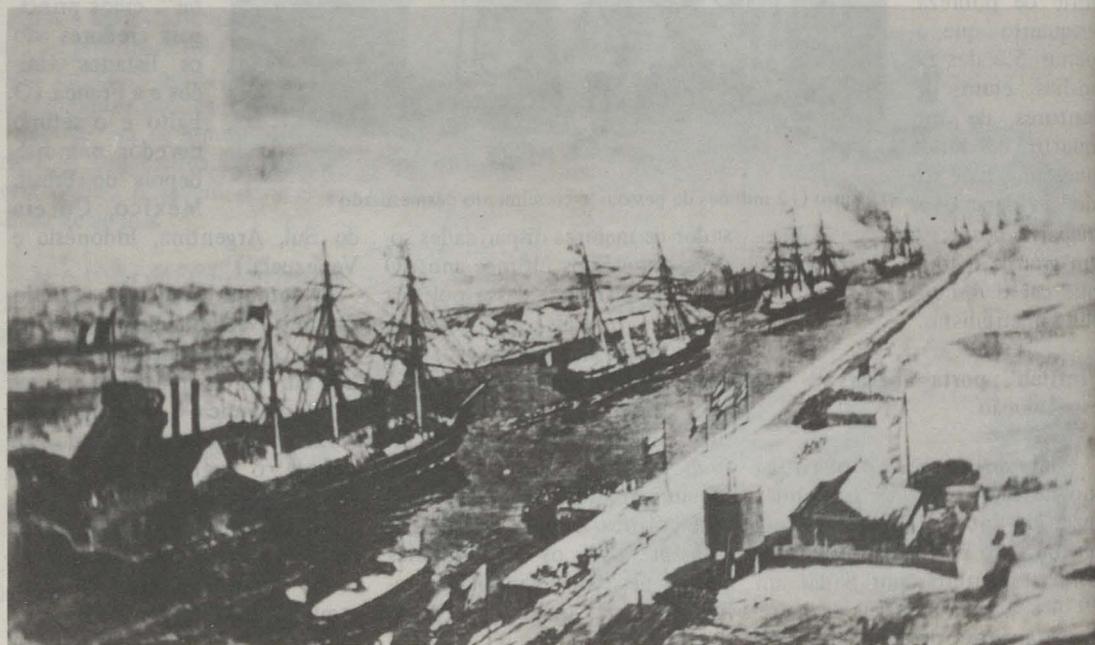
### Subsídios e gastos de defesa

O Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, assim como a maioria das organizações internacionais e países credores vêm há muito tempo aconselhan-

do Mubarak a empreender severos cortes nas despesas públicas de forma a minimizar o déficit nas contas do Estado. Mas Mubarak tem preferido uma política mais discreta, de limitação das importações e controle do déficit orçamentário.

Entre 1978 e 1982, os gastos com a defesa e segurança variaram entre 34,4% (1978) e 46,2% (1982) das despesas correntes do Estado, que conta com forças armadas e militarizadas de mais de 600 mil homens.

Os subsídios aos produtos alimentares e energéticos de primeira necessidade mobilizam cerca de sete bilhões de dólares ao ano, cerca de um-terço do orçamento. Implantar uma política de austeridade nesse campo implica aumentar o preço ao consumidor de produtos como a farinha, o pão, o arroz, o óleo, o açúcar, a petróleo para uso doméstico, a eletricidade. Mubarak e o seu governo parecem ter ainda bem presentes os protestos que tal inicia-



Canal de Suez (gravura de 1869): as suas receitas são fundamentais para a economia egípcia

tiva provocou em janeiro de 1977, conhecidos como os "tumultos da fome", que virtualmente colocaram o Egito em pé de guerra.

As negociações que têm sido feitas com o FMI levam a supor que o presidente Mubarak não poderá adiar por muito mais tempo a "terapêutica" que se inscreve no receituário normalmente prescrito por aquela organização financeira internacional.

Ali Negm, governador do Banco Central do Egito, que tem dirigido as negociações com o FMI, dizia recentemente que "há acordo quanto às medidas de austeridade que deverão ser adotadas", mas não quanto ao número de anos durante os quais se estenderá o "tratamento de choque".

O Egito, segundo o governador do Banco Central, pretende que ele se prolongue por cinco a sete anos. O FMI, por seu lado, defende um "tratamento de choque" em um período mais curto. Mas isso poderia constituir uma overdose de consequências gra-



Mubarak: resistindo em aplicar o tratamento de choque prescrito pelo Banco Mundial, FMI e outras organizações internacionais

ves para o futuro político de Mubarak e do atual regime.

Baptista da Silva

<sup>1</sup> A Força Central de Segurança conta com efetivos da ordem de 250 mil homens e depende diretamente do Ministério do Interior. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma força antitumultim e de segurança dos edifícios públicos e embaixadas. Essa força foi criada em 1977, depois dos "tumultos da fome" que ocorreram em janeiro daquele ano.

<sup>2</sup> Sharia significa "lei". Trata-se de uma vastíssima e complexa realidade jurídica que deriva não só de

um livro que, no tempo de Maomé, o profeta, regia a vida das pessoas em sociedade, como também a interpretação jurídica que ao longo dos séculos mereceu "a lei de Deus e a tradição do Islã".

<sup>3</sup> "Guerra Santa", "O chamado", "Anátema e Expição", "Movimento da Revolução Islâmica", "Irmãos Muçulmanos", "Encontro", são alguns dos muitos grupos integristas islâmicos que interferem fortemente na vida religiosa, social e política do Egito.

<sup>4</sup> Segundo a revista "Meed", o número de desempregados está próximo dos cinco milhões, o que corresponde a cerca de 30% da população economicamente ativa. Em 1982, essa porcentagem era de 20%.

## Uma economia em crise

Durante o ano de 1984, o petróleo, as remessas de emigrantes nos diferentes países do Golfo, receitas com o Canal de Suez e turismo eram, no seu conjunto, responsáveis por cerca de 70% das divisas do país. Porém, de lá para cá, elas não param de diminuir e o fato gera apreensões entre os dirigentes egípcios. O governo do presidente Muba-

rak já iniciou negociações com o FMI com vistas à concessão de um importante crédito *stand-by* negociando as respectivas contrapartidas.

Em 1985, as receitas do óleo cru geraram um total de dois bilhões de dólares (51% do total das exportações, menos 400 milhões de dólares do que no ano passado, quando correspondiam

a 63% das exportações).

A contínua queda do preço do óleo cru no mercado internacional levou o ministro egípcio do Petróleo, Adel Hadi Qandil, a afirmar que durante o corrente ano o seu país pensa em faturar 700 milhões a menos que em 1985 (- 35%).

Além da queda do preço, o país reduziu a extração em cerca de 200 mil barris/dia, em fevereiro passado, em virtude de dificuldades em encontrar colo-



Cerca de 62 navios cruzam diariamente o Canal de Suez

cação para o produto. O atual nível de extração diária é de 670 mil barris/dia que se for mantido provocará o esgotamento até 1995 das reservas conhecidas.

As novas prospecções não têm sido particularmente animadoras, embora elas prossigam, sobretudo no deserto ocidental, junto à fronteira com o Sudão. No campo energético são talvez mais animadoras as potencialidades do gás natural. Elas permitem às autoridades encarar desde já a possibilidade de reconversão de consumos domésticos e industriais, de forma a liberar o petróleo para a exportação<sup>1</sup>.

#### Remessas de emigrantes

Estima-se que atualmente vivem nos diferentes países do norte da África e do Golfo cerca de 2,3 milhões de egípcios, estando o maior contingente no Iraque (1,2 milhão), Arábia Sau-

ditá (700 mil), Líbia, Jordânia e Kuwait. Os efeitos da baixa do preço do óleo cru têm levado estes países a restringir a presença de trabalhadores estrangeiros. Só durante o primeiro semestre de 1985 voltaram ao Egito 500 mil trabalhadores, na sua maioria vindos da Arábia Saudita ou expulsos da Líbia. As remessas dos emigrantes (mais de 12% da população ativa egípcia), que em 1983 chegaram a três bilhões de dólares, caíram para dois bilhões em 1984. Desde Sadat, as autoridades egípcias têm incentivado essa imigração como forma de atenuar o desemprego e reduzir as tensões sociais. Hoje, se defrontam com os problemas criados pela volta maciça desses imigrantes e, naturalmente, com a queda muito significativa dessa fonte de divisas.

#### Canal de Suez

Após a guerra egípcio-israelense de 1967 o Canal ficou fechado à navegação. É desse período a construção dos superpetroleiros que tornavam economicamente rentável a rota pelo Cabo. Se-

gundo estimativas da administração do Canal de Suez, o período de fechamento (1967-75) custou, a preços da época, ao Egito, cerca de três bilhões de dólares.

Hoje, o Canal constitui a terceira fonte de captação de divisas, logo depois das remessas dos imigrantes e do petróleo. Os direitos de trânsito renderam, em 1985, cerca de 925 milhões de dólares (menos 49 milhões do que em 1984).

A curto prazo deve baixar ainda mais, em consequência da saturação no mercado de petróleo. Segundo dados fornecidos pelo "Suez Canal Authority", diariamente uma média de 62 navios cruzam o Canal, o que representa direitos cobrados da ordem dos 2,7 milhões de dólares por dia. O Canal é projeto do francês Lesseps e a sua construção foi iniciada em 1869, tendo ficado concluído dez anos mais tarde. O presidente Nasser nacionalizou-o em 1965.

#### Turismo

Das quatro fontes de receita é talvez a que registrará quedas mais significativas. Em 1985, rendeu cerca de 700 milhões de dólares. Contudo, as perspectivas para o corrente ano são desastrosas. As autoridades informaram recentemente que, após os tumultos de 25 de fevereiro provocados pelos oito mil policiais de Gizé, o fluxo de turistas caiu 40%, com uma queda de receita de 100 milhões de dólares.

A tensão no Mediterrâneo e os recentes bombardeios norte-americanos à Líbia provocarão efeitos desastrosos nas indústrias turísticas dos países da região, particularmente os africanos. O Egito será um dos mais afetados.

<sup>1</sup> Segundo a revista *South* (abril de 1986), o consumo interno situa-se atualmente nos 450 mil barris/dia, estando ainda o Egito obrigado pelo tratado de paz com Israel a fornecer a este país 40 mil barris/dia.

# O esforço para consolidar a paz

Após 20 anos de guerra civil, o país parece finalmente ter encontrado a paz e procura agora a reconstrução nacional partindo de um modelo político semelhante ao tanzaniano e moçambicano

Quando Yoweri Museveni assumiu o poder em Uganda no dia 29 de janeiro, a cerimônia não marcou apenas a posse do oitavo presidente da República nos 24 anos de vida independente deste país mediterrâneo que já foi considerado um dos celeiros da África. A mudança de governo assinalou também a agonia do velho modelo político baseado em lideranças étnicas e regionalistas que se alternaram no poder de forma instável e violenta, seguindo o estilo deixado pela antiga administração colonial inglesa.

Agora, ao completar quatro meses de poder, Yoweri Museveni tem ainda pela frente enormes desafios, todos eles gerados pelo fato de que o país terá de ser virtual-

mente refeito de alto a baixo depois de uma sucessão de regimes autoritários, responsáveis por conflitos que deixaram um saldo de quase um milhão de mortos, dois milhões de refugiados, 600 mil deficientes físicos e uma des-

truição material que ninguém se arrisca a calcular.

O que começa a ganhar corpo, ainda de forma vaga, é um modelo político que pela primeira vez toma como ponto de partida as necessidades da população. A estrutura que Yoweri Museveni e seus colegas do Movimento de Resistência Nacional (NRM) propõem, deve surgir de baixo para cima, depois de ter sido testada nos últimos três anos, nas áreas controladas pelo Exército de Resistência Nacional (NRA), o braço guerrilheiro do NRM. As chamadas Administrações Distritais lembram as Aldeias Comuns de Moçambique ou as *Ujamaas* da Tanzânia, experiências que o líder do NRM

conheceu muito bem nos seus tempos de exílio.

Embora ainda seja prematuro dizer se o novo governo terá êxito em sua tarefa de reconstruir o país e lograr a tão esperada estabilidade, o certo é que Museveni já conseguiu pelo menos dois feitos importantes. O primeiro deles foi esmagar o foco de resistência que se esboçou no norte do país, onde dominam as etnias *acholi*, *lango* e os seguidores do ex-ditador Idi Amim. Cidades como Kitgum, Gulu e Moyo cai-



Forças do Exército de Resistência Nacional durante a tomada do poder

Reuters

ram em poder do NRA no final de fevereiro e no começo de março, contrariando os prognósticos de quase todos os diplomatas e jornalistas europeus que previam um longo conflito entre o norte e o sul de Uganda.

O segundo e talvez mais estratégico êxito do novo presidente foi a reunião realizada em Entebbe, no dia 20 de março, reunindo nada menos de seis presidentes de nações vizinhas (Burundi, Quênia, Ruanda, Sudão, Tanzânia e Zaire) na qual ficou decidido que nenhum governo limítrofe daria apoio a grupos dissidentes no exílio interessados em desestabilizar o novo regime ugandense. Os interesses econômicos de países como Ruanda, Burundi, Zaire e Sudão acabaram prevalecendo sobre desconfianças ideológicas em relação ao NRM, porque a instabilidade política em Uganda criou sérios problemas comerciais para os seus vizinhos.

### O projeto Museveni

O projeto político que o fundador do NRM está colocando em prática tem muito a ver com sua história pessoal. Nascido em 1944 ou 1945 (ele não sabe ao certo), numa pequena localidade perto da cidade de Mbarara, Yoweri é um membro da etnia *ankole*, do sul de Uganda, perto da fronteira com a Tanzânia e Ruanda. Os *ankole* pertencem ao grupo bantu, dentro do qual sempre viveram à sombra da elite *baganda*, escolhida pelos colonos ingleses como seus sócios na implantação do centro econômico e agrícola de Uganda.

Educado em missões religiosas protestantes, Museveni assimilou desde criança os padrões moralistas e ascéticos de seus professores. Depois do curso se-

cundário, ele foi para Dar-es-Salaam, onde frequentou a universidade e entrou em contato com militantes da Frelimo, que na época lutavam pela independência de Moçambique. Chegou a fazer trabalhos de propaganda para os revolucionários moçambicanos e teria inclusive visitado frentes guerrilheiras da Frelimo, na província de Cabo Delgado, depois de um curso militar na



O presidente Yoweri Museveni

A convivência com os membros da guerrilha moçambicana lhe mostrou como um pequeno grupo de revolucionários poderia conseguir uma sólida implantação territorial desde que profundamente ligado à população local. Mostrou-lhe também que era possível criar uma administração autônoma em áreas ocupadas pela guerrilha.

Já os contatos com a liderança política da Tanzânia e com os intelectuais da universidade de Dar-es-Salaam deram a Museveni uma visão panafricana e a idéia de que a luta militar teria que se

desenvolver paralelamente à montagem de uma estrutura administrativa baseada nas aldeias, nos núcleos tradicionais de organização dos camponeses de Uganda. Alguns amigos do agora presidente, como seu assessor direto Eriya Kategaya, chegaram a dizer que Museveni juntou a experiência militar da Frelimo com a política socializante e panafricana de Julius Nyerere.

Ao formar-se em 1970, ele voltou para Uganda passando a trabalhar como assessor de Milton Obote, então presidente da República. Com o golpe de Idi Amin, Museveni foi novamente para a Tanzânia. Durante o exílio entre 1971 e 1979, o atual presidente de Uganda teve longas discussões com outros líderes da oposição, em sua maioria políticos mais velhos e em geral condicionados pelo tipo de divisão étnica e econômica deixada pelo colonialismo.

Em 1972 Museveni fundou a Frente de Salvação Nacional (Fronasa), uma organização que propunha a formação de uma coligação ampla de vários partidos para enfrentar a ditadura de Idi Amin. Outros grupos opositores também no exílio defendiam a tese de que a união deveria ser feita em torno do ex-presidente Milton Obote (líder do Congresso Popular de Uganda, UPC — um partido de tendência populista e reformista). O acordo foi impossível, mas apesar disso, os oito mil membros da Fronasa se juntaram a outras forças de oposição quando as tropas da Tanzânia intervieram em Uganda para derrubar Amin.

Museveni foi escolhido ministro da Defesa do governo de Yusuf Lule, continuou no cargo quando meses depois Godfrey Binaisa se tornou presidente, mas acabou sendo transferido



O antigo ditador Idi Amin Dada

para um cargo menos importante, pela ação de Paul Muwanga, um adepto de Obote que era o representante da UPC no regime da época. Quando Binaisa foi derrubado e foram convocadas eleições gerais em julho de 1980, a Fronasa se transformou no Movimento Patriótico de Uganda e concorreu no pleito, que depois considerou fraudulento.

### A resistência militar

Quatro meses depois da controvertida eleição de Obote para um novo período presidencial, Museveni decidiu partir para a resistência militar, criando um foco guerrilheiro na região de Luwero, no centro de Uganda. A decisão, na época, foi considerada suicida porque não era a região de origem do líder do UPM e nela era impossível obter apoio logístico externo. A primeira ação militar do novo grupo, qualificada por Obote como "a serviço de Idi Amin", aconteceu em fevereiro de 1981 contra o quartel de Kabamba, e acabou num fracasso. Em julho do mesmo ano Museveni se juntou aos seguidores

de Yusuf Lule para formar o Movimento de Resistência Nacional, ou o braço político da guerrilha que na época já se denominava Exército de Resistência Nacional.

O movimento adotou desde o início uma postura rigidamente moralista e não retaliatória, um fato inédito num país acostumado há longos anos a perseguições e vinganças

entre grupos armados dos vários setores étnicos que se alternaram no poder. Esta atitude valeu a Museveni imediatamente a simpatia dos camponeses de Luwero, que mesmo sem ter a mesma origem étnica do líder do NRA, acabaram por confiar nele graças à conduta não sectária dos guerrilheiros. As vitórias foram se sucedendo, na medida em que o governo Obote se desgastou rapidamente pela incapacidade de enfrentar a oposição econômica da forte burguesia agrícola e comercial da etnia *baganda*, bem como a pressão militar dos seguidores de Idi Amin, na região noroeste de Uganda, na província do Nilo Ocidental.

Enfraquecido politicamente, Obote acabou envolvido pela tra-

dicional rivalidade entre as etnias do norte, de origem nilótica, que formavam o núcleo principal das forças armadas, e os grupos do sul, de origem bantu, ligados à agricultura, pecuária e comércio. A partir de 1985 a instabilidade aumentou com sucessivas retaliações sangrentas, saques generalizados e vinganças. O caos tomou conta do país quando Obote foi derrubado novamente e a chefia do governo foi assumida por generais da etnia *acholi*, inimigos dos *lango* (o grupo de Obote). A confusão se prolongou até o começo de 1986, quando o vácuo de poder criou as condições para que Museveni acabasse se tornando a única alternativa.

### Os desafios de Museveni

Prematuramente calvo, Museveni não fuma, não bebe, tem hábitos extremamente ascéticos e já foi classificado por algumas agências de notícias europeias e



O ex-presidente Milton Obote

norte-americanas como um marxista radical. Grupos ligados a Obote o acusam de ser um teste-de-ferro do milionário britânico "Tiny" Rowlands, o principal executivo da transnacional Lonrho (minérios, transportes e agricultura). Um jornal norte-americano disse que ele recebia armas da Líbia. Mas o certo é que o novo presidente de Uganda não é

regiões de Uganda. O recém-criado Conselho de Resistência Nacional, com 35 membros, contém membros do partido de Obote e representantes do Partido Democrático (conservador e ligado à burguesia *baganda*). O NRC na verdade funciona como um parlamento provisório, até a realização de eleições gerais para uma assembleia cons-

mais diversos exércitos regionais e partidários que participaram na guerra civil, para formar uma força militar de no máximo 15 mil membros. O professor Ponsiano Mulema, um ex-assessor do Partido Democrático, é o homem-chave da economia, outro setor onde o país está praticamente arrasado.

A reconstrução administrativa procura implantar em escala nacional o sistema de conselhos criado pelo NRM nas áreas ocupadas pela guerrilha, notadamente na região de Luwero. O grande problema é a falta de quadros. Fontes próximas a Museveni admitem que o novo governo não tem nem um terço do pessoal que precisaria para impor um mínimo de ordem no caos administrativo em que foi transformado o país. As ligações com Kampala quase desapareceram e Uganda hoje não passa de um conjunto de aldeias vivendo de forma autônoma, com uma capital praticamente isolada em termos administrativos do resto do país.

O governo impôs normas rígidas no comportamento de seus funcionários encarregados de implantar as Administrações Distritais, proibindo desde abusos sexuais até a apropriação de alimentos. Mas existe uma grande desconfiança das populações do interior em relação aos emissários oficiais. Principalmente quando ele pertence a um grupo étnico diferente. A lembrança de massacres tribais ainda está muito recente. A maioria da população do interior se embrenhou na mata para fugir às perseguições e ainda mostra muita desconfiança em relação a estranhos. Os membros do novo governo acreditam que demorará no mínimo seis meses para estabelecer uma rede



O novo governo pretende formar uma força militar de até 15 mil efetivos

passado estudou Franz Fanon<sup>1</sup> a fundo, leu textos militares de Mao Tsé Tung e Clausewitz. Amigos mais próximos dizem que seu principal inspirador é Julius Nyerere. Museveni teria também grande simpatia por Samora Machel, mas ele não se define como marxista, estando mais próximo do nacionalismo de Nkrumah.

No seu primeiro ministério incluiu políticos de quase todas as

ni para um prazo de três anos.

O núcleo do poder está concentrado nas mãos de um pequeno grupo de veteranos do NRA, como Eriya Kategaya, que controla a implantação dos Distritos Administrativos Especiais. Esse estratégico programa político do novo governo pretende substituir a estrutura administrativa vigente desde o período pós-colonial e criar vínculos mais estáveis entre o poder central e as comunidades agrícolas do interior.

Outra personalidade influente é o médico Ronald Bata, o braço direito de Museveni na tentativa de reconstruir o exército nacional. Caberá a Bata a delicadíssima missão de reunir quase 50 mil homens em armas oriundos dos

1 Fanon é considerado um dos principais teóricos da luta anticolonialista africana. Nasceu na Martinica, viveu na França e mais tarde incorporou-se na luta pela independência da Argélia. Morreu em 1961 após prolongada doença. Deixou numerosos livros, entre eles "Condenados da Terra".

básica de estruturas administrativas capazes de romper o isolamento de Kampala.

O êxito ou fracasso do projeto está mais na dependência direta do comportamento dos emissários do governo e menos no tipo de mensagem política a ser transmitida. Com populações desconfiadas e arredias, a conduta exemplar dos agentes será o fator determinante na adesão de camponeses e chefes de aldeias. Como não há tempo para uma reeducação mais profunda dos funcionários públicos, é grande o risco deles se corromperem ou reagirem de forma violenta se não conseguirem a ajuda dos camponeses.

### O exército infantil

Mais difícil ainda é o desafio de criar um novo exército. Com a fuga do general Tito Okello e a debandada dos adeptos de Idi Amin sobrou um enorme contingente de soldados que agora não tem mais o que fazer, pois desapareceram as estruturas às quais estava ligado, e não tem mais lideranças. Há uma tendência óbvia para o saque usando as armas que dispõem, atitude que é facilitada pela ausência de uma estrutura de controle do novo governo. Apenas uns 20% destes soldados errantes estariam dispostos a retornar à agricultura ou outras atividades produtivas. A grande maioria, principalmente os das etnias *acholi* e *lango*, sempre exerceu atividades militares porque o colonialismo usou a sua tendência guerreira para ocupá-los. Mas Museveni não confia nos *acholi* e *lango* porque no passado foram fiéis a Okello e Obote.

Há também o problema dos guerrilheiros do NRA, num total de aproximadamente 20 mil, que devem formar o núcleo do novo exército, mas muitos deles, espe-

Cerca de cinco mil crianças ugandenses fazem parte do "exército infantil"



Reuters

cialmente os residente nas cidades, gostariam de reiniciar seus estudos. Mais grave é o problema da disciplina interna. Soldados e oficiais que integraram o extinto exército do governo Obote ou as forças de Idi Amin praticavam normalmente o saque e as retaliações, até mesmo como uma forma de sobrevivência. A integração destes elementos num exército disciplinado está sendo muito difícil e em alguns casos até impossível. Além disso, os guerrilheiros do NRA subitamente entraram em contato com realidades muito diferentes dos rígidos códigos de conduta moral a

que estavam submetidos durante a fase da luta pelo poder, e muitos deles caíram na tentação de usar os louros da vitória em causa própria. Pelo menos cinco oficiais e soldados do NRA já foram fuzilados desde março por terem saqueado populações ou aterrorizados adversários.

Os *acholi* do norte, tradicionalmente guerreiros e dotados de um orgulho próprio extremamente



A agricultura de auto-subsistência se manteve, apesar da guerra

te aguçado, mostram-se muito resistentes a seguir ordens de oficiais do sul, que foram sempre submetidos à hegemonia militar dos povos nilóticos. Os seguidores de Amin não chegam a causar grandes problemas porque em sua maioria fugiram para o Zaire ou Sudão.

Outra dor de cabeça para Museveni é o grande número de crianças com menos de 13 anos de idade que se integraram às forças guerrilheiras depois de ficarem órfãs. Calcula-se que aproximadamente cinco mil crianças façam parte deste "exército infantil". O governo quer criar escolas especiais para absorver os menores de 13 anos e que até agora preferiam metralhadoras soviéticas a brinquedos ou classes de aula. Houve até o caso de um menino de 14 anos incompletos que chegou a ser sargento no NRA.

### O colapso da agricultura

No terreno econômico as dificuldades não são menores. A agricultura de auto-subsistência, especialmente no norte, continuou a existir apesar da guerra porque os camponeses dependem dela para sobreviver. Como as cidades do interior foram praticamente abandonadas por causa do terror e saque, a agricultura familiar passou a contar com mão-de-obra extra, mas em compensação os circuitos comerciais foram totalmente desarticulados. O fantasma da fome só ameaça a etnia dos *karamoja*, da região oriental de Uganda, onde o gado foi praticamente dizimado pelo contrabando e pelas matanças indiscriminadas.

A agricultura destinada à exportação encontra-se num estado catastrófico. Os cafezais somente voltarão a produzir dentro de no-

Gamma



O antitribalismo é uma das prioridades do governo de Museveni

mínimo um ou dois anos, porque o mato cresceu entre as plantas e a maior parte das instalações de beneficiamento deve ser reconstruída. Também o cultivo do algodão está drasticamente afetado. O principal problema para recuperar as chamadas *cash crops* é a resistência dos camponeses em deixar as suas lavouras familiares para irem trabalhar em plantações grandes, com pagamento em dinheiro. Além de estarem naturalmente traumatizados pelos 20 anos de guerra e vinganças, eles não têm o que fazer com o dinheiro que vierem a ganhar. Os circuitos de comercialização estão paralisados e em muitas cidades, como por exemplo em Lira, a maior cidade da região dos *lango*, o dinheiro simplesmente desapareceu há mais de seis meses.

O United Commercial Bank, o maior de Uganda, fechou as suas agências na maior parte das regiões mais afetadas pela guerra. A inflação calculada é de aproximadamente 200% ao ano, e como os bancos só pagam 22%

nos depósitos, muito pouca gente usa cheques. É muito difícil calcular a dívida externa do país, mas as estimativas do Banco Mundial garantem que ela anda em torno de 1,5 bilhão de dólares, e quase 50% das exportações são usados no pagamento de juros e amortizações, anualmente. Ponsiano Mulema, o novo ministro das Finanças, escreveu antes de ser nomeado um trabalho com fortes críticas ao FMI quando era professor de Economia na Universidade de Makerere, em Uganda. Logo após a ascensão de Museveni, o Fundo temeu uma moratória unilateral e despachou imediatamente um alto funcionário para Kampala. A resposta do novo presidente ugandense foi, no entanto, tranquilizadora para o FMI. "Quando você herda a fazenda de seu pai — garantiu Museveni — você herda também suas dívidas".

Mas a grande incógnita do novo governo está no terreno ideológico. O NRM está unido no nacionalismo, no antitribalismo e na prioridade para a organização popular. Está comprometido com o rompimento das velhas práticas políticas do sectarismo partidário e para isso suspendeu as atividades dos partidos por tempo indeterminado. Mas a busca de solução para os problemas étnicos e para as questões econômicas vai exigir da nova equipe decisões cada vez mais difíceis e cuja solução não está definida no vago programa político do NRM e do NRC. Yoweri Museveni, ao que tudo indica, vai precisar muito mais do que seu carisma político, sua irrepreensível conduta moral e seu talento organizativo, para contornar os graves problemas que tem pela frente.

Carlos Castilho



Black Star

Kim Young Sam no comício de Pusan, em abril último: as maiores manifestações ocorridas na Coréia do Sul

## A vez do “pequeno dragão”

Confiantes de que o “efeito filipino” repercutirá no seu país, os sul-coreanos mobilizam-se numa campanha pelas eleições diretas cuja amplitude ultrapassa todas as expectativas

“Chegou a nossa vez”. Com diferentes variantes, os dirigentes da oposição encerram com esta palavra-de-ordem chave as grandes manifestações de massas que se sucedem na Coréia do Sul desde que Ferdinand e Imelda Marcos partiram para o exílio.

Com o exemplo do movimento popular que colocou Corazón Aquino no governo de Manila, os líderes do Novo Partido Democrático da Coréia (NPDC) têm endurecido as posições contra o regime de Seul, não hesitando em prever o próximo desenrolar do “efeito filipino” na Coréia do Sul. Em recente entrevista à televisão norte-americana, Kim Young Sam, um dos dirigentes mais proeminentes do NPDC — ainda

com os direitos políticos suspensos — reiterou as afirmações que fizera dias antes num comício de 50 mil pessoas: o presidente Chun Doo Hwan corre o risco de ter de abandonar o país “até a próxima primavera” se o seu governo não aceitar as reivindicações de democratização da oposição.

### Diretas, já!

A principal exigência do movimento popular sul-coreano concentra-se, no momento, na campanha de eleições diretas para a presidência da República, marcadas para 1988. Nesse sentido, está ocorrendo em todo o país uma campanha popular visando a recolher dez milhões de assinatu-

ras — um-quarto da população total da Coréia do Sul — para pressionar o governo e o Parlamento a facilitarem a aprovação de uma emenda constitucional que elimine o colégio eleitoral e permita o sufrágio direto, daqui a dois anos.

A força da campanha dos “dez milhões” ultrapassou as expectativas mais otimistas da oposição e o regime tem fracassado nas tentativas para boicotá-la.

Em fevereiro, a polícia dispunha ainda de campo de manobra para interrogar e intimidar 100 deputados da oposição empenhados na coleta de assinaturas, enquanto o governo considerava ilegal o movimento, ameaçando deter os seus ativistas e condená-los

a sete anos de prisão. Mas semanas depois, quando a alegria tomava as ruas de Manila com a partida do casal Marcos, o governo sul-coreano já tinha recuado.

O general na reserva Chun Doo Hwan começou por se afirmar disposto a evitar "reações excessivas" por parte da polícia e, facto sem precedentes, convidava para um "almoço de diálogo" na Casa Azul (residência presidencial) Lee Min Woo, presidente em exercício do NPDC.

O presidente sul-coreano levantou o regime de prisão domiciliar a 270 membros da oposição, entre os quais Kim Young Sam e Kim Dae Jung, o líder carismático do NPDC e da ampla frente democrática que contesta o regime de Seul (ver *Quadro*).

O governo de Chun Doo Hwan procura acolher os Jogos Olímpicos de 1988 sem grande agitação política e dar ao mundo uma imagem de "cara limpa" do regime.

Ao mesmo tempo em que ga-

rante que a Coréia do Sul não será uma "segunda Filipinas", Chun Doo Hwan vai cedendo nas suas posições de intransigência. No encontro com Lee Min Woo, o chefe do governo de Seul aceitou, pela primeira vez, o princípio da emenda constitucional de um homem/um voto para a eleição presidencial. Porém, nunca antes de 1988.

Segundo a proposta de Chun Doo Hwan, o próximo presidente seria eleito ainda pelas normas do colégio eleitoral de 5 mil membros, que é dominado pelo situacionista Partido da Justiça e da Democracia (PJD), comprometendo-se apenas o seu sucessor a convocar novas eleições, desta vez diretas, para 1989.

A oposição recusou a proposta, exigindo a introdução das reformas constitucionais ainda este ano, necessárias, segundo a lei em vigor, para que as eleições de 1988 se realizem com o sufrágio universal.

Aliás, o nome do provável

"delfim" de Chun Doo Hwan não pode deixar de reforçar as suspeitas da oposição de não-cumprimento das promessas de eleições diretas em 1989: Roh Tae Woo é um antigo companheiro de armas do atual presidente a quem ajudou a dominar o exército após o assassinato de Park Chung Hee. Foi depois nomeado chefe da segurança e da defesa, secretário-geral do PJD e preside atualmente o influente Comité Organizador dos Jogos Olímpicos.

A campanha das dez milhões de assinaturas prossegue e sucedem-se os comícios que continuam a levar dezenas de milhares de pessoas às ruas de Seul, Taegu, Pusan e Kwangju. Nesta última cidade, palco dos violentos motins de maio de 1980, realizou-se, na primeira semana de abril passado, a maior manifestação de massas desde que Chun Doo Hwan assumiu o poder seis anos atrás. Comício em que a polícia proibiu Kim Dae Jung de com-

parecer, obrigando-o a voltar para casa quando se dirigia a Kwangju.

Também no início de abril último ocorreu outra demonstração de força da oposição, impensável há alguns meses: o NPDC assinou com o Partido Nacionalista ("oposição legalista") uma declaração exigindo a demissão de quatro ministros acusados de boicote ao movimento da coleta de assinaturas.

Por sua vez, a hierarquia da



As Olimpíadas de 88 vão estar no centro de grandes agitações políticas

igreja católica juntou-se à luta pela democratização. O primaz da Coreia do Sul, cardeal Kim Sou Awhn, fez um apelo público a Chun Doo Hwan para que aceite as eleições diretas exigidas pela oposição. Nas suas declarações, o cardeal aludiu aos acontecimentos nas Filipinas para sublinhar a urgência da aceitação dessas medidas pelo governo.

### Um paralelo entre duas realidades

Ao contrário das Filipinas, na Coreia do Sul não existem guerrilhas dominando grandes parcelas do território e o exército não está dividido em facções rivais. A igreja católica, que nos últimos estertores do regime de Marcos se colocou ao lado do movimento popular filipino, não tem, na Coreia do Sul, a mesma influência (em 40 milhões de sul-coreanos, só dois milhões são cristãos). A corrupção e o apadrinhamento do regime coreano não podem ser comparados à luxúria decadente da autocracia filipina deposta, apesar de recentemente terem estourado diversos escândalos financeiros que envolveram a família da mulher do chefe de Estado e o ex-secretário-geral do partido governamental.

O regime de Marcos e o sul-coreano têm, no entanto, as mesmas décadas de repressão, o mesmo desprezo pelos direitos humanos. Segundo estimativas do Departamento de Estado norte-americano, permanecem ainda nas prisões de Seul, um mínimo de mil prisioneiros políticos.

Grandes interesses econômicos prendem as Filipinas e a Coreia do Sul aos Estados Unidos. Ambos são peças muito importantes na estratégia militar de Washington e os seus territórios servem de abrigo a bases vitais



Os Estados Unidos têm 41 mil soldados estacionados na Coreia do Sul e existem informações de que estão sendo instalados mísseis Pershing no país

ção de exploração e baixo nível de vida da maioria da população não apresenta grandes diferenças

do Pentágono. Nas Filipinas estão as bases de Subic e Clark; na Coreia do Sul estão estacionados 41 mil soldados junto ao Paralelo 38. Informações da imprensa norte-americana dizem que baterias de mísseis Pershing estão em fase de instalação.

O que diferencia decididamente os casos das Filipinas e da Coreia do Sul é o estado das respectivas economias. Embora a situa-

ção de exploração e baixo nível de vida da maioria da população não apresenta grandes diferenças nos dois países, a realidade macroeconômica os separa nitidamente. Nas Filipinas havia o caos, na Coreia do Sul os índices de crescimento econômico estão entre os mais elevados do mundo.

### Os "pequenos dragões"

Alguns analistas têm por hábito chamar de "os quatro pequenos dragões" da Ásia, a Coreia

do Sul, Cingapura, Formosa e Hong-Kong. O traço em comum é o mesmo modelo de desenvolvimento econômico, caracterizado pela dinâmica dos setores de exportação. Sem recursos minerais (à exceção de uma produção relativamente importante de antracite: sete milhões de toneladas em 1962, 20 milhões de toneladas em 1981) e totalmente dependente da importação de petróleo, a Coréia do Sul é o exemplo mais completo desse tipo de desenvolvimento.

Em 20 anos, o produto nacional sul-coreano multiplicou-se por cinco (quatro no Japão) a uma média oscilante de cresci-

mento anual entre os 9 e os 10%. O rendimento per capita que, em 1965, era de 120 dólares, atingia, em 1984, os 2.050 dólares.

O boom das exportações sul-coreanas verificado nesse período é espetacular. Em 1962 totalizavam 60 milhões de dólares. Vinte anos depois, em 1983, aproximaram-se dos 3,5 bilhões de dólares.

Outro êxito de que o governo de Seul se vangloria nos últimos anos, é o do combate à inflação. Em 1980 ultrapassava os 30%, hoje está abaixo dos 3%.

A receita nada tem de inédito: aplicação de uma drástica política de austeridade voltada para

a redução de produtos comprados no estrangeiro, cortes orçamentais nos gastos sociais, congelamento e diminuição dos salários reais da maioria da população.

A outra vertente desse desenvolvimento da Coréia do Sul é o endividamento externo. Em 1985, a dívida chegava aos 45 bilhões de dólares, o que coloca o país como o mais endividado da Ásia e o quarto do mundo, depois do Brasil, México e Argentina.

O serviço da dívida está, no entanto, longe de se comparar aos níveis alarmantes dos países latino-americanos e do Terceiro

---

## Kim Dae Jung: a alternativa ao regime

---

Kim Dae Jung é o dirigente mais popular da oposição sul-coreana. Se houver eleições diretas livres em 1988, ninguém duvida em Seul que esse político católico de 62 anos derrotaria facilmente o sucessor designado do presidente Chun Doo Hwan.

No entanto, a situação de "banido político" que ainda pesa sobre Kim Dae Jung impede-o de assumir a liderança oficial do maior partido oposicionista, o NPDC (Novo Partido Democrático da Coréia), criado com base em seu pensamento e ação.

Com uma carreira política que vem desde a sua entrada como deputado na Assembléia Nacional, em 1960, Kim Dae Jung tem 20 anos de dissidência com o regime de Seul. Quando o ditador anterior Park Chung Hee foi assassinado, em 1979, pelo chefe do serviço secreto e Chun Doo Hwan desencadeia o golpe que o levará ao poder, Kim Dae Jung já é um alvo preferencial da repressão do regime.

Após os sangrentos motins de Kwangju, em maio de 1980, que provocaram centenas de mortos, foi preso e levado a julgamento. Considerado como o principal instigador da revolta, Kim Dae

Jung vê-se também acusado em tribunal de ter mantido, 35 anos antes, vínculos com uma organização comunista e de ter sido cúmplice do "inimigo", isto é, os norte-coreanos. É o suficiente para ser condenado à morte.

Graças à influência norte-americana, a sentença é comutada mais tarde para prisão perpétua, e finalmente para 20 anos de cadeia.

Em 1982, depois de dois anos de cárcere, novas pressões de Washington levam Chun Doo Hwan a deixá-lo partir para o exílio nos Estados Unidos com a justificativa da necessidade de tratamento médico.

Nos Estados Unidos, Kim Dae Jung restabelece as ligações com a oposição sul-coreana e ele e sua mulher, Lee Hee Ho, passam a ter contato com outro casal exilado, Benigno e Corazón Aquino.

Dois anos depois, num vaivém diplomático entre Washington e Seul, é negociada a volta de Kim Dae Jung à Coréia. O assassinato de Benigno Aquino na sua chegada ao aeroporto de Manila, em 21 de agosto de 1983, está na lembrança de todos.

Uma vez mais, as pressões da administração norte-americana obtêm do governo sul-coreano a garantia formal que Kim Dae Jung não correria nenhum risco na sua volta nem seria obrigado a cumprir o resto da pena a que fora condenado. Servindo para garantir sua segurança, dois parlamentares e um antigo embaixador norte-americanos acompanham Kim Dae Jung e a mulher na

Mundo em geral. Representa cerca de 16% do montante das exportações, que, por sua vez, contribuem com 90% na formação do Produto Interno Bruto (PIB).

Se 1985 tinha começado com uma acentuada queda das exportações, principalmente para os Estados Unidos, que absorvem cerca de um-terço do total, os dois primeiros meses deste ano registraram um aumento de 38% em relação ao mesmo período do ano passado. Isso permite ao governo de Chun Doo Hwan fazer uma previsão de que neste ano a taxa de crescimento deve

novamente ficar entre os 9%.

Os inegáveis sucessos da economia sul-coreana, que pôde resistir à alta dos preços de petróleo da década de 70 sem sobressaltos, explicam-se, em grande medida, pelo pragmatismo demonstrado pela sua indústria exportadora.

Terminado o período em que a mão-de-obra barata assegurava

elevada competitividade de preço no mercado mundial aos seus produtos manufaturados — têxteis, vestuário e calçados — os governantes sul-coreanos mudaram de rumo<sup>1</sup>.

As grandes empresas voltaram-se para o aço. Siderurgia, construção naval, construção civil, automóveis, mas também eletrônica e telecomunicações entraram na concorrência internacional,

Os investimentos são feitos em grande escala, o endividamento externo sobe em flecha, mas as companhias sul-coreanas começam a ganhar empreitadas

viagem de volta.

A quatro dias das eleições legislativas, a recepção ao dirigente oposicionista pelas dezenas de milhares de pessoas que acorrem ao aeroporto de Kimbo, a 8 de fevereiro de 1985, proporcionou uma das maiores manifestações contra o regime dos últimos anos. As forças de segurança reagem a esse desafio e a brutalidade com que atuam não poupa as personalidades norte-americanas. Um comunicado de protesto da embaixada dos Estados Unidos exige um relatório pormenorizado dos incidentes. A polícia faz uma centena de prisões, impede Kim Dae Jung de se dirigir aos manifestantes e separa-o à força de seus acompanhantes. Espancado, é levado depois para casa onde lhe é imposto o regime de prisão domiciliar, só suspensa em abril passado.

A volta de Kim Dae Jung contribui para que a campanha por eleições diretas ocorra em meio a uma onda popular de inesperada amplitude. Ele é o grande trunfo do NPDC nas urnas.

As propostas políticas de Kim Dae Jung e do



Kim Dae Jung: o mais popular líder oposicionista

NPDC centralizam-se fundamentalmente na democratização da sociedade sul-coreana, não questionando o sistema econômico vigente. Protegido por Washington, que vê nele uma hipótese de “tornar respeitável” o regime — um papel parecido com o que outrora fora pensado para Benigno Aquino nas Filipinas — Kim Dae Jung não se pronuncia sobre a reunificação do país. Isso não o impede, no entanto, de ser considerado extra-oficialmente como um patriota pelas autoridades de Pyongyang.

Originada no Comitê Consultivo para a Promoção da Democracia, ampla frente de correntes democráticas vice-presidida por Kim Dae Jung e pelo seu rival na liderança da oposição, Kim Young Sam, o novo partido, formado apenas 40 dias antes das eleições, afirma-se como a primeira força contra o regime, relegando para segundo plano os partidos clássicos de “oposição legalista” desgastados pelo seu colaboracionismo com a ditadura.

(C.P.S.)

no estrangeiro — principalmente nos países do Oriente Médio — na construção de navios, fábricas e estradas<sup>2</sup>. Na medida da experiência e do *know-how* adquiridos, esses projetos de engenharia vão-se tornando progressivamente mais sofisticados e a Coreia do Sul passa a instalar nos países árabes fábricas ultra-modernas. Enquanto isso, o governo de Seul lança o país na corrida das técnicas avançadas e na formação de mão-de-obra especializada.

Quando as receitas vindas dos países exportadores de petróleo começam a diminuir com a queda do preço do *óleo cru*, a Coreia do Sul dispõe de 600 centros de pesquisa tecnológica. O mais importante desses centros, o Kaist (Instituto Superior Coreano de Ciências e Tecnologia), está dotado de um orçamento anual para pesquisa de 40 milhões de dólares e o país conta 100 mil engenheiros, (muitos dos quais formados no Japão e

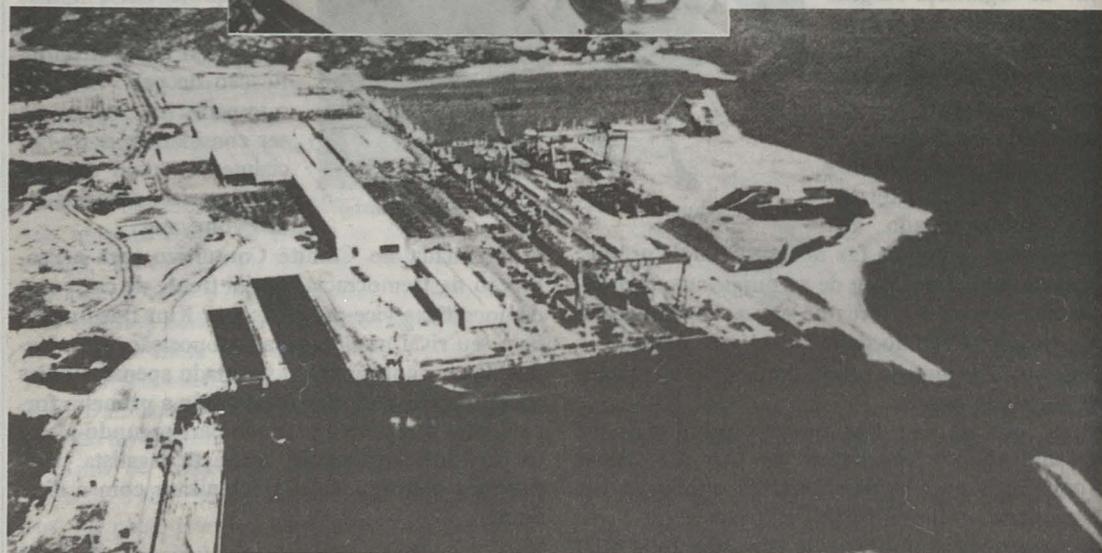
nos Estados Unidos), 130 mil técnicos e mais de 1,5 milhão de operários qualificados.

#### Captação de recursos externos

A indústria sul-coreana começou nos últimos anos a dedicar particular atenção a três setores: química fina, semi-condutores e computadores. Dentro em breve, o mercado mundial começará a ser disputado por um computador integralmente fabricado na Coreia do Sul. A indústria sul-coreana vai abandonando as atividades manufatureiras, que requerem muita mão-de-obra, e procura adaptar a oferta dos seus produtos à concorrência do Japão. Porém, têxteis e vestuário ainda representam um-terço das exportações sul-coreanas, enquanto os produtos elétricos e eletrônicos não superam os 10%.

Para controlar o endividamento do país, o governo de Seul aumentou, nos últimos anos, as vantagens aos investimentos estrangeiros diretos e procura diminuir os empréstimos junto às organizações bancárias internacionais.

Siderurgia e construção naval: duas vertentes fundamentais da economia sul-coreana



## Progresso econômico e estabilidade política

O progresso econômico da Coreia do Sul tem uma regra inerente ao seu tipo de desenvolvimento: grande parte da população se beneficia pouco dele.

A parte do leão da prosperidade vai para as *cheibols* (grandes grupos de empresas sul-coreanas) e conglomerados transnacionais. Para os operários, camponeses ou pequena burguesia a realidade é bem diferente. São baixos salários, longos horários e péssimas condições de trabalho, desemprego provocado pelas reestruturações das fábricas, assistência social precária, inexistência de direitos sindicais, êxodo rural provocado pela industrialização acelerada que agravou o desequilíbrio entre a cidade e o campo.

Chun Doo Hwan e os financistas sul-coreanos recorrem para uso interno e externo ao argumento de que o ritmo de crescimento econômico só pode se manter persistindo a estabilidade institucional. Citam o assassinato do presidente Park Chung Hee em 1979 quando a Coreia do Sul atravessou um período de grande agitação política e teve um ano de resultados econômicos negativos.

A oposição contra-argumenta: a estabilidade política só é possível com a democratização do país e passa pela correção das enormes desigualdades sociais e pela mais justa distribuição da receita econômica.

O que deverá ficar claro em 1986 é se o reaquecimento econômico que o país atravessa constitui uma arma suficientemente forte para sustar a contestação do movimento popular e a dinâmica introduzida pelos partidos de oposição.

1986 - Junho - nº 90



Presidente Chun Doo Hwan

As eleições presidenciais diretas em 1988 são uma batalha que os adversários do regime não podem perder.

Nessa corrida contra o tempo e nessa prova de força entre o governo de Chun Doo Hwan e os seus opositores, os Estados Unidos são muito mais do que observadores. Estão diretamente envolvidos na situação interna de um bastião imprescindível aos seus interesses estratégicos no continente asiático.

Por outro lado, em Washington vive-se ainda as incógnitas do pós-Marcos nas Filipinas e crescem as preocupações pelas perturbações políticas e étnicas que germinam na Indonésia. Mas, sobretudo, se fazem cálculos das vantagens que o governo da Coreia Democrática possa retirar da crise em Seul.

É certo que nenhum dirigente da oposição, especificamente os dois Kim, pôs em questão, até o momento, a estreita aliança econômica e militar com os Estados Unidos. E nem é provável que o façam. Mas o sentimento anti

norte-americano que se fortalece nos comícios, e em particular no combativo setor estudantil do movimento popular, preocupa a administração Reagan.

As manifestações estudantis têm-se radicalizado, recentemente, em meio a críticas à moderação dos líderes do NPDC e, outro fator inquietante para o regime, as greves — duramente reprimidas na Coreia do Sul — aumentam, com um número crescente de operários se juntando nas ruas aos estudantes nos violentos combates contra a polícia e o exército. Repetem-se também os casos de jovens tentando imolar-se pelo fogo como forma de contestação extrema.

Por enquanto, a tese que prevalece em Washington é a de exercer pressões sobre Chun Doo Hwan (antigo chefe de divisão na guerra do Vietnã) no sentido de negociar com os dirigentes do NPDC e outros partidos da oposição uma “abertura” do regime que preserve no essencial os interesses norte-americanos. ●

Carlos Pinto Santos

<sup>1</sup> Em 1962, os produtos do setor primário representavam mais de 72% do volume global das exportações sul-coreanas, contra 20% da indústria leve e 7% da indústria pesada e química. Vinte anos mais tarde, esta situação está invertida. Os produtos primários caíram para menos de 6% do total das exportações, enquanto a indústria leve passou para 40% e a indústria pesada e química para 55%.

<sup>2</sup> A Coreia do Sul ocupa ainda o segundo lugar (depois do Japão) na produção naval: quase um-quarto dos novos barcos que navegam no mundo saíram dos estaleiros sul-coreanos. Em 1984, os construtores de Seul faturaram 2,4 bilhões de dólares, apesar de uma baixa de 35% em relação ao ano anterior. A crise mundial no setor, por outro lado, provocou entre janeiro e outubro de 1985, a demissão de sete mil operários (12,4% do total de efetivos) dos três principais estaleiros do país.

# Os moros aguardam definições

Depois da vitória de Corazón Aquino a Frente Nacional de Libertação Mora faz uma trégua e aguarda o reconhecimento da independência do território por eles reivindicado

Os problemas, nas Filipinas, estão longe de terem terminado. O povo moro<sup>1</sup>, depois de ter sucessivamente combatido, ao longo dos séculos, os espanhóis, os ingleses, os japoneses, os norte-americanos e todos os regimes, incluindo o de Marcos, que se sucederam em Manila depois de 1946, está pronto para voltar a pegar em armas, mesmo contra Corazón Aquino, se esta não lhe conceder a independência. Em entrevista exclusiva a **cadernos do terceiro mundo**, o presidente da Frente Nacional de Libertação Mora, Nur Misuari, define a etapa atual da luta do seu povo.

<sup>1</sup> *cadernos do terceiro mundo* publicou uma extensa matéria sobre o problema da reivindicação do povo moro à independência no número 39 (dezembro de 1981).



Nur Misuari: presidente da FNLM

*Há vários séculos o povo moro luta, sem sucesso, pela independência. Em que se sentem diferentes do povo filipino em geral e por que esta obstinação em obterem, sós e contra todos,*



A guerrilha mora conta atualmente com cerca de 80 mil efetivos

*a sua própria república?*

— O povo moro tem 14 milhões de pessoas, vive num território com mais de 116 mil quilômetros quadrados (em regiões como Mindanao, Basilian, Sulu, Tawi-Tawi, Palawan, Calamian etc.) que sempre lhe pertenceu. Possui a sua língua, o *bangsa*, a sua própria cultura, os seus grupos tribais (*ver Quadro*) totalmente diferentes daqueles que vivem no mesmo arquipélago e, sobretudo, possui a sua religião, o islamismo.

A nossa república, a Bangsamoro, apesar de ninguém ter reconhecido até agora, foi proclamada em 18 de março de 1969. Mas não nos empenhamos apenas em proclamar a nossa independência e em tornar conhecidos os responsáveis do nosso governo provisório no exílio. Preocupamo-nos, sobretudo, em nos organizar e em formar o nosso próprio exército de libertação, que conta aproximadamente com 80 mil membros, e em promover as nossas estruturas civis de administração que, através das suas diferentes áreas, cobrem o conjunto do território que nós reivindicamos.

*Quem os apóia?*

— A maior parte das nossas receitas provém do nosso próprio sistema fiscal: a *zakat*, o imposto voluntário muçulmano. Além disso, recebemos ajuda de organizações muçulmanas e de alguns Estados muçulmanos.

*E que tipo de ajuda lhes fornecem esses países?*

— Ajuda humanitária e em dinheiro.

*Quais?*

— Arábia Saudita, Irã e Líbia.

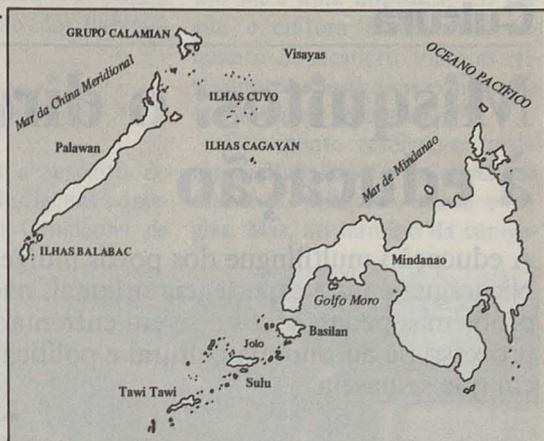
## Principais tribos moras

### Tribos maiores

Taosug (Lupag Sug – ilha de Mindanao)  
 Maguindanao (Cotabato – ilha de Mindanao)  
 Maranaw (Lanao – ilha de Mindanao)  
 Sama (Lupah Sug – ilha de Mindanao e ilha de Tawi-Tawi)  
 Yakan (ilha de Basilan)

### Tribos menores

Badjao  
 Jama Mapun  
 Kalibugan  
 Dubahanon  
 Iranum  
 Manobo  
 Iraan  
 Igahunun  
 Kalagan  
 Kingking



### Como conseguem as armas?

— A maioria das armas de que dispomos foi conquistada ao exército regular filipino pelos nossos combatentes ao longo dos últimos 40 anos de luta contra o regime de Manila.

*Vocês colaboraram para a desestabilização do regime do general Marcos em conjunto com todas as demais forças da oposição. Por que não saem agora à luz do dia e tentam encontrar uma solução pacífica para o problema do povo moro, negociando com o governo de Corazón Aquino?*

— Estamos esperando que o governo de Corazón Aquino se consolide e que ela proclame a nossa independência. Alguns dos nossos emissários encontram-se em permanente contato com os atuais responsáveis do governo de Manila. Mas nós continuamos muito apreensivos, pois convém não esquecer os laços existentes entre as Filipinas e os Estados Unidos. Washington não vê com bons olhos a independência do povo moro. Razão pela qual, mesmo mantendo uma atitude positiva e, no momento, pacífica perante o governo de Aquino, nós pre-

ferimos nos manter na montanha.

*Corazón Aquino e o seu governo proclamaram a anistia geral e anunciaram que estavam prestes a reconhecer a autonomia política e administrativa das regiões controladas por vocês.*

— Isso não nos basta. Até o regime do general Marcos, em 1974, através da Carta de Trípoli<sup>2</sup>, nos reconheceu esse direito. Atualmente, depois de séculos e séculos de luta, não estamos mais dispostos a continuar à espera da criação da nossa república ou a negociar o princípio da nossa indepen-

dência. Nós estamos, sim, prontos para negociar os termos e as datas do nosso acesso à independência, mas nada mais. Cabe, portanto, ao governo Aquino nos reconhecer.

### E em caso contrário?

— Continuaremos a nossa luta armada.

**Alberto B. Mariantoni**

<sup>2</sup> A Carta de Trípoli foi assinada em dezembro de 1968 pelo regime de Marcos e a Frente Nacional de Libertação Mora. Nela o deposto Ferdinand Marcos se comprometia a reconhecer a autonomia da maior parte do território reivindicado pelos moros. Mas a partir de 1980 o governo ignorou tudo o que fora acertado.

### CORAZÓN OFERECE ANISTIA

No final do mês de maio passado, a presidente Corazón Aquino visitou a ilha de Mindanao, ao sul do arquipélago filipino, a fim de oferecer pessoalmente uma anistia a 168 guerrilheiros que depuseram as armas depois da queda do ditador Ferdinand Marcos. Trata-se da primeira visita que a presidente faz a essa ilha, considerada "território vermelho" por abrigar um grande contingente de revolucionários do Novo Exército do Povo (NEP) e da FNLM.

A chefe de Estado reuniu-se com guerrilheiros, a quem deu garantias de segurança, ao mesmo tempo em que anunciava uma distribuição de terras públicas entre aqueles que depuseram as armas no quadro de um programa de reintegração dos combatentes à vida política e social do país.

## Misquitos: o direito à educação

A educação multilíngue dos povos indígenas da Nicarágua é uma experiência original, não só pelos problemas pedagógicos a serem enfrentados, como pelo processo de autonomia cultural e política em que se baseia

Desde a Campanha de Alfabetização, promovida em 1980, a necessidade de estabelecer uma educação multilíngue na Nicarágua e os critérios que a orientam são objeto de experiências e debates entre os técnicos do Ministério da Educação, professores e os próprios alunos. Os nicaraguenses afirmam que a discussão não está concluída e reconhecem que a solução em termos pedagógicos dessa questão está estritamente ligada à solução do problema político principal: a

autonomia dos povos indígenas e comunidades da Costa Atlântica.

O governo sandinista decidiu incluir um Estatuto de Direitos Autônomos para a Costa Atlântica na próxima Constituição da República, cuja aprovação está prevista para 1987, o que implicará o estabelecimento de um governo autônomo na região, ao mesmo tempo que garantirá sua integração efetiva ao restante da nação. Desse modo, a vitória revolucionária vai permitir, pela primeira vez na história da Nica-

rágua, encontrar uma solução justa e definitiva para as diferenças e contradições herdadas da dominação colonial e imperialista do país.

### Antecedentes históricos

Em 1894, quando a Costa Atlântica — até então território britânico — foi reincorporada ao Estado nicaraguense, o presidente liberal José Santos Zelaya deu seu nome à região e um dos seus primeiros decretos foi proibir o uso do inglês e de idiomas indígenas nas escolas. As igrejas morávia e anglicana, que orientavam o ensino naquela época, não puderam cumprir esse decreto imediatamente e as escolas ficaram fechadas por mais de dez anos.

A reincorporação de Zelaya implicava que todos os assuntos oficiais do governo e o ensino formal fossem realizados em espanhol, mas as atividades econômicas e comerciais continuavam sendo controladas pelas empresas norte-americanas. Os mestiços puderam manter, em parte, o seu idioma materno mas os indígenas — particularmente os misquitos — tiveram que tornar-se trilíngues: o misquito no lar, o espanhol nas relações com o governo e o inglês nas atividades econômicas.

Conforme um estudo do Centro de Pesquisa e Documentação da Costa Atlântica (Cidca), os misquitos tiveram que enfrentar, assim, o dilema histórico dos indígenas da América Latina: aceitar a integração sócio-econômica e política implicava perder a sua língua e cultura; conservar a identidade étnica significava marginalizar-se política e economicamente.



Ana Rocha / "Barricada"

Pré-escolares *criollos*: como descolonizar a educação?

O decreto de Zelaya foi abolido só em 1980, quando o Conselho de Estado instalado pelo governo sandinista aprovou uma lei de educação bilíngue. O índice de analfabetismo na região era então de 40% entre os mestiços de língua inglesa e quase 80% entre os misquitos. Em cada mil estudantes matriculados nas escolas primárias e secundárias, mais de 300 desertavam a cada ano e apenas 8% de toda a população *sumo* tinham chegado à 5ª série. O idioma *rama* estava praticamente extinto e só os maiores de 50 anos falavam a língua *garífona*.

Os povos indígenas e comunidades que habitam atualmente a Costa Atlântica nicaraguense são: 80 mil misquitos aproximadamente (incluindo os que estão em Honduras), cerca de 30 mil *criollos*<sup>1</sup>, 8 mil sumos, cerca de 1.500 garífonas e aproximadamente 800 ramas. Nessa região vivem, além disso, 120 mil mestiços, que formam a comunidade majoritária do lugar e do país, segundo um documento elaborado por representantes dos povos e comunidades da Costa Atlântica, juntamente com o governo sandinista.

Durante a Campanha de Alfabetização, realizada no final de 1980, foram alfabetizados em misquito, sumo e inglês *criollo*, 12.664 habitantes da Costa Atlântica, o que fez com que a taxa de analfabetismo da região diminuísse para 12% da população.

A lei de educação bilíngue foi uma importante declaração de intenções, mas colocou uma séria questão, que seis anos depois ainda não havia sido totalmente resolvida: que forma de ensino é

a mais justa e adequada para a complexa situação dos habitantes do litoral?

#### Debates e experiências

As discussões a respeito do uso das línguas indígenas começaram durante a Campanha de

mo mais uma imposição da língua e cultura dominantes, enquanto os mestiços viam as reivindicações indígenas como uma expressão de separatismo”.

Finalmente resolveu-se realizar a alfabetização na costa em espanhol, misquito, sumo e inglês. Mas, ao término da campa-



Na campanha de 1980 se alfabetizou em misquito, sumo e inglês *criollo*

Alfabetização. Enquanto a nível central se propunha a alfabetizar somente em espanhol, vendo o idioma como um instrumento para forjar a unidade nacional negada pelo somozismo, muitos professores indígenas e *criollos* reivindicavam o direito de alfabetizar nas línguas das comunidades, para resgatar e reconhecer a identidade étnica.

“Houve choques entre essas duas concepções, que na realidade não eram contraditórias”, declararam os analistas do Cidca. “Os indígenas interpretavam as reivindicações dos mestiços co-

nha, o dirigente indígena Steadman Fagoth pediu a separação da Costa Atlântica e fugiu para Honduras para iniciar uma luta armada contra o governo. Essa atitude fez aumentar o ceticismo entre muitos dirigentes mestiços em relação às reivindicações dos habitantes da costa, mesmo depois da lei do Conselho de Estado, segundo a qual a afirmação da identidade étnica de um povo consolida a unidade da nação.

De acordo com a lei, o Ministério da Educação devia pôr em prática a educação bilín-

<sup>1</sup> Descendentes dos colonizadores ingleses.

gue a partir de 1981, mas no começo de 1984 o projeto se encontrava apenas em fase de planejamento e experimentação em algumas comunidades de Zelaya Norte, onde os indígenas assumiram essa responsabilidade.

Enquanto as autoridades centrais insistiam que ainda não havia condições, cinco professores misquitos consideraram que era um assunto da maior urgência e se lançaram a um projeto piloto, em fevereiro de 1984, confiando na sua experiência de trabalho com crianças. "É verdade que a guerra coloca obstáculos, que faltam recursos humanos, materiais e pesquisas apropriadas, mas o certo é que não era um projeto importante para o Ministério da Educação", disse o professor misquito Dionisio Melgara, coordenador do projeto em Zelaya Norte.

Começaram o projeto piloto com 300 alunos em Sumubila, um dos assentamentos de Tasba Pri, em dois níveis: 150 no pré-escolar e 150 no primeiro grau. Trabalharam com os poucos materiais que puderam conseguir



Rosendo Garcia / Barricada

Dionisio Melgara: professor misquito e sem livros de texto. Esboçaram um programa elementar e resolveram questões como a definição de regras básicas na gramática misquita, enquanto em Manágua os linguistas estavam na fase preliminar de estudo do problema.

A necessidade de superar a resistência dos pais, que insistiam em que o importante para seus filhos era aprender espanhol pa-

ra conseguir trabalho, levou os professores a adotarem o sistema castelhanizante. A equipe considerava que a parte mais difícil do projeto consistia em introduzir o espanhol como segunda língua, embora isso não estivesse previsto senão para a 3ª ou 4ª série. Porém, mais tarde, em junho desse ano, ao ser realizada a primeira avaliação, os professores estabeleceram que, além de bilíngue, o projeto também devia ter um caráter bicultural.

No final de 1985, uma delegação de linguistas e pedagogos do Ministério da Educação entusiasmou-se com o projeto, o que resultou num aumento considerável da ajuda oficial, mas muitos ainda identificavam a proposta como uma atitude separatista.

#### Educação e autonomia

A problemática política que surge em torno da educação bilíngue-bicultural faz parte da discussão do problema étnico. "Se não podemos perceber o papel que as culturas sumo ou rama exercem na sociedade nicaraguense, ou não vemos objetivo em traduzir Shakespeare para o misquito, então é hora de rever certas atitudes que certamente iremos encontrar em etnocentristas, colonialistas", disse o comandante Luis Carrión em uma das sessões de trabalho da Comissão Nacional de Autonomia.

"Como o próprio projeto de autonomia, o êxito da educação bilíngue dependerá da criatividade e imaginação de todos os nicaraguenses, de nossa capacidade de integrar-nos plenamente à nossa realidade multiétnica e multilíngue", acrescentou o dirigente sandinista.

Chegou-se à compreensão de



Os próprios habitantes da Costa Atlântica devem definir seus direitos

que o problema do desenvolvimento das línguas indígenas só se resolve com a definição de um papel mais amplo para estas línguas no governo, no sistema jurídico, nos meios de comunicação e em todas as áreas da vida nacional. Os analistas do Cidca concluíram que o projeto de autonomia regional cria, precisamente, o espaço para o desenvolvimento das línguas indígenas.

Em 1981, o governo sandinista reconheceu, em uma Declaração de Princípios, a diversidade étnica existente na Costa Atlântica e os direitos específicos derivados dessa realidade. Em dezembro de 1984, o governo anunciou que a elaboração do estatuto de direitos autônomos da região seria uma tarefa dos próprios membros dos povos e comunidades que a integram. Esse estatuto vai fazer parte da

nova Constituição da Nicarágua, prevista para ser aprovada em 1987.

Durante o ano de 1985 uma comissão integrada por mais de 80 representantes dos seis grupos étnicos da Costa Atlântica preparou um documento básico de princípios e critérios gerais para a administração autônoma da zona, que começou a ser discutido de porta em porta e em assembleias comunitárias em toda a região. Foi a partir desse processo que se conseguiu o cessar-fogo, primeiro, e depois o avanço para um acordo entre os grupos indígenas rebeldes e o exército sandinista.

Os avanços no processo de autonomia deram, conseqüentemente, um novo impulso à educação bilingue-bicultural. Em Zelaya Norte, foi oficializado o programa misquito-espanhol

para todas as escolas, com exceção de duas em Puerto Cabezas. Em uma destas será implantado o programa inglês-espanhol e na outra só o espanhol, para que os pais tenham a opção de enviar os seus filhos para aí.

Em meados de 1985 iniciou-se o projeto piloto em uma comunidade sumo e em seis escolas em Zelaya Sul. Nessa região, a principal discussão é se se deve ensinar o inglês *criollo*, que tem muitas particularidades e que em diversos lugares é aceito como um novo idioma, ou o inglês padrão. "A discussão não terminou", dizem sem medo os nicaraguenses. Sem nenhuma dúvida foi através desse processo de discussão, experimentação e participação democrática que os problemas foram se resolvendo. ●

Víctor Bacchetta

## Notas de Cultura

### Intelectuais da África do Sul participam, na França, de semana contra o "apartheid"

Promovida pela associação "Diálogo entre as Culturas" e pelo Movimento Francês contra o *Apartheid*, foi realizada, mês passado, no Centro Cultural George Pompidou, Paris, uma semana de atividades contra o regime racista da África do Sul.

Os escritores negros Siphó Sepamla, Es'Kia Mphahlele, Miriam Tlali e Maishe Maponya, que moram na África do Sul, falaram "em nome dos três milhões e meio de deportados nos guetos negros depois de 1965, dos mil estudantes de Soweto massacrados em junho de 1976, e dos

2.200 assassinados nestes últimos 20 meses pela polícia da África do Sul". Foram ainda abordadas, em seus pronunciamentos, questões referentes à resistência popular, à política de Pretória, à luta de libertação do povo sul-africano e à crescente participação de setores da população branca.

Siphó Sepamla, de 54 anos, autor de quatro livros de poesia,

preside a União Federal de Artes Negras (Fuba). Es'Kia Mphahlele, de 67 anos, autor de dezenas de obras, foi professor universitário na Nigéria, França, Quênia, Zâmbia e nos Estados Unidos. Desde 1978, ensina literatura na Universidade Witwatersrand, na África do Sul. Miriam Tlali é romancista e Mishe Maponya, o mais jovem dos quatro, dramaturgo e ator.



A luta contra o regime do *apartheid* está recebendo um apoio crescente na França

# Uma nova versão da escravidão

O tráfico de mulheres asiáticas e latino-americanas para abastecer os bordéis e bares da Europa Ocidental é hoje um próspero negócio internacional

**N**a Colômbia, Glória ganhava apenas o suficiente para sobreviver de um dia para o outro quando um colombiano lhe perguntou se ela gostaria de ganhar muito dinheiro trabalhando numa fábrica na Holanda. Embora o "negócio" incluísse um casamento "de fachada" com um holandês para que ela tivesse permissão de trabalhar, Glória concordou e, juntamente com a irmã e duas amigas, tomou um avião para Bruxelas.

As quatro foram recebidas no aeroporto por dois holandeses. Levadas para a Dinamarca, Glória e a irmã casaram-se com esses dois novos "amigos". Em se-

guida, os dois levaram-nas para Haia, na Holanda, onde foram entregues a um "chefe" para trabalharem como prostitutas. O chefe andava sempre armado. As duas irmãs foram proibidas de falar com pessoas de língua espanhola e ameaçadas de agressão se não trabalhassem ou não ganhassem o bastante.

O chefe disse a Glória que, depois que ela tivesse ganho 25 mil dólares, poderia trabalhar por conta própria. Mas acontece que ela pagava 200 dólares por semana pelos dois quartos onde morava e trabalhava e, de três em três dias, entregava ao chefe metade do que ganha-

va. Se este não tivesse sido preso por vender drogas, o que deu a Glória a oportunidade de fugir, a pobre colombiana estaria até hoje sentada à sua janela como uma escrava do Terceiro Mundo, num sistema de exploração de mulheres que abrange o mundo inteiro.

### Prostituição forçada

O comércio de mulheres da Ásia e da América Latina para abastecer os bordéis e bares da Europa Ocidental tornou-se um próspero negócio a partir de 1980, segundo um relatório publicado recentemente por ocasião do 28º Congresso da Federação Abolicionista Internacional (IAF), sob o título de "Prostituição: a escravidão continua". A IAF é um órgão não-governamental com funções consultivas junto às Nações Unidas, que combate a exploração de prostitutas e o tráfico de mulheres e crianças.

A recessão da economia mundial e o crescente desespero das classes pobres do Terceiro Mundo são os dois motivos desse crescente tráfico humano entre o Norte industrializado e o Sul em desenvolvimento, disse uma autoridade das Nações Unidas mencionada no relatório. Este revela ainda que muitas das prostitutas que se encontram na Europa foram atraídas para lá por promessas de emprego legítimo, forçadas a prostituírem-se e mantidas em escravidão pelo medo da violência física, por dívidas contraídas junto a proxenetas, gigolôs e donos de bar, por falta de documentos para viajar e por não saberem falar a língua do país onde estão.



O comércio de mulheres tornou-se um negócio próspero

É o caso de Cristina, que veio do norte da Tailândia. Cristina foi abordada por um cavalheiro suíço bem falante e de boas maneiras, que lhe ofereceu emprego como recepcionista em um hotel de Zurique. (Em 1982, o número de suíços que comprou passagens para Bangcoc, importante centro de "turismo sexual", foi maior que o de quaisquer outros europeus.)

Na companhia de duas outras jovens — uma de apenas 15 anos de idade — e do simpático cavalheiro, Cristina foi para a Europa. Do aeroporto, foram levadas diretamente para uma casa particular, trancadas em quartos separados, alimentadas com ração para gatos e "amansadas" por seus primeiros clientes. Todas tiveram de assinar documentos redigidos em alemão.

Embora Cristina tenha fugido, conseguido um emprego decente e casado com um suíço, está sendo processada na justiça pelo proxeneta que a levou para lá. Esse cavalheiro, que continua impune, pretende que ela pague uma enorme soma que lhe deve à base dos tais documentos em alemão. O grupo da Declaração de Berna, organização suíça não-governamental de solidariedade ao Terceiro Mundo, está ajudando-a no processo.

Esse grupo, que investigou a indústria de casas de diversão na Europa, descobriu que há um número crescente de tailandesas, filipinas e jovens do Caribe trabalhando como *go-go girls*, dançarinas e "artistas" nos clubes europeus. Em sua maioria, são prostitutas ou trabalham ilegalmente, o que as torna mais vulneráveis à exploração pelos comerciantes que as trouxeram de seus países de origem.

Diante dos protestos contra esse tipo de comércio, alguns go-



Um número crescente de jovens do Caribe trabalha como *go-go girls*

vos europeus, como o da Suíça, vêm-se mostrando mais exigentes quando se trata de conceder permissão de trabalho a pessoas que se dizem artistas estrangeiros. Segundo o relatório do IAF, isso não diminuiu o afluxo de mulheres do Terceiro Mundo aos bares e bordéis europeus: pelo contrário, estimulou outro método de recrutá-las.

Existem hoje na Alemanha cerca de 200 agências matrimoniais que agem como intermediárias em casamentos de alemães com jovens asiáticas. Essas agências mantêm catálogos com fotografias e dados pessoais sobre mulheres asiáticas, para uso dos

clientes. Em qualquer uma delas, o cliente, tendo escolhido uma possível candidata, paga nove mil marcos por uma passagem de ida e volta e uma semana "de experiência" com a moça em Bangcoc. Se gostar da mercadoria, paga à agência outros três mil marcos para casar-se com ela.

Dado o mercantilismo da transação, não é de admirar que essas agências sejam usadas para fins criminosos. Um dos clientes, por exemplo, calculou que, embora a importação de uma esposa tailandesa lhe custasse cinco mil marcos, ele podia ganhar quatro mil marcos por mês "emprestando-a" aos colegas.

Ms Ulla Ohse, participante do Grupo Escocês de Direitos Humanos que investigou nos últimos três anos a prostituição forçada na Alemanha Ocidental, denunciou ao Congresso a existência de uma atividade organizada de viagens de alemães a Bangcoc, onde estes se casam com tailandesas para levarem-nas à Alemanha e forçarem-nas a prostituir-se.

“Às vezes — diz ela — as agências de casamento ignoram o fato de que certos clientes abusam dos seus serviços. Mas existem casos nos quais a polícia suspeita de que a agência foi criada com a finalidade exclusiva de facilitar o tráfico de mulheres.”

Em 1982, a polícia alemã descobriu uma operação de tráfico de mulheres da Tailândia através de casamentos de conveniência com cidadãos alemães, organizada na Dinamarca. A polícia de

Frankfurt desbaratou uma quadrilha de proxenetas que havia trazido para a Itália várias dezenas de mulheres sul-americanas. Na Itália, elas casavam-se com italianos para obterem a cidadania do país e, em seguida, eram levadas para Frankfurt e forçadas a exercer a prostituição.

Estes casos são apenas exemplos dos métodos empregados por sofisticadas organizações internacionais que lucram com o tráfico de mulheres do Terceiro Mundo. Nos países em desenvolvimento, as imigrantes rurais, jovens de pouca instrução e sem qualificações para o trabalho, constituem vítimas fáceis desse tipo de exploração. Na Europa industrializada e próspera, há uma grande procura de prostitutas, e as prostitutas asiáticas satisfazem as inclinações sexistas e racistas dos clientes europeus.

Não admira que os proxenetas da Europa, que geralmente são ricos negociantes com conexões criminosas internacionais, tenham recorrido à fraude e à violência para recrutar mulheres da Ásia a fim de atender a essa procura.

Naturalmente, nem todas as prostitutas da Europa são mantidas em escravidão. Tecnicamente, muitas delas exercem a prostituição por opção própria. Mas, como observa o relatório do IAF, as condições sociais e econômicas em que é feito o recrutamento dessas mulheres e o modo pelo qual as agências as transformam em mercadorias põem em cheque o próprio conceito de “opção própria” para essas jovens.

Halinah Todd,  
Third World Network

## Mulher/Notas

### América Latina: mulher rural, a maior vítima da crise econômica

Submetidas à discriminação e sem possibilidades de obter emprego, as mulheres das áreas rurais da América Latina são as principais vítimas da atual crise econômica. Em nenhum dos países da região, por exemplo, as mulheres representam mais de 30% da população economicamente ativa, o que demonstra a sua reduzida participação na estrutura produtiva.

Essas conclusões são de um estudo sobre a situação da mulher rural na América Latina, realizado pela Universidade de



Havana. Em razão da crise, essas mulheres se vêem obrigadas a procurar emprego e passam a enfrentar situações difíceis, em relação ao trabalho exercido pelos homens, pois recebem salários menores, têm mais horas de trabalho e empregos menos qualificados.

Segundo o estudo, as mulhe-

res, em razão das dificuldades nas áreas rurais, passaram, nos últimos anos, a emigrar para as cidades, onde, em grande número, se dedicam a trabalhos domésticos com salários insignificantes. Como alternativa, encaram a possibilidade de se prostituírem. O índice de analfabetismo feminino rural é superior ao do homem e, em muitos casos, chega ao dobro das percentagens registradas entre as mulheres do país inteiro.

As meninas dos países latino-americanos apresentam altas taxas de abandono escolar prematuro e, entre os fatores que levam a essa situação, figuram os tabus de que a mulher é feita para ser dona-de-casa e, por isso, a educação torna-se desnecessária.

# Quando a infância é proibida

O uso de crianças operárias em países em desenvolvimento é um enorme problema que precisa ser urgentemente controlado e erradicado



O trabalho infantil está intimamente ligado às condições de pobreza

A exploração de crianças no trabalho atinge dimensões espantosas na maioria dos países asiáticos em desenvolvimento. Segundo a OIT, cerca de 80 milhões de crianças com menos de 15 anos são exploradas como trabalhadoras em todo o mundo. Isto representa cerca de 11% da população mundial do grupo etário de 10 a 14 anos. Uma vez

que o trabalho infantil é inevitavelmente vinculado à pobreza, é mais encontrado em países do Terceiro Mundo.

Longas horas de trabalho, alimentação insuficiente, condições anti-higiênicas e perigosas, salários baixos e maus tratamentos contínuos são apenas parte da tortura interminável a que essas crianças são submetidas.

O trabalho infantil predomina no Terceiro Mundo porque:

a) as crianças com menos de 15 anos constituem cerca de 40 ou 50% da população total de muitos países em desenvolvimento;

b) o subdesenvolvimento obriga as crianças a ingressarem no mercado de trabalho a fim de complementar a renda familiar;

c) não existe educação gratuita e compulsória em muitos países em desenvolvimento, e a criança que não frequenta escola é obviamente atraída a exercer algum tipo de atividade;

d) a escassez de alimentos decorrente da pobreza é outro fator que leva as crianças ao trabalho.

As crianças operárias podem ser encontradas em indústrias leves, como a de produtos têxteis, confecções, processamento de alimentos, artesanatos como tecelagem, fiação, costura, bordados, artefatos de metal, couro, argila, confecção de tapetes, roupas, sapatos, brinquedos, botões, cestos e foguetes. Vêm-se também crianças trabalhando em vários tipos de serviços como balconistas, ajudantes de garagem ou de barbearia, meninos de recado, vendedores ambulantes etc..

Na Malásia, encontram-se crianças trabalhando em plantações de coqueiros e em seringais, na coleta do lixo e exercendo atividades como garçons e empregados domésticos. Os horários de trabalho são longos, os salários são magros e o tratamento é ruim. Nem por isso se fez até hoje um levantamento nacional do trabalho infantil, que continua a ser empregado abertamente pelos empresários do país.



Adrian Solo

Na Índia é comum crianças trabalhando em regime de escravidão

Na Índia, é comum o trabalho infantil escravo. Crianças trabalham em condições subumanas na indústria de tapetes, em pedreiras, na indústria de processamento de pescados, na indústria do vidro e outras.

Na próspera indústria de tapetes de Varanasi foram descobertos 32 trabalhadores escravos de 5 a 12 anos de idade que teciam tapetes durante 18 a 20 horas por dia. Segundo Swami Agnivesh, da Frente de Libertação do Trabalho Escravo (*Bandhua Mukti Morcha*), essas crianças eram agredidas com varetas e tesouras, penduradas de cabeça para baixo nos galhos de uma jaqueira e marcadas com ferro em brasa. As crianças tinham sido raptadas ou induzidas a deixar sua cidade — Chhichhori, em Bihar — para irem para Belwaria, no estado de Uttar Pradesh, mediante promessas de bom salário (10 rúpias por dia) e três refeições diárias. As promes-

sas, naturalmente, eram falsas.

O mais triste é saber que essas 32 crianças são apenas uma fração mínima do enorme número de outras na mesma situação.

Em Sri Lanka, as crianças constituem grande parte da mão-de-obra empregada no cultivo do chá e na indústria. Nas plantações, as crianças ficam expostas a doenças devido à promiscuidade, falta de instalações sanitárias, valas abertas e má alimentação. Entre elas é grande a incidência de deficiência de vitaminas e proteínas, anemia crônica e vermes, e a taxa de mortalidade infantil é a mais alta do país. Embora trabalhem o mesmo número de horas e executem as mesmas tarefas de um adulto, as crianças recebem salários mais baixos.

Também na Tailândia, há crianças operárias que não recebem qualquer benefício social, qualquer oportunidade de lazer,

nem têm direito à proteção ou liberdade de qualquer espécie. Em fins de 1978, existiam no país 135 mil fábricas, muitas das quais exploravam crianças. As crianças tailandesas ingressam no mercado de trabalho por meio de corretores, agências de emprego, por iniciativa própria e através de amigos ou parentes que se transferiram temporariamente para o interior.

Na Tailândia, as crianças recebem menos do que o salário mínimo estipulado por lei. Trabalham mais de 10 horas por dia, sem dias de folga. As condições de trabalho são anti-higiênicas. Os locais de trabalho são quentes, abafados e insuficientemente iluminados. Não raro, as crianças são forçadas a se sentarem em pisos de cimento durante longos períodos, ou a ficarem de pé o dia inteiro. Os dormitórios são estreitos e congestionados. Quando doentes, as crianças não recebem a devida atenção médica. São espancadas se “fazem cera” no trabalho, se cometem pequenos erros ou se conversam enquanto trabalham.

Estes fatos constituem apenas a ponta do *iceberg*. O trabalho infantil é um grave problema que deve ser reconhecido por todos. No entanto, ainda levará algum tempo até que ele venha a ser inteiramente abolido. A curto prazo, é necessário tomar medidas para melhorar as condições de trabalho infantil. A longo prazo, porém, a gradual eliminação do trabalho infantil exige uma melhoria geral de padrões de vida, o aperfeiçoamento das instalações de ensino e, o que é mais importante, uma maior conscientização da necessidade de desenvolvimento social. ●

Appen Features

# O perigo dos alimentos irradiados

Até hoje ainda não foram devidamente investigados os danos que os alimentos irradiados podem causar à saúde humana. Mas há indícios de que a sua ingestão acarreta inúmeros riscos

Entre os leigos, um dos maiores receios em relação à energia nuclear é a exposição à radiação. No entanto, talvez tenhamos de enfrentar uma forma menos óbvia, mais sutil e muito perigosa de exposição à radiação — através do processo de irradiação de alimentos.

Os métodos convencionais de preservação de alimentos incluem o uso de diversos produtos químicos e meios físicos, como aditivos, esterilização, pasteurização e refrigeração. O mais recente (e o mais perigoso) processo de preservação de alimentos descoberto pelos cientistas é a irradiação de alimentos, considerada método industrialmente interessante de combater dois problemas que afetam os alimentos — contaminação microbiológica e por meio de insetos.

A irradiação de alimentos acarreta a exposição dos mesmos a altas doses de radiação. Os níveis de radiação utilizados são elevadíssimos: entre cinco mil e quatro milhões de rads, dependendo do produto. Em comparação, um trabalhador da indústria nuclear recebe apenas 500 rads de radiação por ano, ou seja, de dez a oito mil vezes menos do que a dose necessária à irradiação

de alimentos<sup>1</sup>. A exposição à radiação durante uma radiografia do peito é de menos de um rad.

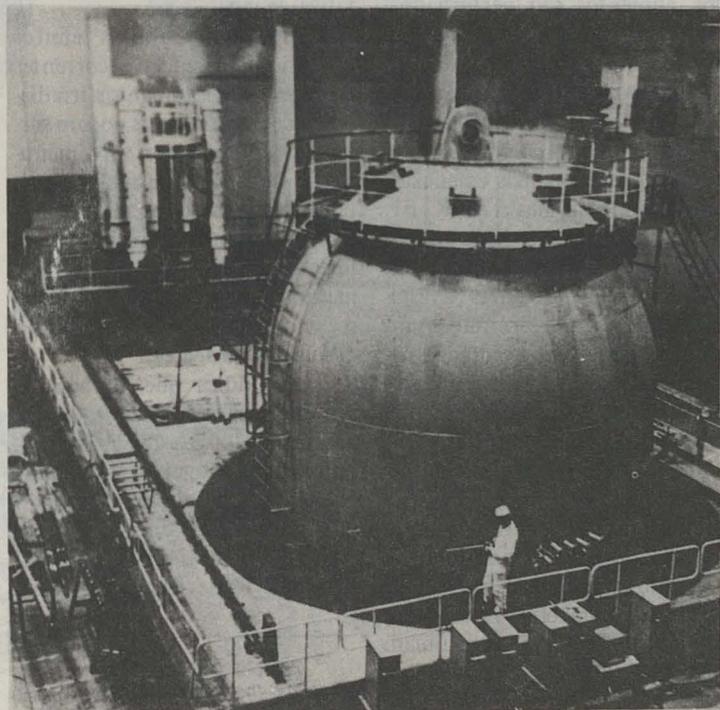
O processo de irradiação de alimentos acarreta o uso de resí-

<sup>1</sup> Pamphlet em *Food irradiation: protect your right to know* publicado pela *Coalition to Stop Food Irradiation*, São Francisco, Califórnia, EUA.

duos nucleares. Entre os principais promotores desse método estão a Agência Internacional de Energia Atômica, de Viena, a Organização Mundial de Saúde, em Genebra, a Organização para Alimentos e Agricultura, de Roma, locais onde existem grandes quantidades de resíduos nucleares<sup>2</sup>. De fato, o processo de irradiação de alimentos não passa de uma maneira sub-reptícia de exportar dejetos nucleares para os países do Terceiro Mundo.

A Malásia caiu facilmente nessa armadilha. Vários produtos agrícolas básicos e gêneros alimentícios, como arroz, pimenta branca e preta, camarões congelados, cacau, frutas e legumes já foram

<sup>2</sup> Takahashi Kosei, *Irradiation of food we eat: a new danger*, Ampo, vol. 15, nº 2, 1983.



Os países ricos procuram formas de se livrar dos resíduos nucleares



A irradiação de alimentos não é mais do que uma forma de exportar resíduos nucleares para o Terceiro Mundo escolhidos para serem irradiados em larga escala. Além disso, o país planeja importar cebolas e batatas irradiadas.

A irradiação altera a estrutura molecular dos alimentos. O DNA e as enzimas, ou proteínas vivas, dos alimentos são perturbados. Os raios gama provocam a formação de compostos químicos chamados produtos radiolíticos.

A exposição de qualquer alimento aos raios gama destrói aminoácidos e enzimas essenciais, tais como vitaminas A, E, K, B1, B2, B3 e B6. Além disso, os pesticidas, colorantes, antibióticos, esteróides, conservantes e estabilizadores já acrescentados aos alimentos a serem irradiados podem produzir esses componentes radiolíticos, cujos riscos e toxicidade ainda são desconhecidos.

Há também indícios que sugerem que certas irregularidades genéticas e reprodutivas podem ter sua origem no consumo de alimentos irradiados. Em um estudo de laboratório, verificou-se que os roedores que consumiam cebolas irradiadas desenvolviam ovários ou testículos cujo peso diferia consideravelmente dos

mesmos órgãos em animais de controle<sup>3</sup>. Ratos alimentados com carne de galinha irradiada registraram uma maior incidência de tumores e lesões dos testículos, inclusive câncer, além de doenças dos rins e menor expectativa de vida.

Além dos prováveis efeitos prejudiciais à saúde, decorrentes da ingestão de alimentos irradiados, graves problemas podem surgir devido ao maior uso, manuseio e transporte de materiais altamente radioativos necessários ao equipamento de irradiação. As instalações de irradiação de alimentos apresentarão alguns dos mesmos problemas de segurança das usinas nucleares.

Tudo indica que, embora se acredite que a irradiação de alimentos prolongue a vida dos produtos nas prateleiras, os efeitos colaterais prejudiciais são bem maiores que os benefícios duvidosos do processo de irradiar alimentos e fornecê-los para consu-

mo humano.

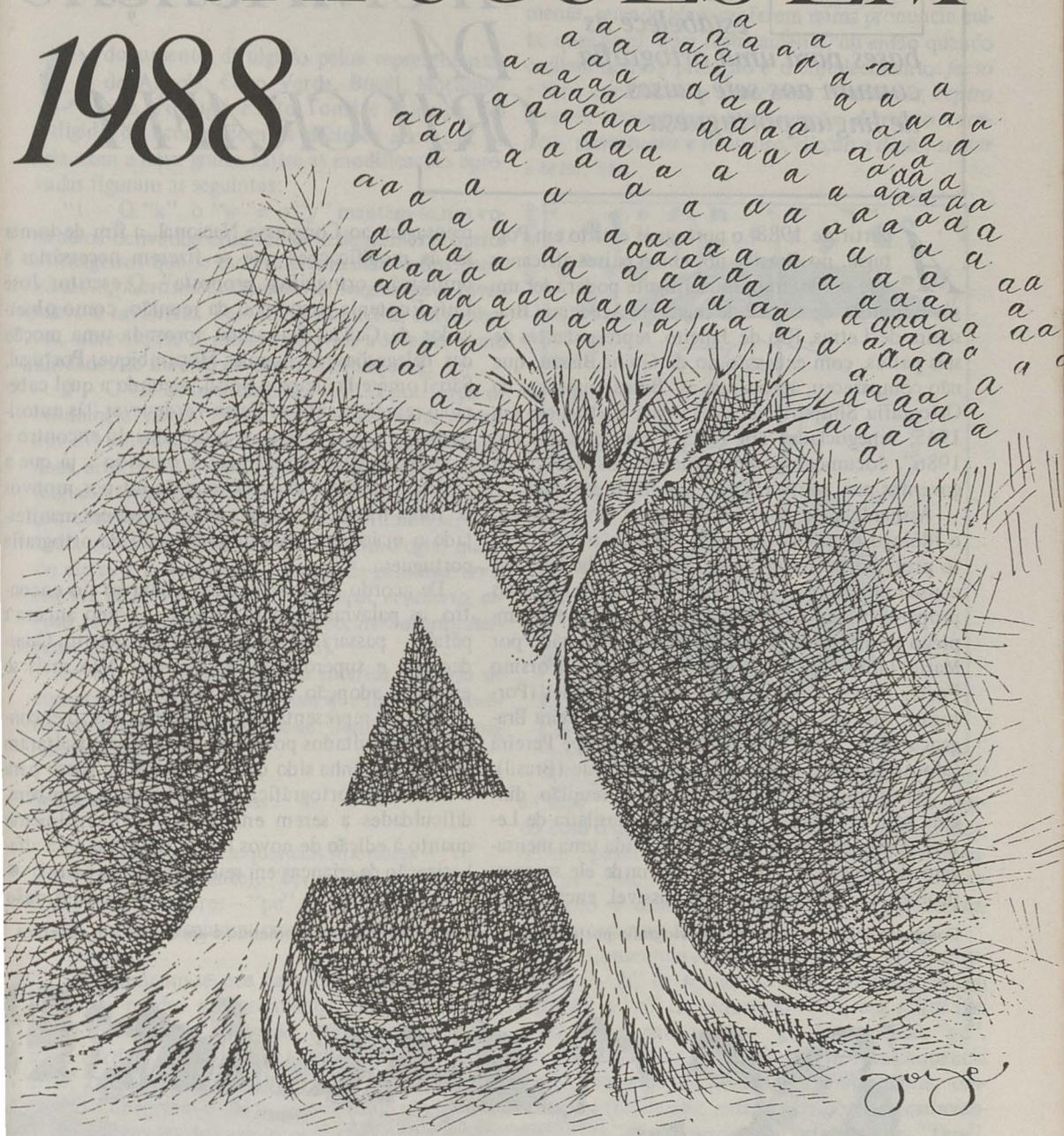
A irradiação de alimentos não passa de um pretexto para garantir a sobrevivência da indústria nuclear. Os resíduos nucleares produzidos em países do Primeiro Mundo serão derramados em quantidades incalculáveis em países do Terceiro Mundo através de alimentos irradiados. A Inglaterra já proibiu o processo de irradiação de alimentos. O governo dos Estados Unidos, porém, vem promovendo a irradiação de inúmeros produtos alimentares. E a Administração de Alimentos e Drogas (FDA) dos Estados Unidos não exige qualquer rótulo especial de advertência em alimentos irradiados.

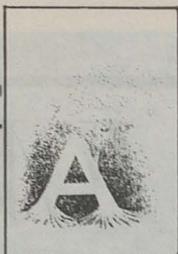
Os países do Terceiro Mundo devem decidir desde já se vão ou não permitir que os países do Primeiro Mundo os usem como cobaias. Os defensores da irradiação de alimentos não visam à saúde dos consumidores: longe disso, o que lhes interessa é lucrar com os dejetos radioativos da indústria nuclear de seus países e, ao mesmo tempo, justificar a proliferação de usinas e armas nucleares.

<sup>3</sup> Pamphlet em *Food irradiation: what are the hazards* publicado pelo Health and Energy Institute, Washington DC 20002, EUA.

---

# O PORTUGUÊS EM 1988





*Uma reunião no  
Rio de Janeiro  
estabelece as  
bases para uma ortografia  
comum aos sete países  
de língua portuguesa*

# A UNIFICAÇÃO DA ORTOGRAFIA

A partir de 1988, o português escrito em Portugal, no Brasil e nos cinco países africanos que o adotaram oficialmente poderá ser um só. Reunidos de 6 a 12 de maio, na Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, representantes de seis países, com exceção do da Guiné-Bissau, que não compareceu, aprovaram as "Bases Analíticas da Ortografia Simplificada da Língua Portuguesa em 1945, renegociadas em 1975 e consolidadas em 1986", documento a ser submetido aos respectivos governos para ratificação do que ficou decidido.

Assinado pelo coordenador geral do encontro, o filólogo brasileiro Antonio Houaiss, o documento prevê, entre outras modificações, a abolição das consoantes mudas, a não-acentuação de palavras proparoxítonas, a aglutinação de outras e o emprego do hífen. O protocolo final foi firmado por Maria Luisa Dolbeth (Angola), Antonio Corsino Fortes (Cabo Verde), Manuel Jacinto Nunes (Portugal), Albertino Homem dos Santos Sequeira Bragança (São Tomé e Príncipe), Luís Filipe Pereira (Moçambique) e Austregésilo de Athayde (Brasil).

Na cerimônia de encerramento da reunião, dirigida pelo presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, foi lida uma mensagem do presidente José Sarney, onde ele se comprometeu, "com a brevidade possível, encaminhar

mensagem ao Congresso Nacional, a fim de tornar lei as modificações que se fizerem necessárias à unificação ortográfica proposta". O escritor José Luís Fontenla participou da reunião, como observador da Galiza. Foi ainda aprovada uma moção das delegações de Angola, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Brasil, segundo a qual caberá ao representante de Cabo Verde levar "às autoridades da Guiné-Bissau os resultados do encontro e o material documental nele produzido", já que a ausência daquele país na reunião foi por motivos de força maior, tendo as suas autoridades manifestado o maior interesse na unificação da ortografia portuguesa.

De acordo com as decisões adotadas no encontro, as palavras proparoxítonas — como âncora e pétala — passarão a ser grafadas sem acento. Guardachuva e superomem, aglutinadas. Não mais se escreverá adoção, mas sim adoção.

Para os representantes dos sete países, o encontro teve resultados positivos, mas todos ressaltaram que apenas tinha sido dado um primeiro passo para a unificação ortográfica. Reconheceram, também, dificuldades a serem enfrentadas, principalmente quanto à edição de novos livros de ensino e na alfabetização de crianças em seus respectivos países. ●

**Antonio Aragão**

Congresso sobre a unificação da ortografia portuguesa. O documento será agora submetido à aprovação dos governos

Hélio Santos



# AS RESOLUÇÕES

O documento divulgado pelos representantes de Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, foi redigido de acordo com as decisões adotadas, ou seja, com a nova grafia. Entre as modificações aprovadas figuram as seguintes:

1 - O "k", o "w" e o "y" mantêm-se nos vocabulários derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros que se escrevem com essas letras: *frankliniano, kantismo, darwinismo, wagneriano, byroniano e taylorista*. Tais letras são lícitas em símbolos, abreviações e mesmo palavras adotadas como unidades de medida de curso internacional.

2 - O "h" inicial emprega-se: 1º) por força da etimologia: *haver, helice, hera, hoje, hora, humano*; 2º) em virtude de tradição gráfica muito longa, com origem no próprio latim e com paralelo em línguas românicas: *humor*; 3º) em virtude de adoção convencional: *hã? hem? hum!* Admite-se, contudo, a sua supressão, apesar da etimologia, quando ela está inteiramente consagrada pelo uso: *erva*, em vez de *herva*; e, portanto, *ervaçal, ervanário, ervoso* (em contraste com *herbáceo, herbanário, herboso*, formas de origem erudita).

Se um "h" inicial passa a interior, por via de composição, e o elemento em que figura se aglutina ao precedente, suprime-se: *inabil, lobisomem, reaver, transumar*.

## Sequências consonânticas:

O "c" gutural das sequências interiores - "cc" - (segundo "c" sibilante), "cc" e "ct", e o "p" das sequências interiores - "pc" - ("c" sibilante), "pc" e "pt", ora se eliminam, ora se conservam.

Assim:

1º) Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos nas pronúncias cultas da língua: *aflicção, dicionário, absorção, cativo, ação, acionar, ator, efetivo, coletivo, diretor, adoção, adotar, batizar, ato, exato, Egito, ótimo*, etc.

2º) Conservam-se nos casos em que são invariavelmente proferidos nas pronúncias cultas da lin-

gua: *compacto, convicção, convicto, ficção, fricção, friccionar, pacto, pictural, adepto, apto, díptico, erupção, inepto, eucalipto, nupcias, rupto*, etc.

3º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente, quando só se proferem numa pronúncia culta, quer geral, quer restritamente, ou então quando oscilam entre a prolação e o emudecimento: *facto e fato, cacto e cato, caracteres e carateres, ceptro e cetro, consumpção e consunção, corrupto e coruto, sumptuoso e suntuoso, dieção e dição, sector e setor*, etc.



4º) Quando, nas sequências interiores - "mpc" e "mpç" - e - "mpt", se eliminar o "p", de acordo com o determinado nos parágrafos precedentes, o "m" passa a "n", escrevendo-se, respectivamente, "nc", "nç" e "nt": *assumptível e assuntível, assumpção e assunção, peremptório e perentório, sumptuoso e suntuoso*, etc.

5º) Conservam-se ou eliminam-se, facultativamente: o "b" da sequência "bd", em *subditor* (ou *suditor*); o "b" da sequência "bt", em *subtil* (ou *sutil*) e seus derivados; o "g" da sequência "gd", em *amígdala* (ou *amídala*); o "m" da sequência "mn", em *amnistia, amnistiar, onipotente, onisciente* (ou *anístia, anístiar, onipotente, onisciente*); o "th" da sequência de origem grega "thm",

sob a forma de "t", em *aritmética* e *aritmético* (ou *aritmética* e *arimético*).

### Palavras compostas

1º) Os compostos formados por elementos que não apresentam concordância interna grafam-se aglutinadamente: *madreperola*, *madressilva*, *pontapé*, *sulafriano*, *portocalegrense*, *sãotomense*, *portalmense*, *audiovisual*, *lusobrasileiro*, *afrolusobrasileiro*, *girassol*, *contagota*, *fincapê*, *guardachuva*, *paraquedista*, *malmequer*, *bemequer*, etc.

2º) Todos os outros compostos, reais ou aparentes, cujos elementos constituintes apresentem concordância interna ou estejam ligados por preposição, artigo ou qualquer outra forma, assim como as locuções de qualquer espécie, grafar-se-ão sem aglutinação e sem hífen (nisso compreendidos os toponimos do tipo *Quebra Frascos*, *Passa Quatro*, *Abre Campo* etc.): *medico cirurgião*, *bispo arcebispo*, *rainha claudia*, *alcaide mor*, *amor perfeito*, *guarda noturno*, *primeiro ministro*, *azul escuro*,

*Grã Bretanha*, *Grão Pará*, *Todo Poderoso*, *agua de colonia*, *cor de rosa*, *Trás os Montes*, *mais que perfeito*, *à queima roupa*, *por dá cá aquela palha*, *em cima*, etc.

3º) Emprega-se o hífen nos vocabulos terminados por sufixos de origem tupi que representam formas adjetivas, como *açu*, *guaçu*, *mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronuncia exige a distinção grafica de dois elementos: *amoré-guaçu*, *anajá-mirim*, *andá-açu*, *capim-açu*, *Ceará-Mirim*, etc.

4º) É proscrito o emprego do hífen nas ligações da preposição "de" às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*, tipo *hei de*, *hás de*, etc.

5º) Emprega-se o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando, não propriamente vocabulos, mas encadeamentos vocabulares (tipo a divisa *Liberdade-Igualdade-Fraternidade*, a ponte *Rio-Niterói*, o percurso *Lisboa-Coimbra-Porto*, a ligação *Angola-Moçambi-*

## O PROTOCOLO

□ Ao final do encontro, os representantes dos seis países divulgaram um documento, "Protocolo do Encontro de Unificação Ortografica da Língua Brasileira" (na versão unificada), em que fazem um histórico dos entendimentos, desde o final do século passado, no sentido da unificação agora acertada, dos seus princípios, das concessões recíprocas e concluem com recomendações comuns.

Estas últimas são:

"1 - As delegações recomendam vivamente aos governos de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe que adotem as "Bases da ortografia simplificada acordadas em 1945, renegociadas em 1975 e consolidadas em 1986" como o sistema nacional de ortografia, sistema nacional que, em tudo igual em cada um dos sete países, será *ipso facto* o sistema comum dos mesmos.

"2 - Recomendam, também, que cada Governo decida quanto ao *modus faciendi* da ação le-

giferante, e que, tornadas lei nacional as "Bases" referidas, cada governo comunique o fato aos seis outros.

"3 - Recomendam, ainda, que a vigência da lei se torne efetiva a partir de 1º de janeiro de 1988, com a sua ratificação pelos governos brasileiro e português. Fica aberta a ratificação a qualquer tempo dos governos africanos.

"4 - Recomendam, ademais, que os sete países editem conjuntamente um vocabulário ortografico de língua portuguesa, com registro das variantes e peculiaridades lexicais nacionais de cada um, comprometendo-se a não proceder a quaisquer modificações ou aperfeiçoamentos do sistema ortografico unificado sem audiência e concordância reciproca e comum, o que deverá cada dez anos ser aprovado por novo Encontro, convocado por outro que não o Governo que convocou o anterior. As delegações propuseram que o proximo Encontro seja convocado pelo Governo português.

"5 - Recomendam, por fim, que cada país estude desde já as possibilidades de credenciar um organismo proprio para dialogar com os outros seis sobre os problemas da língua".

que, e bem assim nas combinações históricas ou ocasionais de toponimos (tipo *Austria-Hungria*, *Alsácia-Lorena*, *Angola-Brasil*, *Toquio-Rio de Janeiro*, etc.).

6º) Na tmesse da conjugação portuguesa (tipo *amá-lo-ei*, *enviar-lhe-emos*, etc.) e na enclise (tipo *amá-lo*, *partir-lhe*, etc)

### O hífen na prefixação

Na prefixação, não se emprega o hífen, salvo quando se trate dos prefixos "sem", "er" (no sentido de cessamento do estado anterior), *vice*, *vizo*, *alem*, *recem*, *aquem* ou prefixos que têm acento gráfico próprio (como *pós*, *pré*, *pró*). A exemplificação a seguir ilustra:

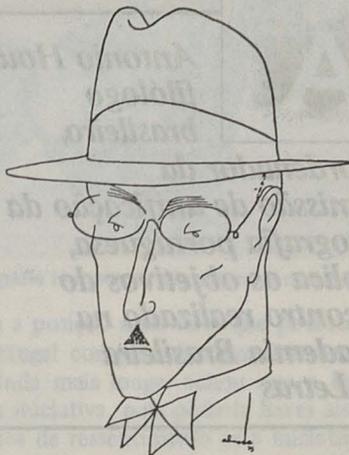
1 — *contrapartida*, *contraalmirante*, *contraarmônico*, *contrassenha*, *extraforte*, *extraaxilar*, *extraumano*, *extraterritorial*, *extrarregulamentar*, *extrassecular*, *infrarrenal*, *infranormal*, *suprapotente*, *suprassensível*, *ultraveloz*, *ultraumano*, *ultraoceânico*, *ultrarromântico*, *ultrassom*, *autoeducação*, *autorretrato*, *autossugestão*, *neoescolástico*, *neorrepúblicano*, *neossocialista*, *prototipo*, *antigênico*, *antiibérico*, *antiimperialista*, *antirreligioso*, *antisemita*, *arquiiperbole*, *arquiirmandade*, *semiinterno*, *semis selvagem*, *anteistorico*, *sobreumano*, *hiperumano*, *hipersensível*, *superomem*, *superrequintado*, *subtenente*, *subdelegado*, *cooproprietário*, *maldizente*, *malquisto*, *malumorado*, *malamado*, *panafricano*, *panamericano*, *panelenico*, *benquistado*, *benfazer*, *benquerente*, *benvido*, *bemaventurança*, etc.

2 — *sem-cerimonia*, *sem-numero*, *sem-razão*, *ex-diretor*, *ex-correligionário*, *ex-primeiro-ministro*, *vice-almirante*, *vice-consul*, *vice-primeiro-ministro*, *vizo-rei*, *vizo-reinado*, *alem-atlântico*, *alem-mar*, *aquem-fronteiras*, *pós-glaciário*, *pré-histórico*, *pró-britânico*, *recem-casado*, *recem-inaugurado*.

### Acentuação gráfica

O sistema de acentuação gráfica obedecerá às seguintes disposições:

1º) O *acento grave*, segundo o modelo das formas "ã" e "às", resultantes da contração da preposição "a" com as flexões femininas do artigo definido ou pronomes demonstrativos "a" e "as" notará as contrações da preposição "a" inicial das



formas pronominais demonstrativas *aquele*, *aquela*, *aquilo*, *aqueloutro*, *aqueloutra*, *àquele*, *àquela*, *àquilo*, *àqueloutro*.

2º) O *acento agudo* notará as vogais "a", "e" e "o" abertas seguidas ou não de "s" de vocabulos agudos ou oxítonos: *pá*, *pé*, *pó*, *rajá*, *café*. E também, facultativamente, as formas *louvâmos*, *amâmos* e conexas do preterito perfeito do indicativo da primeira conjugação em contraste com as formas *louvamos*, *amamos* e conexas do presente do indicativo.

3º) O *acento circunflexo*: nas palavras agudas ou oxítonas terminadas nas vogais "e" e "o" fechadas seguidas ou não de "s": *vê*, *mercê*, *vês*, *mercês*, *rô*, *rôs*, *robô*, *robôs*; nas formas da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*, *têm* e *vêm*, e dos seus compostos *contêm*, *convêm*, *mantêm*, *provêm*, etc. (Em relação com o disposto, lembre-se que às formas do singular *lê*, *vê*, *crê*, *relê*, *descreê*, etc, opõem-se *leem*, *creem*, *releem*, *reveem*, *descreem*, etc. do plural; na flexão *pôde* do preterito perfeito do verbo *poder* em contraste com a flexão *pode* do indicativo do mesmo verbo, bem como os substantivos *fôrma* e *fôrmas*, em contraste com *forma* e *formas*, flexões do verbo *formar* e também substantivos.

Em casos de ambiguidade contextual que possa ser desfeita pela acentuação gráfica, fica facultativo o uso do acento para dirimi-la. Não há, por exemplo, ambiguidade contextual em "fabricas o que quiseres com fabricas cibernéticas", nem em "é preciso por tanto no que se faz, por amor dos outros."



**Antonio Houaiss,**  
**filólogo**  
**brasileiro,**

**coordenador da**  
**comissão de unificação da**  
**ortografia portuguesa,**  
**explica os objetivos do**  
**encontro realizado na**  
**Academia Brasileira**  
**de Letras**

## **UMA DECISÃO** **DE** **GRANDE VALOR** **POLÍTICO**

“ A língua portuguesa tem, mais ou menos, 160 milhões de usuários, em sete países, com duas ou três grafias diferentes, o que representa um disparate monumental. Este fato não só exige uma dupla editoração, como uma dupla redação dos documentos diplomáticos, às vezes até tripla, o que impede uma maior interpenetração recíproca”.

A declaração de Antonio Houaiss, presidente da comissão dos sete países de expressão oficial portuguesa, explica a razão do encontro ocorrido de 6 a 12 de maio último, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, para aprovação de um acordo de unificação da ortografia oficial, que passará a ser comum a todos os países de língua portuguesa.

### **Os benefícios da simplificação**

Desde que ingressou, em 1971, na Academia Brasileira de Letras o filólogo Antonio Houaiss vem lutando por esta tese. “Eu sempre advoguei na Academia a posição de que deveríamos procurar a unificação ortográfica, devido a razões políticas, éticas, econômicas, sociais e morais. Mas precisávamos vencer algumas barreiras. Primeiro, mostrar que a nossa língua não se afere pela forma como cada um a fala, ainda que esse seja um dos parâmetros mais usuais do leigo. Ele supõe que fala tão bem o seu idioma que ele tem que ser falado de acordo com a sua forma. Essa ingenuidade é comum a indivíduos de todas as coletividades. Assim, de acordo com este raciocínio, em espanhol have-

ria 300 milhões de línguas e em português por volta de 160 a 170 milhões”.

Antonio Houaiss lembra que, desde 1910/1911, têm sido feitas, em Portugal e no Brasil, tentativas de simplificação ortográfica.

“A Academia Brasileira de Letras, em 1910, adotou, durante um certo período, uma simplificação própria, que foi, de certa forma, produto dos esforços de Medeiros de Albuquerque, João Ribeiro e de outros filólogos, membros ou não da ABL. Chegamos a publicar vários textos, inclusive de Machado de Assis, com essa simplificação ortográfica. A partir de 1933, Brasil e Portugal concorda-

---

***“Este acordo só foi possível porque***  
***Brasil e Portugal fizeram concessões***  
***mútuas, sem que ninguém impusesse***  
***as suas regras”***

---

ram que seria conveniente uma simplificação ortográfica comum.”

“Em 1943, o Brasil, antecipando-se a Portugal, adotou uma simplificação da sua ortografia e, em 1945, foi assinado um acordo luso-brasileiro de simplificação. Esse acordo foi aprovado em Portugal, mas o Parlamento brasileiro rejeitou-o”, assinala Houaiss. Segundo o filólogo brasileiro, o Brasil não cumpriu porque os deputados brasileiros sentiram que havia certas regras ortográficas que ficavam tão profundamente dependentes da pronúncia portuguesa de padrão lisboeta que o bra-

sileiro teria que pensar em termos linguísticos lisboetas para poder ortografar.

“O Brasil continuou com a ortografia anterior, de 1943, que a Academia havia adotado. Portugal respeitou o acordo de 1945, o que não lhe foi difícil, pois de certa forma ele lhe favorecia. O fato é que as duas formas ortográficas vigoram nos dois países desde então, criando no ambiente político situações muito constrangedoras.

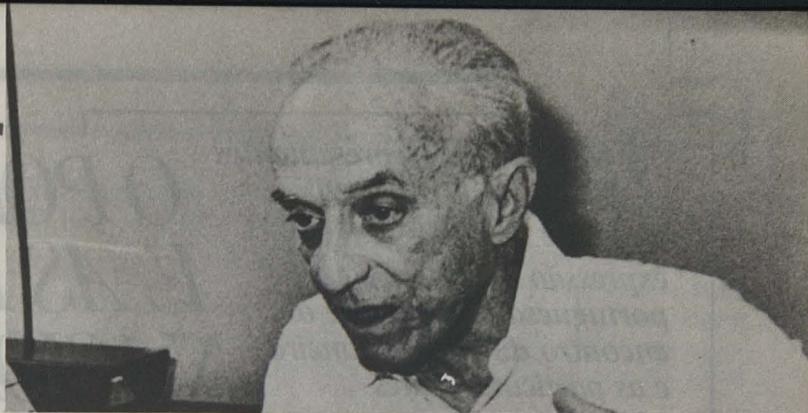
“No período salazarista, por exemplo, quando Portugal não queria que um determinado livro brasileiro circulasse no país, alegava simplesmente que ele não estava na ortografia oficial. Para que o livro pudesse ser distribuído, o editor teria que reimprim-lo, recompô-lo, etc. . O pior de tudo — afirma Antonio Houaiss — é que certos textos brasileiros, a pretexto de serem adaptados ortograficamente, chegavam a ser alterados na sua forma e conteúdo. Desde então, existe no Brasil e em Portugal a convicção de que esta situação não pode continuar.

“O primeiro momento de aproximação ortográfica entre o Brasil e Portugal foi quando nós, brasileiros, em dezembro de 1971, eliminamos muitos acentos circunflexos. A partir daí, na Academia de Ciências e na Academia Brasileira de Letras alguns acadêmicos começaram a negociar o *modus faciendi* para uma simplificação ortográfica, e o projeto, elaborado pelas duas academias, ficou pronto em 1975.

“Porém, as circunstâncias políticas em Portugal e no Brasil não permitiram que esse acordo fosse levado, como era necessário, aos dois parlamentos para, depois de discutido e aprovado, ser transformado em lei. Quando a situação política começou a mudar, tanto em Portugal quanto no Brasil, surgiu novamente a idéia de enviar esse projeto aos respectivos legislativos.”

Nessa ocasião, Antonio Houaiss defendeu a posição de que os cinco países africanos de expressão oficial portuguesa — que nesse intervalo de tempo haviam conquistado a independência — deveriam ser igualmente consultados.

“Já não se justificava que esta matéria fosse tratada apenas pelo Brasil e por Portugal. Era necessária a participação dos sete países. Politicamente,



Antonio Houaiss: uma dupla grafia representa “um disparate monumental”

esta era a posição mais séria que poderíamos adotar. Portugal compreendeu imediatamente o fato e foi ainda mais longe: achou que o Brasil devia tomar a iniciativa, pois poderia haver ainda alguns resquícios de ressentimento se a iniciativa partisse de Portugal.

“Quando levamos a proposta ao governo brasileiro, a idéia foi imediatamente aceita. Fui, então, designado pelo governo para visitar, em missão especial, os outros seis países”, diz Houaiss.

“Como resultado dessa viagem, foi realizado este encontro, na Academia Brasileira de Letras, para reexaminar o acordo obtido em 1975. A partir de agora, os sete países comprometem-se a não fazer quaisquer inovações em termos ortográficos sem primeiro ouvirem os outros Estados interessados. Este compromisso visa a defender a unificação ortográfica, de grande valor político, cultural, científico e econômico.

“Evidentemente — assinala Houaiss — este acordo só foi possível porque Brasil e Portugal fizeram concessões mútuas, sem que ninguém impusesse as suas regras. Os países africanos ficaram encantados com a unificação. Eles querem ter acesso aos textos brasileiros e portugueses com uma grafia única, o que, evidentemente, vai lhes facilitar a vida.”

Para Antonio Houaiss “a unificação ortográfica abre a possibilidade de várias pronúncias. Em vez de ser *fechadora*, ela é *abridora* por definição. Haverá sempre portugueses e brasileiros que acharão que os outros falam errado e que o padrão correto é o seu. Esta noção, um pouco chauvinista e até utópica de superioridade sobre os outros, é uma forma de xenofobia levada ao auge, a qual todas as pessoas têm um certo direito de cultivar irônica, mas não convictamente, caso contrário a humanidade não teria sobrevivido”.

●  
A.A.

A

Os representantes  
dos países  
africanos de

expressão oficial  
portuguesa falam sobre o  
encontro do Rio de Janeiro  
e as particularidades  
idiomáticas dos seus povos

# O PORTUGUÊS E AS LÍNGUAS NACIONAIS

**E**ncerrado o encontro, os quatro representantes dos países africanos – Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe – foram unânimes em assinalar a importância do acordo firmado, e cada um deles falou de como será feita a implementação das reformas em suas respectivas nações e sobre problemas a serem enfrentados, de acordo com as particularidades locais.

Para Maria Luisa Dolbeth Costa, em Angola “principalmente nos últimos anos, depois da independência, a transformação da língua portuguesa tem se verificado de uma forma muito acelerada”. Mas, segundo ela, só daqui a alguns anos será possível fazer um estudo sério sobre as particularidades do português falado em Angola.

A delegada angolana disse que no encontro do Rio de Janeiro houve concessões recíprocas e foi proposto que cada país indicasse um órgão capaz de dar continuidade aos trabalhos através de contatos permanentes, que permitam efetuar um balanço das dificuldades enfrentadas na implemen-

ção definitiva da unificação ortográfica.

A delegada angolana lembrou o esforço que as autoridades da área da cultura e do ensino em seu país estão dando às línguas nacionais, para as quais inclusive estão sendo elaborados alfabetos especiais.

No entanto, segundo a representante de Angola, essa realidade não interfere com os esforços que possam ser feitos pelo seu país no sentido de apoiar e incentivar a unificação ortográfica da língua portuguesa, o que “só trará benefícios para todos”.

O embaixador Corsino Fortes, de Cabo Verde, lembrou a existência de idiomas nacionais em seu país, “que traduzem a nossa autenticidade como nação de determinado peso histórico”. Mas afirmou ser o português também a língua do seu povo. “O português pertence aos povos que o falam”, assinalou.

Quanto ao crioulo, língua nativa de Cabo Verde, que alguns defendem como idioma oficial do país, o embaixador admite uma certa autenticida-

Os representantes dos países africanos: Corsino Fortes (Cabo Verde), Albertino Bragança (S. Tomé e Príncipe), Maria Luiza Costa (Angola) e Luís Filipe Pereira (Moçambique). Unanimidade quanto à importância do acordo assinado

Walter Santos



de na tese, mas ressalta que, para isso, será necessário "todo um trabalho para escrevê-lo, ensiná-lo, etc."

Corsino Fortes considera que o trabalho em seu país será mais positivo se houver a consciência da existência de duas línguas e a alfabetização poderá ser feita nos dois idiomas.

Luís Filipe Pereira, diretor do Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação de Moçambique, informou que o texto definitivo do acordo somente vai ser divulgado depois de aprovado pelos governos dos sete países. Sobre as concessões feitas, ele comentou que todos as fizeram, mas destacou o fato de o Brasil ter tomado a iniciativa há algum tempo. "É preciso não esquecer os 130 milhões de brasileiros", disse.

Com relação ao problema educacional em seu país o delegado moçambicano afirmou que depois da conquista da independência, se fez "um grande esforço". Lembrou que o número de analfabetos

era de 95% em 1975 e, agora, já decresceu em 20%. "Temos ainda, então, em torno de 73% de analfabetos, em todas as faixas de idade".

No caso de seu país, Luís Filipe Pereira destacou que "é preciso pensar em termos das línguas nacionais, em grande número e faladas pela maioria da população. Mas o português, a língua oficial — disse — é a única escrita".

Albertino Homem dos Santos Sequeira Bragança, representante de São Tomé e Príncipe, considera que é preciso defender a unificação ortográfica; "senão seria o caos". Porém, ele acha necessária a maior liberdade possível de expressão oral.

"O meu país — afirmou — não enfrenta problemas de línguas nacionais, pois todos falam e entendem o português". Existe o crioulo, "que devemos e podemos desenvolver do ponto de vista cultural, mas, sob o prisma econômico, é difícil impor uma língua de 150 a 200 mil habitantes à comunidade internacional". ●

**BARRICADA**

Órgão INTERNACIONAL  
de difusão  
para o exterior  
da Frente Sandinista  
de Libertação Nacional  
— FSLN



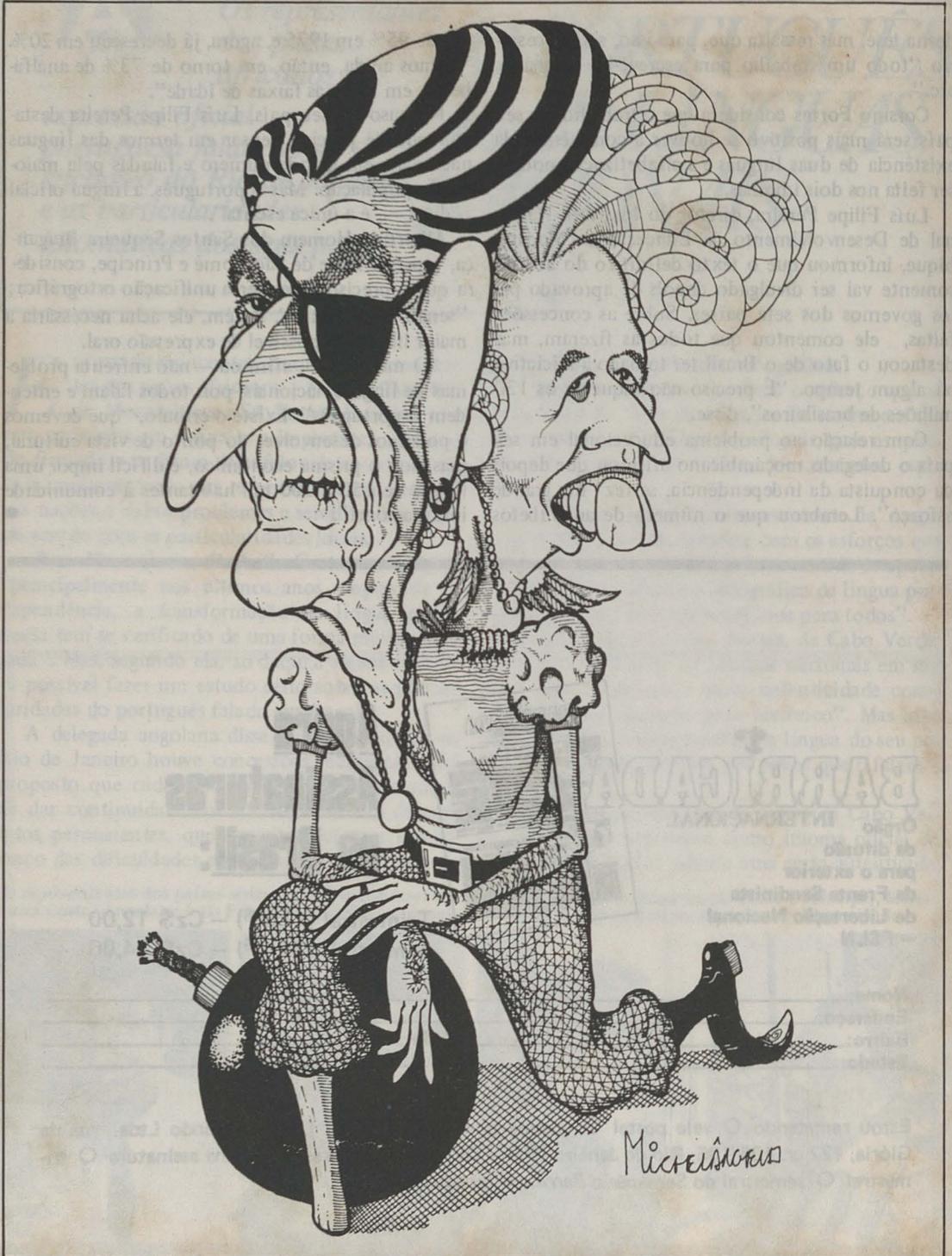
**Agora  
Assinaturas  
no Brasil:**

Trimestral (12n<sup>os</sup>) — Cz\$ 12,00  
Semestral (24n<sup>os</sup>) — Cz\$ 24,00

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_  
Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_  
Estado: \_\_\_\_\_ País: \_\_\_\_\_

Estou remetendo  vale postal  cheque nominal à Editora Terceiro Mundo Ltda., rua da Glória, 122 gr. 105/106, Rio de Janeiro (RJ) — CEP 20241, referente à minha assinatura  trimestral  semestral do Semanário *Barricada Internacional*.

# Humor



# Angola, terra da liberdade.



TAAG - Av. Presidente Vargas 542/1603  
telefones: 263-9711, 263-4988, 263-4911  
telefones Aeroporto Internacional: 398-3112 e 398-3113

<b>LUANDA</b>	<b>SAÍDAS</b>	<b>CHEGADAS</b>
	sábado: 10.00 hs.	sábado: 13.30 hs
	(hora de Angola)	(hora do Brasil)
<b>RIO</b>	domingo: 17.00 hs.	2ª feira: 5.00 hs
	(hora do Brasil)	(hora de Angola)



# TAAG

**LINHAS AÉREAS DE ANGOLA**  
**A Serviço da Reconstrução Nacional**

CHEQUE  
PARA QUEM PAGA.  
DINHEIRO  
PARA QUEM RECEBE.



**BANERJ**



O BANCO QUE  
O POVO ELEGEU

**CHEQUE VERDE**

a terca